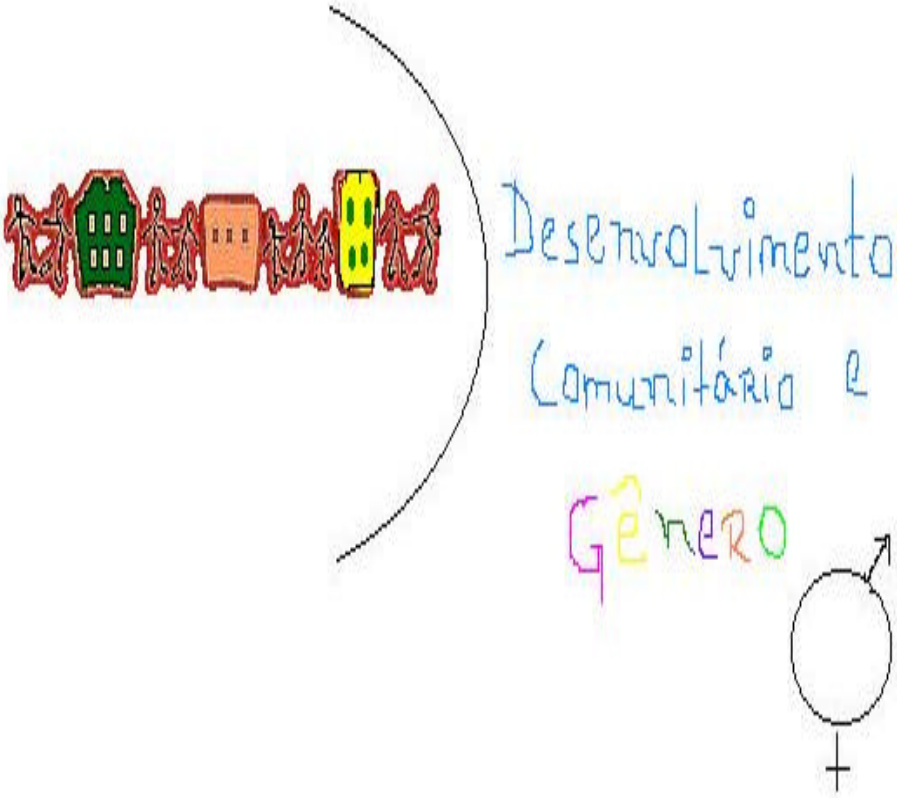
Metodologias e Práticas de Desenvolvimento Comunitário



Projeto Peixes, Pessoas e Água

Equipe de elaboração:
Thais Fernanda Leite Madeira e Erika de Castro

Projeto gráfico, ilustração da capa e editoração:
Thais Fernanda Leite Madeira

REALIZAÇÃO

projeto peixes pessoas e água
BRASIL - CANADÁ

APOIO

Agence canadienne de développement international
Canadian International Development Agency

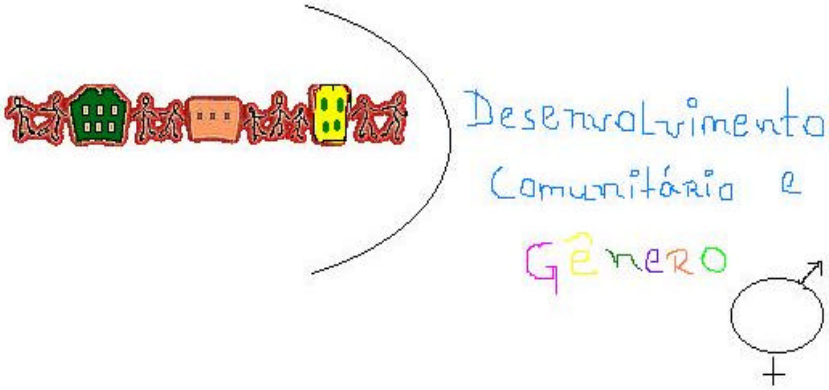
ufsjca

WORLD FISHERIES TRUST

Federação dos Pescadores Artesanais de Minas Gerais

PARCEIROS

Prefeitura Municipal de Buritizeiro
Prefeitura Municipal de Ibiaí
Prefeitura Municipal de Pirapora
Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Abaeté
Prefeitura Municipal de Três Marias
Prefeitura Municipal de Várzea da Palma
Sub-Prefeitura de Barra do Guaicuí



Caras amigas
Caros amigos

Esta cartilha reune e complementa o trabalho de pesquisadores/as nas áreas de Desenvolvimento Comunitário e Gênero, adaptados para o contexto do Projeto Peixes, Pessoas e Água, ou "A Pesca Continental no Brasil: Modo de vida e conservação sustentável"[1]. Este projeto, uma colaboracão bilateral entre o Brasil e o Canadá, busca a implantação da co-gestão da pesca artesanal e a sustentabilidade da pesca familiar artesanal e do meio ambiente na região do médio São Francisco. Um dos objetivos do projeto, entre outros, é fortalecer a organização social das comunidades ribeirinhas do São Francisco e desenvolver estudos que permitam a formulação de ações de intervenção e de auto-desenvolvimento que tenahm como centro de interesse as questões de gênero, raça e preservacão do meio ambiente.

*A proposta da I Oficina de Desenvolvimento Comunitário e Gênero é o desenvolvimento comunitário centrado nos aspectos de gênero e criação de alternativas para geração de renda. A oficina "**Metodologias e Práticas de Desenvolvimento Comunitário" Primeira Etapa,** teve como objetivos específicos:*

- *Oferecer treinamento em desenvolvimento comunitário e gênero às equipes técnicas das prefeituras envolvidas no projeto PPA, de acordo com metodologias de inclusão social que buscam participação da comunidade na criação e implementação de estratégias de auto-desenvolvimento para*

[1] Este projeto é financiado pela Canadian International Development Agency (CIDA), e International Development Research Centre (IDRC) e tem como parceiros a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e as ONGs World Fisheries Trust (WFT) e Instituto Amazonico de Manejo Sustentável dos Recursos Ambientais (IARA).

melhoria de sua situação sócio-econômica, dentro de princípios de conservação e preservação ambiental;

- *Estimular o intercâmbio entre as várias instituições locais e regionais e junto aos parceiros do Canadá, ampliando as discussões sobre possibilidades e desafios do desenvolvimento comunitário na região, bem como para estabelecer redes de informação e apoio social local e regional.*

Como resultados importantes da primeira etapa da I Oficina de Metodologia e Práticas de Desenvolvimento Comunitário, listamos abaixo alguns comentários mencionados nas avaliações dos participantes: o desenvolvimento de intercâmbio pró-ativo entre as prefeituras; a possibilidade de conhecer projetos em andamento ou sendo implantados que poderão ser eventualmente replicado;, a troca de informações sobre assuntos de interesse comum; a possibilidade de construção de uma rede de informações e conhecimentos relacionados ao desenvolvimento comunitário, às estratégias para geração de renda e à inclusão da mulher.

*A segunda etapa da Oficina "***Metodologias e Práticas de Desenvolvimento Comunitário***" visará o aprofundamento dos objetivos já citados, de forma pragmática e concreta, junto às comunidades. Mais especificadamente, a oficina tem como objetivos:*

- *Propiciar aos participantes das prefeituras a oportunidade de serem co-facilitadores e colocarem em prática, junto aos membros da comunidade pesqueira, algumas metodologias selecionadas para estímular o desenvolvimento comunitário;*
- *Discutir com a comunidade pesqueira seus desafios, e a partir dessa discussão, dentro de uma visão pró-ativa, construir de forma participativa soluções para os problemas detectados;*
- *Oferecer treinamento a membros da comunidade pesqueira dentro das áreas de educação e cidadania para que os mesmos se tornem multiplicadores de novos conceitos e atitudes sobre desenvolvimento comunitário, geração de renda e inclusão da mulher.*

Para esclarecer a estratégia de colaboração e cooperação entre todos os parceiros envolvidos no PPA, respondemos abaixo duas questões-chave que vêm orientando nossos trabalhos na região:

- *<u>Por que a comunidade pesqueira</u>? Porque a público-alvo do PPA são os pescadores e pescadoras artesanais, que constituem portanto a **comunidade piloto** dentro da estratégia de inclusão social de grupos mais vulneráveis (dentro desse grupo, salientando-se mulheres e jovens, bem como os profissionais dependentes de atividades primárias e sazonais).*

- *<u>Por que desenvolvimento comunitário e gênero</u>? O reconhecimento da fragmentação atual das comunidades, que contribui para o isolamento tanto da vida social das comunidades como de seus membros em diversas experiências não relacionadas entre si, leva à busca de processos que permitam a redescoberta das ligações orgânicas entre as experiências e a potencialização das estratégias de inclusão social. O desenvolvimento comunitário é um desses processos, e no qual este projeto tem tão somente um papel de facilitador. A comunidade, e aqui entendemos a comunidade formada tanto por aqueles que vivem na cidade como também por seus gestores, é na realidade a responsável pelas necessárias mudanças de atitude e comportamento, sendo seu envolvimento fundamental, para garantir a sustentabilidade e continuidade dos processos de desenvolvimento social, cultural e econômico, que são contínuos e dependentes de um comprometimento de todos os envolvidos. O desenvolvimento comunitário deve ser um processo holístico que integre todas as facetas da vida das comunidades, em suas dimensões sociais, políticas, econômicas, artísticas, éticas, e espirituais, consideradas como parte de um todo. Essas dimensões precisam ser trabalhadas de forma a funcionar em conjunto, reforçando-se mutuamente de forma a integrar todos os cidadãos – em especial as mulheres, costumeiramente alijadas - na exploração coletiva da capacidade inata das pessoas de cooperação e busca de melhor qualidade de vida para suas famílias.*

Nesse sentido, a proposta desta oficina consolida-se como uma idéia de um "projétil", ou seja, uma idéia que se lança, com força, para atingir determinados fins e resultados. A força e o impacto desse "projétil" dependem das pessoas conquistadas pelas idéias em seu bojo, que se agregam durante o percurso e movimento, aumentando o raio de impacto e ampliando os resultados desejados. O êxito do impacto só se fará sentir se conseguirmos juntar vários desejos e vontades durante o trajeto seguido. Por isso, os pescadores e pescadoras, as mães, pais, filhos e filhas das famílias ribeirinhas, os gestores e gestoras municipais, não podem estar fora desta empreitada, trabalhando coletivamente para o desenvolvimento das comunidades de forma sustentável e socialmente justa.

Este material é uma compilação de diversos documentos, apresentacões e textos sobre desenvolvimento comunitário, metodologias participativas, gênero, captação de recursos, etc., e possui, portanto, um caráter mais próximo de um "inventário" sobre como têm sido pensadas as temáticas aqui apresentadas, do que uma abordagem completa e definitiva. É um trabalho em andamento.

Dessa forma, esta cartilha pretende buscar e fortalecer os conhecimentos que as comunidades já têm, sistematizando informacões e discussões que possam contribuir para a construção de uma próxima etapa de trabalhos, a ser definida a partir dos resultados que venham a ser obtidos.

A adesão à proposta de desenvolvimento comunitário focado em gênero, que aqui apresentamos acrescida das contribuições dos participantes das oficinas, irá nortear a construção de uma cartilha/ manual definitivo.

Para todos, parabéns pela disposição em participar deste projeto e bom trabalho!

Projeto Peixes, Pessoas e Água

SUMÁRIO

1 CONCEITOS BÁSICOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DE GÊNERO

Página 08

2 Desenvolvimento Econômico Comunitário

Página 12

3 **COMO NÓS NOS PLANEJAMOS:** MULHERES E O PROCESSO DE PLANEJAMENTO COMUNITÁRIO

Página 33

4 Biomapas Comunitários O Processo de Elaboração Passo-a-Passo

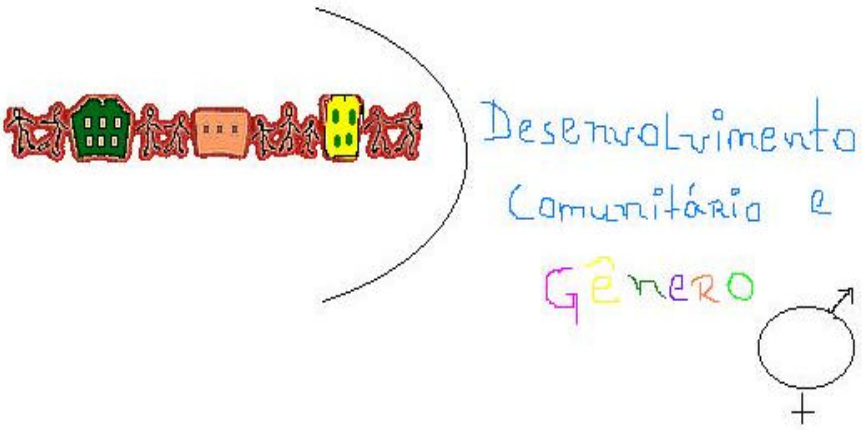
Página 62

5 **Captação de Recursos**

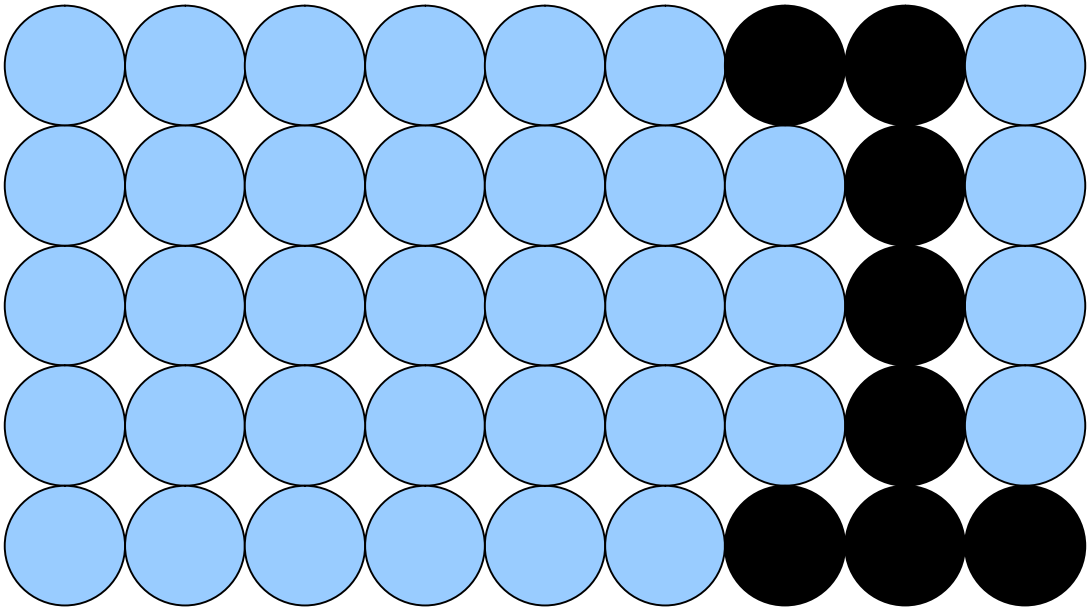
Página 76

6 **Anexos**

Página 89



CONCEITOS BÁSICOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DE GÊNERO



CONCEITOS BÁSICOS E FERRAMENTAS UTILIZADAS NA ANÁLISE DE GÊNERO

GÊNERO E SEXO

SEXO identifica as diferenças biológicas entre homens e mulheres.

PLANEJAMENTO DE GÊNERO

Planejamento de gênero significa uma abordagem que reconhece que homens e mulheres tem papéis diferentes na sociedade e, portanto, ambos tem necessidades diferentes a serem atendidas pelo processo de planejamento.

OS PAPÉIS DEFINIDOS PELO GÊNERO

Na maioria das sociedades, as mulheres de baixa renda tem um papel triplo: as mulheres tem a seu cargo atividades reprodutivas, produtivas e de gerenciamento comunitário, enquanto que os homens desempenham primariamente atividades produtivas e relativas às políticas da comunidade.

Papel reprodutivo: corresponde às responsabilidades de ter e criar as crianças e dos trabalhos domésticos desempenhados pelas mulheres, requisitos para garantia da manutenção e reprodução da força de trabalho.

NECESSIDADES DETERMINADAS POR GÊNERO

As mulheres têm *necessidades específicas*, diferentes das dos homens, não só devido ao triplo papel que as elas assumem, mas também por causa de sua posição de subordinação comparativamente aos homens.

ABORDAGENS POLÍTICAS

As abordagens políticas que se referem às mulheres de baixa renda tem mudado nas últimas décadas, espelhando as mudanças nas políticas macro-ecônomicas de desenvolvimento. As abordagens políticas variam em relação aos papéis das mulheres, estando voltadas ao atendimento de necessidades estratégicas e práticas, e estando direcionadas a um determinado fim.

Seguranca social: a mais antiga abordagem, dos anos 1950-70 que propunha trazer o desenvolvimento às mulheres tornando-as mães melhores. As mulheres são vistas como beneficiárias passivas do desenvolvimento. O papel reprodutivo das mulheres é reconhecido e a abordagem, conceituada de cima para baixo, procura atender às necessidades práticas através de dádivas de alimentos, medidas contra a mal nutrição e planejamento familiar. Não representa nenhuma ameaça ao status quo e é, portanto, ainda extremamente popular.

Eqüidade: A abordagem original MED (Mulher Em Desenvolvimento), usada durante a Década da Mulher, ONU, 1976-85, que procura obter a eqüidade para as mulheres, vistas então como participantes ativas no desenvolvimento. Seu papel triplo é reconhecido, e procura atender às necessidades estratégicas através de intervenções diretas pela autonomia política e econômica, e reduzindo as discrepâncias em relacão aos homens. Essa abordagem desafia a posição de subordinação das mulheres, e é considerada bastante ameaçadora pelo status quo.

Anti-pobreza: A segunda abordagem MED adotada a partir dos anos 70, que propõe assegurar às mulheres pobres o aumento de sua produtividade. A pobreza das mulheres é vista como um problemas de sub-desenvolvimento. O papel produtivo

das mulheres é reconhecido e pretende-se atender à necessidade prática de aumentar a renda, particularmente através de projetos de geracão de renda em pequena escala. É a abordagem mais popular junto às ONGs.

Eficiência: A terceira abordagem MED, agora predominante, adotada desde a crise da dívida externa dos anos 80, que se propõe a assegura que o desenvolvimento seja mais eficiente e efetivo através da contribuição econômica das mulheres. Procura atender às necessidades práticas ao mesmo tempo admitindo a triplo papel e um conceito elástico do tempo das mulheres.

Empoderamento: As abordagens mais recentes, articuladas pelas mulheres do Terceiro Mundo. O objetivo é empoderar as mulheres através do incremento de uma maior auto-confiança. Considera que a subordinação das mulheres é expressa não somente devido à opressão masculina mas também por causa da opressão colonial e neo-colonial. Reconhece o triplo papel, e procura atender às necessidades estratégicas indiretamente através da mobilização, de baixo para cima, a partir das necessidades práticas.

MULHERES E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

O que é "*PLANEJAMENTO"*?

- É formular objetivos: o que se quer realizar?
- É estabelecer o que é importante: como essa tarefa, projeto ou evento está incorporado em nossa "VISÃO" de futuro da comunidade?
- É pensar em como atingir esses objetivos;
- É discutir como "*AGIR*" para alcançar esse objetivos.

Porque as mulheres devem participar no Planejamento Comunitário?

- Porque as mulheres têm uma perpectiva diferente;
- Porque as mulheres sabem mais sobre a comunidade;
- Porque as mulheres não estão ainda suficientemente envolvidas;
- Porque as mulheres têm seu próprio jeito de trabalhar juntas;
- Porque as mulheres constituem um grupo diferenciado.

Princípios básicos para se trabalhar em conjunto

- Encorajar a participação inclusiva;
- Demonstrar respeito aos membros do grupo;
- Desenvolver uma organização estrutural não-hierárquica;
- Valorizar o ponto de vista de todas as pessoas;
- Assegurar que todas as opiniões sejam ouvidas;
- Receber e contribuir com informações;
- Dividir as responsabilidades;
- Escolher projetos factíveis;
- Divertir-se!

As Sete Etapas de Planejamento:

Definir a ***Tarefa*** a planejar

Identificar as ***Metas***

Relacionar os ***Fatos***

Gerar ***Possibilidades*** para ações concretas

Agrupar as possibilidades em ***Opções***

Avaliar os prós e contras de cada opção

Decidir sobre a opção a ser adotada

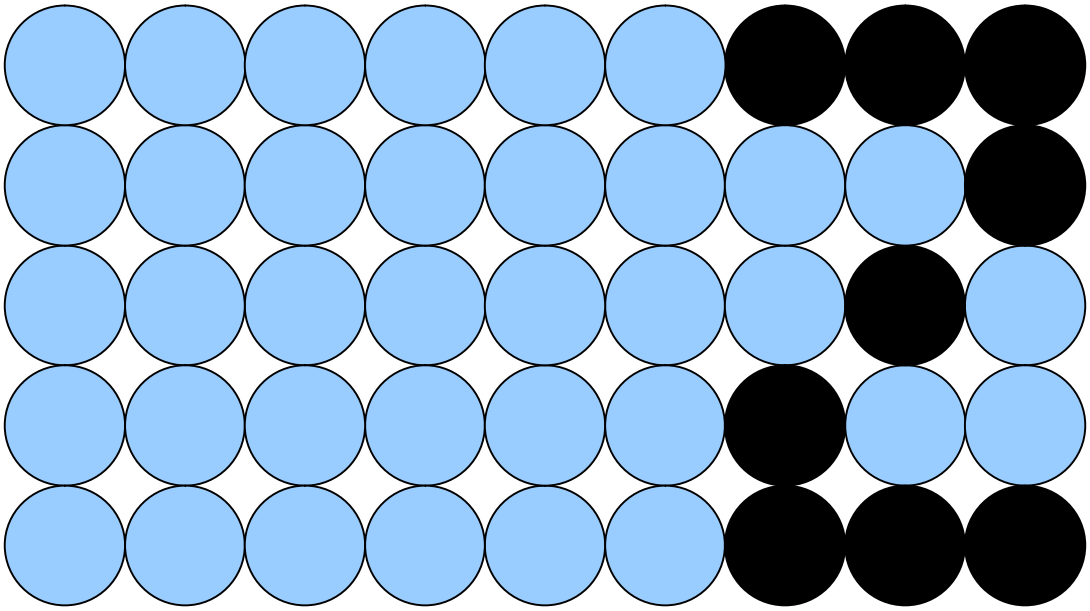
Para Sustentar o Espírito Comunitário

O resultado deve ser o desenvolvimento de uma equipe de mulheres da comunidade, que sejam dedicadas e que tenham o conhecimento necessário para:

- ✓ avaliar as necessidades da comunidade
- ✓ involver todas as pessoas
- ✓ abordar o pessoal da municipalidade com confiança
- ✓ conseguir apoio geral
- ✓ planejar realisticamente a implementação dos projetos
- ✓ identificar os recursos necessários
- ✓ galvanizar a opinião pública
- ✓ desenvolver habilidade política para colocar na agenda municipal as necessidades da comunidade

Desenvolvimento Comunitário e Gênero

Desenvolvimento Econômico Comunitário



Desenvolvimento Econômico Comunitário: Três Abordagens

Peter Boothroyd e H. Craig Davis

Na América do Norte, o desenvolvimento econômico comunitário (DEC) se baseou nas características de um movimento ocorrido durante a recessão econômica de 1981-82. O crescente movimento do DEC reflete o contínuo desencanto com a situação de bem-estar e de sua habilidade em manter empregos para todos e padrão de vida crescente, fornecer serviços sociais e municipais adequados e reduzir a disparidade regional.

Quais são as abordagens de desenvolvimento comunitário:

- promoção do crescimento;
- mudança estrutural
- e transformar em um bem coletivo

Assim, onde se pratica o DEC, o objetivo geral é o mesmo: tomar alguma medida de controle da economia do mercado e do estado. Além disso, apesar dos conceitos específicos de comunidade, economia e desenvolvimento variarem de acordo com a abordagem do DEC, cada qual pode ser definida em termos suficientemente generalistas para abranger todos os três.

O que é comunidade ?

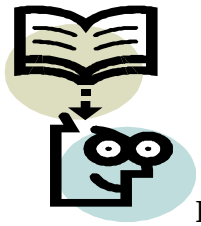
Geralmente, comunidade pode ser definida como sendo um grupo de pessoas que se conhecem pessoalmente e que planejam juntas com o decorrer do tempo, para seu melhoramento a longo prazo. Essa definição abrange comunidades definidas geograficamente assim como comunidades baseadas em interesses comuns. Ela enfoca o envolvimento de seus membros como sendo a característica essencial da comunidade. Isso implica que uma localidade não é uma comunidade caso as pessoas não estejam interagindo para um propósito comum e que um grupo de interesse não é uma comunidade caso os membros meramente paguem taxas, doem dinheiro, assinem petições ou compareçam a acontecimentos em comum, tais como aulas ou eventos esportivos.

O que é Economia?

Como definição geral que pode ser dada de uma economia que é a de que se trata de um sistema de atividade humana direcionada a suprir os desejos humanos e que é determinada pelo uso deliberado de recursos escassos, incluindo o tempo do ser humano. Essa definição permite que atividades não relacionadas às de mercado sejam incluídas na economia, porém diferencia a economia da cultura e a religião da sociabilização espontânea. A decisão sobre ficar em pé ou se ajoelhar durante a reza não é uma questão de alocação de recursos e, portanto não se trata de uma questão econômica; entretanto, a decisão sobre o que fazer com os fundos da igreja é uma questão econômica.

O que é desenvolvimento?

Desenvolvimento pode geralmente ser definido como uma mudança quantitativa ou qualitativa de um sistema. Uma vez definido, o desenvolvimento engloba mudanças planejadas pelo sistema propriamente dito além de agências externas, mas exclui a mudança resultada de boa sorte ou dos esforços individuais agregados para maximizar o ganho pessoal.



Desenvolvimento Econômico Comunitário: Abordagem de Promoção do Crescimento (dEc)

Sob o **dEc**, o desenvolvimento econômico é visto como sinônimo de promoção do aumento de postos de trabalho, renda ou atividade comercial. A comunidade é vista simplesmente como a localidade onde as empresas (e ocasionalmente os representantes dos setores trabalhistas) se reúnem para promover seus interesses através da expansão econômica.

Na prática, **dEc** pré-data o termo **DEC.** Na verdade, trata-se de uma abordagem tão antiga quanto a América do Norte propriamente dita. Suas raízes estão no avanço (ex.: planejamento de melhoramentos cívicos e de festivais para promover o orgulho patriótico e as compras locais, e, portanto, promover a imagem "progressiva" da cidade frente aos olhos dos governos e das corporações que poderiam nela investir) (Artibise 1982).

Tradicionalmente, o crescimento tem sido casado com e promovido pelas câmaras de comércio, sindicatos e por políticos que têm se agarrado a qualquer oportunidade de atrair investimentos para aumentar o tamanho da economia local. Essa

abordagem tradicional, frequentemente inconsciente, à promoção do crescimento tem sido classificada como “caça chaminés” por seus descrentes.

Estratégia Tradicional de dEc: Caçando Chaminés

Na forma tradicional de promoção de crescimento, assume-se que a fonte do crescimento está em atrair grandes empregadores (necessariamente exportadores de bens ou serviços) para a localidade. O desenvolvimento industrial a ser atraído é tipicamente uma fábrica, mas poderia também ser uma mina, uma linha de trem, uma atração turística, uma penitenciária, uma escola ou uma agência do governo.

O papel do planejador de caça às chaminés (ex.: oficial de desenvolvimento empresarial ou político local) é, primeiramente atrair capital para a comunidade mostrando as vantagens para o investidor: lucro para o empreendedor, votos para o político. Em segundo lugar, o promotor busca melhorar a vantagem local pela indução de vários níveis do setor público a se unirem, provar a infra-estrutura local e iniciar medidas fiscais que beneficiem of investidores potenciais. O esforço para atrair novas empresas para a comunidade e engajar o setor público como conseqüência tem sido não-seletivo de maneira geral. Isso é tentativa de induzir novos investimentos na comunidade têm ocorrido sem uma estratégia compreensiva para maximizar os benefícios líquidos para a comunidade.

Para a maioria das comunidades, a dependência da atração de grandes empregadores como forma singular de estimular o crescimento pode provar não ser efetiva. A abordagem vira comunidade umas contra as outras num atentado competitivo de atrair o equivalente econômico do cavaleiro numa armadura cintilante. É uma abordagem ao desenvolvimento econômico comunitário que tende frequentemente a ser baseada em idéias de contadores sobre o que seria um bom clima de negócios; terra barata, mão-de-obra barata, impostos baixos, pouca regulamentação ambiental e legislação baseada no direito ao trabalho. Foi assim que se podem atrair algumas montadoras automobilísticas coreanas a virem se instalar em sua província e eles viriam galopando sobre as colinas num cavalo branco para te salvar (Henderson 1990).

Num jogo no qual existem muito mais jogadores que prêmios, ocorrem um inevitável e grande número de perdedores. Além disso, algumas comunidades que têm tido sucesso em atrair novas indústrias perceberam que não produziram os benefícios líquidos que esperavam (Perry 1989). Têm ocorrido freqüentes e substanciais perdas compensatórias às

empresas locais. Alguns negócios existentes foram simplesmente substituídos (ex.: comércio do centro das cidades por centros comerciais suburbanos), outros perceberam que seus custos (ex.: aluguel e salários) aumentaram de forma proibitiva e outros ainda viram sua base de recursos destruída pelos recém chegados (ex.: pesca por mineração). No pior caso, a promoção da abordagem da caça às chaminés para o **DEC** simplesmente colocou em andamento um *jet set* internacional de artistas fraudulentos, charlatões e vigaristas que exigem créditos, incentivos e vantagens fiscais para montar fábricas que empregam trabalhadores de baixa faixa de renda. Eles chegam, removem o creme e então se mudam para outra área "desavantajada". Essa abordagem ao desenvolvimento tem resultado em fiascos caros por todo o Canadá (Lotz 1977, 10).

Resumindo, a variante caça à chaminé da abordagem de promoção é altamente questionável ao **DEC**. No presente e num futuro próximo, um gigantesco número de postos de trabalho está sendo criado por pequenas empresas em expansão e por novas empresas na América do Norte (Birch 1981; Economic Council of Canada 1190a). Para posicionar os recursos da comunidade para uma concorrência constante com outras comunidades com o intuito de atrair uma fábrica corporativa de grande escala, um mega-projeto ou uma infra-estrutura governamental frequentemente não são custos-eficientes. Além disso, assim como Thurow (1989) menciona, se uma fábrica pode ser atraída para uma comunidade através de subsídios, esta é geralmente tão marginal que fechará com o primeiro enfraquecimento econômico.

Abordagem Moderna ao dEc: Planejamento de Crescimento

Com a instabilidade econômica do final dos anos 70 e 80 houve um fortalecimento na promoção do crescimento comunitário. Dado o reconhecimento da deficiência da abordagem de caçar chaminés, a de promoção do crescimento está se tornando muito mais sofisticada. A ênfase está colocada sobre o planejamento compreensivo para o crescimento através do envolvimento de todos os atores públicos e privados relevantes na demarcação de alvos, pesquisa de oportunidades e desenvolvimento de uma ampla gama de estratégias.

Além da à caça a investidores/empregadores externos, as estratégias de planejamento de crescimento incluem o aumento da produtividade das empresas existentes e a promoção do estabelecimento de novas firmas por empreendedores locais. Questões relacionadas à como as firmas se estruturam - sociedades limitadas, consórcios, dominada por investidores ou corporações

pertencentes aos trabalhadores, cooperativas ou corporações de desenvolvimento comunitário - ou de onde vêm não é importante para os planejadores do **dEc**. A pergunta é como ajudar qualquer firma que contribua para o crescimento econômico da comunidade.

Assistência estratégica para firmas pode ser fornecida através do município, instituições comunitárias, diversas agências do estado, instituições educacionais ou alguma combinação destas numa parceria. Mais comumente, as empresas são assistidas no aumento das exportações da comunidade através da expansão de novos mercados, desenvolvimento de novos produtos ou fazendo melhor uso dos recursos. Substituição dos importados (ex.: substituição dos importados pela produção local) também é visada em algumas situações - não para aumentar a estabilidade, mas para aumentar o crescimento econômico.

O auxílio do setor público às empresas pode incluir empréstimos, concessões, programas de treinamento dos investidores e funcionários incubadores que fornecem uma série de equipamentos para escritório e outras instalações, informação sobre inovações tecnológicas que aumentem a eficiência, instrumentos de marketing, melhoramento da infra-estrutura e parques industriais. De maneira mais indireta, a assistência pode ser dada através do melhoramento da atratividade da comunidade tornando-a mais interessante para os compradores, turistas, aposentados, trabalhadores e investidores através de medidas como preservação da herança cultural, instalação de móveis de rua, melhorando a estrutura de saúde, reduzindo a poluição e desenvolvendo serviços sociais tais como creches.

Pressuposto do dEc

Sob ambas, a variante tradicional ou a moderna, o dEc se baseia em quatro pressupostos com relação à natureza da economia. A economia da comunidade é considerada como sendo a totalidade das transações monetárias. Bens e serviços produzidos fora deste mercado (ex.: por voluntários ou através de escambo) não fazem parte da economia da comunidade. A produção de bens e serviços não-comercializáveis não é considerada como contribuinte para o crescimento, e, portanto também não para o desenvolvimento econômico.

A comunidade tem mais vantagens quando o empregamento está em ascensão. O aumento do número de postos de trabalho se traduz em maior renda, aumento dos valores das propriedades e aumento da arrecadação. Custos culturais, sociais ou ambientais

derivados do empregamento são considerações secundárias.

Aumento do número de postos de trabalho é avançado mais efetivamente pelo aumento no fluxo de dinheiro para a comunidade. Isso é conseguido em grande parte pelo aumento no nível de exportações e pela atração de empresas de fora para dentro da comunidade. Este último é melhor conseguido através da promoção dos atributos mais favoráveis sobre a localização, recursos e atitudes da comunidade.

A economia interna da comunidade (ex.: a estrutura dos relacionamentos dentro da comunidade ao invés de sua posição na economia mais global) fica a ser determinada pelo mercado. Nenhuma agência pode planejar ou guiar o desenvolvimento da economia da comunidade tão bem como a mão invisível do mercado. Os benefícios do aumento empregatício escoarão para as camadas de renda mais baixa da comunidade - "uma maré cheia levanta todos os barcos".

Na abordagem **dEc**, empresas (às vezes em parceria com trabalhadores) trabalham juntas utilizando as instituições da comunidade para tornarem-se cada vez mais competitivas por investimentos e mercados numa economia maior. O fazem sob a bandeira que proclama uma finalidade inquestionável: "crescimento da comunidade". Outras possíveis finalidades e estratégias de apoio do dEc (tais como estabilidade, sustentabilidade, independência, igualdade e qualidade da vida de trabalho) não são consideradas.

Limitações do dEc: O propósito unido do dEc e sua falha

Apesar de haverem diversas situações nas quais concordaríamos que os esforços de promoção do crescimento deveriam receber a mais alta prioridade - por exemplo, em emergências, tais como o fechamento da mina de uma cidade baseada numa única indústria, em muitos casos de comunidades cronicamente empobrecidas - também acreditamos que questões a longo prazo como estabilidade e igualdade podem e devem ser abordadas concomitantemente aos esforços para aumentar a renda agregada. Na verdade, caso essas questões não forem abordadas os esforços de **dEc** podem ser negados pela discordância e vulnerabilidade que elas mesmas causam. Em suma, de nossa perspectiva são diversas as situações em que a abordagem da promoção do crescimento é necessária, porém em nenhuma delas esta se faz suficiente.

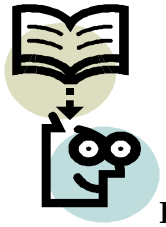
Apesar da promoção do crescimento ser apropriadamente desejável para algumas comunidades, é lamentável que estas

mesmas comunidades enfrentem as maiores barreiras ao crescimento e que sejam as mais fracas na soma-zero da concorrência por novos clientes e investidores. É cruel a reivindicação de que elas podem fazer isso por si só. Ao invés de discursos-pop por parte dos promotores do crescimento, tais comunidades precisam de cooperação e assistência de outras comunidades da região para encontrar um nicho econômico apropriado.

Uma vez que a cooperação econômica regional não é praticada na maior parte da América do Norte (exceto para o simples propósito de *lobby* regional e promoção turística), as comunidades que têm conseguido crescer nos últimos anos o fizeram dada sua posição adiantada e competitiva em termos de tamanho ou localização, ou em função de sua boa sorte ou esforço extra em conseguir assistência do estado. Com os problemas fiscais atuais do governo, o sucesso do **dEc** tornou-se mais e mais dependente das condições objetivas de tamanho e localização. Na ausência de cooperação intercomunitária, o **dEc** ficou mais difícil de ser atingido exatamente onde é mais necessitado.

Mesmo assim, através de seu envolvimento e por se tornar cada vez mais sofisticado, o **dEc** tem conseguido reter sua posição como a forma dominante de **DEC** nos Estados Unidos e no Canadá (como mencionado por Malizia [1985, 43]).

Na grande maioria das comunidades dos EUA o desenvolvimento econômico é definido principalmente como criação de postos de trabalho (geração de mais empregos) com alguma menção à estabilidade da base empregatícia existente e em segundo plano como melhoramento da arrecadação de impostos com interesse relacionado no desenvolvimento real do estado ou no potencial de re-desenvolvimento de áreas comerciais e industriais.



Desenvolvimento Econômico Comunitário: Abordagem de Mudança Estrutural (Dec)

A evolução da caça às chaminés, de uma década atrás, ao crescimento planejado ocorreu em paralelo com a emergência de uma abordagem fundamentalmente diferente ao desenvolvimento econômico comunitário. Apesar de alguns práticos do **DEC** terem respondido às limitações da simples busca ao investidor através da tentativa de fazer um melhor planejamento e indução do crescimento por meio de técnicas cada vez mais sofisticadas, outros começaram a perceber a necessidade de suplementar ou substituir a finalidade do

crescimento propriamente dito. A qualidade da economia, ao invés de quantidade de crescimento em uma ou outra variável, acabou tornando-se o foco de uma segunda principal abordagem ao **DEC** na qual a ênfase foi colocada sobre o "**D**".

Desenvolvimento denota um processo mais completo e mais complexo do que aquele entendido por crescimento.

Aplica-se bem às direções defendidas pelo que acreditam que comunidades não deveriam comprar o crescimento a qualquer preço (ex.: a custo da instabilidade cíclica, ausência do proprietário ou exaustão do capital natural).

Precursores e brechas do Dec

É possível traçar as origens do **Dec** bem como as do **dEc** na maior parte da América do Norte desde várias décadas atrás. Durante o período altamente instável do capitalismo pré-Keynesiano, particularmente no primeiro terço deste século, diversas comunidades organizaram cooperativas de produtores, cooperativas de consumo e associações de crédito (Coady 1939). Estas foram criadas para estimular o crescimento da comunidade, porém também foram vistas desempenhando um papel importante sobre a estabilização.

Durante a expansão dos anos 1950 e 1960, a maior parte das cooperativas enfraqueceu ou se consolidou dentro da linha principal de negócios que era administrada com mínimo envolvimento da comunidade nas tomadas de decisões (Melnyk 1985). Não se via a maior parte das cooperativas comunitárias como sendo necessárias para garantir o crescimento ou a estabilidade apesar de sua continuação ser vista como útil por fornecerem competição em situações que de outra forma poderiam ser monopólios capitalistas. Além disso, por se tratar de um período de crescimento sustentado, os anos 50 e 60 também foram momentos em que a ascendência da ideologia do bem-estar mudou a forma como as pessoas viam o relacionamento entre a comunidade e o estado.

Antes da situação de bem-estar, os legisladores assumiam que nossa migração era a resposta individual apropriada ao declínio da economia das localidades onde as bases econômicas tinham se exaurido, tornado obsoleta pelas novas tecnologias ou ultrapassadas por investidores externos. O estado-providência tinha condições e desejo de apoiar a permanência das pessoas em suas comunidades, mesmo que a base econômica local tivesse colapsado. Antes dos anos 50, indivíduos em comunidades de risco se tornavam mais auto-suficientes ou partiam para pastos mais verdes; hoje estes se tornam cada vez mais acostumados a desfrutar dos benefícios estabelecidos pelas garantias do governo quando o setor privado falha. Apoio governamental variou desde o

seguro-desemprego, projetos de criação de trabalho, subsídios agrícolas e alívio corporativo para o desígnio e estímulo de centros regionais de crescimento.

Tanta benevolência permitiu alguma estabilidade nas residências, mas foi paga pela dissipação das instituições auto-gerenciadas das comunidades. Já removidas dos importantes processos de planejamento de gerenciamento de recursos, as comunidades agora se tornam assunto para decisões tomadas por tecnocratas e investidores externos em outras áreas da economia da comunidade. Com o estado-providência, a comunidade tornou-se local com direitos de sobrevivência ao invés de apenas um local de produção, mas seu potencial como agente de planejamento decaiu.

Dec Contemporâneo

Na metade dos anos 70 o estado-providência começou a sofrer uma crise fiscal mais severa que qualquer outra desde a Grande Depressão. No início dos anos 80 o estado-providência se defrontava com uma terrível condição financeira. Confrontou-se com o desafio de ter que apoiar não apenas comunidades debilitadas em regiões cronicamente deprimidas, mas também comunidades sofrendo de colapsos nos mercados de *commodities* ou aqueles enfrentando severa competição internacional nas operações de fabricação. O consenso que tinha apoiado o estado-providência foi abalado; a assistência a comunidades e indivíduos foi reduzida. As comunidades não podiam mais contar com o respaldo do governo quando o setor privado havia falhado. Eles começaram a vivenciar mais e mais o custo social e econômico da dependência (Bruyn 1987).

Durante os anos 80 e 90 cresceu a consciência de que ambas economias, local e internacional, estão cada vez mais ameaçadas (se já não afetadas) pelo esgotamento e degradação das bases de recursos naturais, inovações na telecomunicação que permitiam que as decisões sobre investimentos fossem manejadas mais remotamente e o capital se moveu mais rapidamente, além de comércio não gerenciado e crises fiscais causadas pela incapacidade sistêmica de dar conta do recado com menos.

As opções consideradas pela comunidade para enfrentar essas ameaças têm variado. A maior parte tem enfocado opções dentro da abordagem de crescimento planejado discutida acima. Elas desenvolveram rapidamente maneiras de vender mais no mercado, mas frequentemente a custo da criação de novas vulnerabilidades para si mesmos como a de se tornarem muito dependentes de certos produtos de exportação (ex.: turismo), empregadores

(frequentemente ausentes), ou substitutos de importados (ex.: novos centros comerciais).

Entretanto, algumas comunidades enfocaram a busca de maneiras de melhorar a estabilidade a curto e longo prazo através da ampla redução de suas dependências ao invés de simplesmente buscar formas de promover o crescimento. Ligando os pontos entre a estabilidade e a sustentabilidade, e aceitando o imperativo moral desta última, eles entendem que a fixação da sociedade sobre o crescimento como sendo problemática, particularmente quando o crescimento se torna a finalidade única ou primária do DEC da comunidade. Essas comunidades ficaram interessadas no desenvolvimento de abordagens que, acima de tudo, aumentem o controle local através de mudanças estruturais.

Estratégias de Dec

As estratégias de mudança estrutural desenvolvidas pelo práticos do Dec para aumentar o controle local com interesse na estabilidade e sustentabilidade podem ser agrupadas em seis categorias:

- **Diversificar as fontes de investimentos externos**:

Diversas operações pequenas são mais estáveis que um grande empregador, mesmo que todas sejam de posse externa. A pior das hipóteses, do ponto de vista do Dec, é a comunidade se tornar uma cidade que vive em função de uma empresa.

- **Reduzir a dependência do investimento externo aumentando a propriedade local:**

Isso pode ser conseguido através da compra, pelos próprios funcionários, de companhias em situação difícil, encorajando os empreendedores locais, identificando tecnologias de menor escala (ex.: moinhos com clientela) ou nichos de mercado não preenchidos que possam ser explorados pelos empreendedores locais, desenvolvendo cooperativas de crédito e fundos de empréstimos comunitários para encorajar a retenção das economias da comunidade para que sejam usadas pela comunidade (Swack 1987; Eberle 1987), ou estabelecendo empresas com raízes na comunidade como as cooperativas de produtores e consumidores e corporações de desenvolvimento comunitário (MacLeod 1986; Fairbairn et al. 1991).

- **Reduzir dependência sobre tomadores de decisões externos através do aumento do controle local sobre o gerenciamento dos recursos**:

Bons exemplos sobre esse tipo de estratégia são os experimentos de “co-gerenciamento” em que os governantes dividem o controle sobre a pesca com a comunidade (Pinkerton 1989). Potencialmente, o co-gerenciamento pode ser amplamente aplicado à vida

selvagem, gerenciamento florestal e atividade mineira como demonstrado por comunidades experimentais no oeste do Canadá. Em função de sua situação especial, as comunidades aborígines têm estado na vanguarda do co-gerenciamento. O desenvolvimento de reservas naturais, consórcios comunitários da terra (White e Mautnei 1987; Gardner e Roseland 1989; Morehouse 1989), e cooperativas de habitação (Hulchanski 1988) todos exemplificam as inovações não-aborígines como sendo desenhadas para aumentar o controle da comunidade sobre a terra.

- **Reduzir a dependência sobre exportações tradicionais pela diversificação de produtos ou de mercados para os produtos existentes**:

Essa é particularmente importante onde à economia da comunidade é altamente dependente de um único produto.

- **Reduzir a necessidade de exportação de maneira geral, substituindo a produção local por importados pagos pelos exportados**:

A substituição de importados pode ser promovida de várias formas através de programas de compra local (Davis 1989).

- **Reduzir a dependência sobre o dinheiro como base para troca local através do fortalecimento da economia não-monetária**. Isso reduz o impacto de ciclos mercantis marco-econômico que criam períodos de alto desemprego dados à escassez de dinheiro, alternando com períodos de alta inflação monetária que prejudica aqueles com salário fixo. Exemplos desse tipo de estratégia incluem o uso de créditos trabalhistas para organizar voluntários para liderar grupos de crianças e times esportivos, estabelecer jardins comunitários e formar cooperativas de babás. Uma forma particularmente interessante que as comunidades têm desenvolvido para fortalecer sua economia não monetária é a instituição de dinheiro local. Em alguns casos isso na verdade envolveu papel impresso - baseando-se, por exemplo, em madeira-de-lenha ao invés de em ouro. Em outros casos mais tecnologicamente inovadores a “moeda” local é computadorizada com entradas para créditos e débitos. Na British Columbia esses sistemas são frequentemente chamados de sistema local de comércio por trocas (SLCT). Através da permissão de trocas multilaterais baseadas numa variação de combinações de moeda local e federal (sendo a combinação parte de um acordo entre o comprador e o vendedor) este promove o comércio em princípios de mercado mesmo quando a moeda oficial está escassa (Davis e Davis 1987).

Pressupostos do Dec

O principal pressuposto econômico em que está baseado o Dec pode ser resumido da seguinte forma:

A economia local se expande além das transações do mercado. Ela inclui a economia não-monetária controlada a nível local e relativamente estável que faz uma importante contribuição ao bem-estar.

Apesar de a economia excluidora do dinheiro-em-espécie permanecer primária enquanto as pessoas buscarem benefícios do comércio inter-regional e serviços governamentais, existe um potencial significativo de maior desenvolvimento do setor não-monetário na maior parte das comunidades (Gershuny 1979; Nichols e Dyson 1983; Ross e Usher 1986).

O principal propósito do DEC é aumentar o controle local para fornecer estabilidade a curto e longo prazo. Se a comunidade vê ou não o crescimento como finalidade suplementar do DEC vai depender da natureza de sua economia (se já existe emprego total dos recursos humanos e naturais) e sua avaliação de seu tamanho atual. Caso se busque o crescimento, sua preocupação central deverá ser sua natureza em termos de estabilidade, sustentabilidade e balanço.

Fluxos monetários dentro e através da comunidade devem ser estabilizados através de propriedade diversificada, controle local dos recursos, diversificação das exportações e substituição dos importados.

A estrutura interna da economia local não deve ser deixada para as conseqüências descontroladas das ações dos mercados guiados pela ditadura dos princípios de vantagem econômica comparativa. O DEC envolve a reestruturação deliberada da economia local pelas pessoas que participam dessa economia.

Limitações do Dec

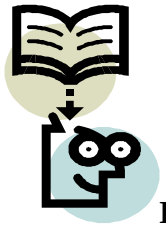
Agora que o sonho do crescimento ilimitado foi despedaçado, muitos (se não a maioria) dos cidadãos dariam as boas vindas à estabilidade econômica obtida pelo desenvolvimento de atividades robustas controladas localmente e ambientalmente sustentáveis se o nível de estabilidade pudesse fornecer a qualidade de vida da qual têm desfrutado (ou observado a nação como um todo desfrutando) nos melhores momentos. Porém, para muitas comunidades não é possível obter tal ideal num futuro próximo; em alguns locais é provavelmente impossível. Deve-se chegar a meios termos e fazer compensações.

A estabilidade pode geralmente ser conseguida apenas se as comunidades estiverem preparadas para se sacrificar em curto prazo para maximizar o crescimento (ex.: mega-projetos tentadores previamente estabelecidos para reter propriedade local, reduzir gastos com consumo para aumentar a poupança para investimento local, aceitar

menor retorno sobre os juros e maior risco que oferecido nos mercados maiores, colhendo lentamente e minando taxas para preservar o capital natural, assumindo riscos com produtos e processos não-familiares e substituindo algumas horas de trabalho de alto salário baseado em exportação por substitutos importados menos remuneradores ou voluntarismo não-remunerado e ajuda mútua). Ironicamente as pessoas parecem mais interessadas em considerar tais sacrifícios quando é objetivamente mais difícil fazê-lo - num momento em que suas comunidades se encontram num declínio secular ou cíclico após uma explosão.

Para cidades fonte de matéria-prima os obstáculos subjetivos para se chegar à estabilidade são compostos pelo simples fato de que as mudanças mais prováveis de levar à finalidade do dEc são menos prováveis de contribuir para o Dec. Atividades econômicas que agregam valor aos recursos de exportação de uma cidade (ex.: um moinho) aumentam o empregamento, porém os produtos processados normalmente ficam no mesmo ciclo de preços que os recursos crus. Uma vez que a vida atual de várias pessoas nas cidades fonte de matéria-prima poderia ser melhorada através do aumento das oportunidades de trabalho e/ou renda pessoal, dEc é frequentemente considerado mais desejável que o Dec. Nessas situações a promoção vigorosa do Dec pode resultar em conflito divisível, como exemplificado por batalhas comunitárias como entre lenhadores e ambientalistas.

Fundamentalmente, a limitação do Dec é que está fora de sintonia com o vínculo estrutural para o crescimento ilimitado. Ainda sim, só por se levantar a possibilidade de um desenvolvimento com múltiplo-espectro como alternativa ao crescimento unidimensional, os promotores do Dec forçam as comunidades mais recalcitrantes a explicar e considerar suas prioridades. Quanta estabilidade econômica elas estariam dispostas a negociar por mais empregos e renda em curto prazo? Quão bons são os empregos controlados externamente? Às vezes essas considerações resultam em hipóteses e finalidades reformuladas e no estabelecimento de um critério orientado à estabilidade para avaliar propostas e monitorar o progresso.



Desenvolvimento Econômico Comunitário: Abordagem de Comunalização (deC)

A terceira abordagem ao DEC vai além das preocupações com o crescimento econômico e estabilidade para considerações sobre

como a riqueza (amplamente definida) é usada e distribuída. A ênfase é no desenvolvimento de uma economia de forma que a comunidade seja fortalecida. A comunidade, nessa abordagem, é definida não somente como a localidade onde ocorre a atividade econômica ou como um grupo de relacionamento que pode ser estruturado para maximizar o benefício coletivo. Ao invés disso, trata-se de uma qualidade social/emocional através da qual as pessoas se sentem conectadas umas com as outras. Elas estão preocupadas com o bem estar mútuo e têm satisfação na cooperação. É uma qualidade que muitos aborígines no Canadá chamam de "cuidar e compartilhar".

Para os defensores do desenvolvimento econômico comunitário, a mudança estrutural é necessária, mas insuficiente como finalidade. Uma comunidade pode ser estável e independente, mas explorativa e solitária. O alvo para aqueles que enfatizam o "C" no DEC é criar funções produtivas e de distribuição mais "justas" ou "razoáveis". Aproveitando as palavras de John Friedmann (1981, 5) podemos dizer que o desafio do deC não é apenas o de criar uma distribuição de renda mais igual, mas também garantir que todas as casas tenham acesso a conhecimento e habilidades pertinentes, organização social e política, instrumentos de produção (incluindo acesso à boa saúde), informação relevante, rede social e meios financeiros (para)… melhorar sua habilidade de buscar seus objetivos próprios em cooperação com outros.

Também podemos dizer que o deC trabalha na direção das palavras de Chekki (1979,10) "auto-determinação comunitária" onde "todo membro possa, caso desejar, assumir papel significativo." DeC, portanto tenta criar dentro da comunidade acesso justo aos meios de vida das residências criando acesso justo aos processo de tomada de decisão coletiva da comunidade. É participa tório em seus meios e finalidades, comunista sem negar a individualidade. Sua preocupação é estabelecer a livre cooperação.

Estratégias de deC

As estratégias do deC podem ser agrupadas dentro de três categorias:

- **Trabalhar através dos governos local e superior para eliminar a marginalização ou exploração de determinadas pessoas dentro da comunidade**. Os práticos do deC podem incitar os governos a encorajar o compartilhamento do trabalho, prevenir políticas discriminatórias, monitorar condições de trabalho, facilitar a sindicalização, etc. Eles podem "lutar com a prefeitura" para estabelecer a distribuição mais justa dos impactos dos serviços e desenvolvimento comunitários e tornar os

processos de planejamento mais participatórios.

- **Estruturando as instituições de Dec (tais como cooperativas, consórcios de terras e corporações de desenvolvimento comunitário [CDC]) para favorecer os mais necessitados.** As cooperativas, por exemplo, podem ser organizadas não somente para amortizar indivíduos do mercado, aumentar poder de negociação e reter lucros na comunidade - todos objetivos do Dec - mas também para promover a justiça social. Cooperativas de trabalhadores em particular frequentemente desenham suas escalas salariais, condições de trabalho e distribuição da renda aos meros objetivos do deC dentro da firma e da comunidade maior (Melnyk 1985). Alguns sindicatos de crédito dão atenção especial às empresas iniciadas por pessoas de baixa renda.

Os CDCs em particular se prestam a servir o papel de justiça econômica (MacLeod 1986; Zdnek 1987). Por serem posse de toda a comunidade, eles podem potencialmente ser mais comunicativos que as cooperativas que enfocam em seus próprios membros e frequentemente excluem os muito pobres. Como empregadores todas as instituições deC podem se esforçar para tornar o trabalho mais significativo através do encorajamento da participação do trabalhador nas tomadas de decisão.

Fortalecendo normas e práticas de auxílo mútuo sem o uso do dinheiro Dec

Tradicionalmente, essas têm permitido membros mais fracos da comunidade sobreviverem (ex.: através da distribuição de alimentos ou cuidando de crianças em situação de risco) e residências, independentemente de sua situação financeira relativa, a realizar tarefas além de seu poder individual (ex.: através de mutirões para levantar construções).

Tais práticas também aumentam a sociabilidade da comunidade e tornam o trabalho mais desfrutável.

Apesar de grandemente enfraquecido pela modernização, a ética da ajuda mútua sobrevive, particularmente nas comunidades aborígines. Em outras localidades, o auxílio mútuo sobrevive como “voluntarismo”. Em alguns setores econômicos (como recreação organizada para crianças) voluntários desempenham papéis importantes no planejamento e entrega dos serviços. Outra forma de auxilio mútuo envolve atividade colaborativa de diversas associações (ex.: pastores, músicos, atletas ou pessoas envolvidas com atividades recreativas). O deC mostra a importância do auxílio mútuo para a economia da comunidade e promove sua expansão.

Pressupostos

do deC

O deC está baseado nos seguintes pressupostos:

A economia local engloba transações de mercado (monetária e não-monetária), mas também incluem a produção e distribuição baseada em princípios não-comerciais de propriedade comum, compartilhamento, auxílio mútuo e melhoramento da vida produtiva mesmo que ao custo da eficiência.

A distinção entre as questões econômicas e sociais não é claramente demarcada e, no caso da família, os relacionamentos social e econômico são entremeados.

O propósito do DEC é aumentar a solidariedade comunitária, justiça distributiva e qualidade de vida amplamente definida.

Instituições econômicas deveriam ser organizadas para promover a cooperação ao invés da competição (ex.: devem combinar desenvolvimento social com desenvolvimento econômico).

Todos os membros da comunidade devem ser estimulados a participar do planejamento e dos processos de tomadas de decisões que dão forma à economia da comunidade.

Limitações do deC

Sua primeira limitação é compartilhada com o Dec: ambos estão fora de sintonia com a corrente principal. O deC tem sido tipicamente adotado por pessoas cujo foco na igualdade precede seu envolvimento no DEC. Na América do Norte tais pessoas têm sido minorias. São menos ainda que aqueles que preferem estabilidade a curto e longo prazo acima do crescimento.

Na verdade, alguns críticos sociais acreditam que a modernização está nos distanciando do deC. Por exemplo, Wilson (1983) Indica-se que o alto valor que agora colocamos sobre a privacidade, que para muitos indivíduos substitui um senso de responsabilidade pelo bem público. Lasch (1979) argumenta que as forças sociais parecem estar fora do controle individual, fazendo com que as pessoas enfoquem no gerenciamento de seus objetivos pessoais.

Não tendo esperança de melhoramento em suas vidas de qualquer forma relevante, as pessoas se convenceram de que o que importa é o melhoramento psíquico… Viver para o momento é a paixão preponderante - viver para si mesmo, não para seus antepassados ou para os futuros seus (Lasch 1979, 4-5).

O fortalecimento desse retiro à vida privada é um cinicismo com relação aos políticos e ao processo político. As forças que criaram a necessidade do deC tornam sua prática concomitante de difícil realização.

Uma segunda limitação do deC é que ele pode ser adotado pelos reformadores sociais que são motivados por crenças religiosas ou ideais políticos que os levam a ignorar ou entender mal a natureza das comunidades

humanas reais e vivas. Em muitos casos esses reformadores são líderes carismáticos que estabelecem comunidades “propositais” de vida curta. Nos piores casos, líderes religiosos prometendo deC verdadeiro e instantâneo acabam por criar desastres sociais, tais como o suicídio em massa em Jonestown em 1978 e o mais recente tragédia em Waco no Texas. Outros se tornam ricos ao custo de seus próprios seguidores. Isso não é para depreciar o propósito de todas as comunidades. Esforços sinceros, bem pensados e respeitáveis contribuem muito para nosso entendimento do potencial e dinâmica dos deC, apesar de que o impacto na maior parte das pessoas será o resultado de tentativas modestas de praticar dentro das comunidades já existentes.

Uma terceira limitação potencial do deC é que este pode tornar-se paroquial, fortalecendo internamente as comunidades locais sem aumentar seu senso de responsabilidade global. Entretanto, há uma crescente consciência de que o deC tem que ser acompanhado de um Dec ambientalmente saudável caso qualquer um dos dois queira ser bem sucedido. Isso se dá pelo fato de que sem um Dec efetivo, fica difícil para a comunidade praticar o deC por estar em função do mercado, sentindo-se compelido a sacrificar os interesses dos pobres para melhorar suas vantagens competitivas de maneira geral; por outro lado, sem o deC, a comunidade fica sem o contrato social necessário para fazer valer os sacrifícios do Dec (Boothroyd 1991a).

Resumo das Três Abordagens e Implicações para os Planejadores

Em ambas, teoria e prática do desenvolvimento econômico comunitário, os conceitos do processo variam em termos de mercado. Nós agrupamos esses diversos conceitos dentro de três abordagens gerais que são orientadas ao crescimento (dEc), mudança estrutural (Dec), e transformar em um bem coletivo (deC). Cada uma dessas implica num papel particular para o planejador do DEC. A Tabela 1 resume nossas diferenciações das três abordagens.

O dEc pré-data o termo DEC propriamente dito e tem aparecido em duas fases principais: caça-as-chaminés e crescimento planejado. A fase inicial e a mais recente envolvem a promoção da comunidade para atrair atenção do governo e dos principais investidores privados. A última fase envolve planejamento estratégico coordenado por uma vasta gama de instituições comunitárias usando sofisticadas ferramentas financeiras, legais e promocionais. O planejador do dEc é um desenvolvedor de contatos de trabalho, mediador de negociações e fornecedor de informações sobre mercados, tecnologia e oportunidades de financiamento. O processo de planejamento servido pelo planejador do dEc pode ter ampla base dentro da comunidade, mas a função prevalente frequentemente é dominada por líderes comunitários ou mesmo por pessoas de fora) de empresas, trabalhadores, profissionais, governo ou setor educacional.

Tabela 1. Comparação entre as três abordagens do DEC

	dEc	**Dec**	**deC**
Conceito de Economia	Transações monetárias	Transações monetárias ou não	Fabricação e distribuição da produção baseada em princípios de mercado ou não
Conceito de Comunidade	Localmente	Em casa	Compromisso mútuo
Finalidade Principa	Aumento da renda e de posições de trabalho	Estabilidade e sustentabilidade	Cuidar e compartilhar
Estratégia Principal	Aumento do influxo monetário	Aumento do controle local através de mudança estrutural	Integrar o desenvolvimento econômico e social

CONCLUSÃO

O **Dec** foi sinalizado pelo movimento cooperativista no início desse século, mas foi apenas na virada da década para os anos 80 que essa abordagem surgiu por completo para redefinir o significado de desenvolvimento. Essa redefinição começa a resultar na ênfase sobre o crescimento sendo substituída ou balanceada com uma orientação para estabilidade a curto e longo prazo, através da mudança estrutural e controle local. Os planejadores do **Dec** incrementam o desenvolvimento e funcionamento de instituições de controle local e fornecem informações sobre possibilidades de diversificação de mercados, produtos e propriedade.

O **deC** (termo frequentemente utilizado simplesmente como desenvolvimento comunitário) é praticado por idealistas outros que os da linha principal. À medida que a "grande transformação" (Polanyi 1944) para uma sociedade dominada pelo mercado continue, torna-se cada vez mais difícil para muitos imaginar uma sociedade não-coerciva onde a produção e a distribuição são organizadas sob base diferente das trocas, maximizando o interesse próprio dos indivíduos; o **deC** parece alienado. Mesmo assim a importância do **deC** - e talvez seu principal poder - é de chamar a atenção para o aspecto humano que o mercado ainda não obliterou e oferecer algumas sugestões práticas para as organizações sociais não baseadas no mercado. Portanto o planejador do **deC** encoraja a reflexão da comunidade para aspectos fundamentais relacionadas à qualidade de vida e questões de distribuição além de desenhar oportunidades para uma participação apropriada significativa por todos os setores da comunidade (Boothroyd 1991b).

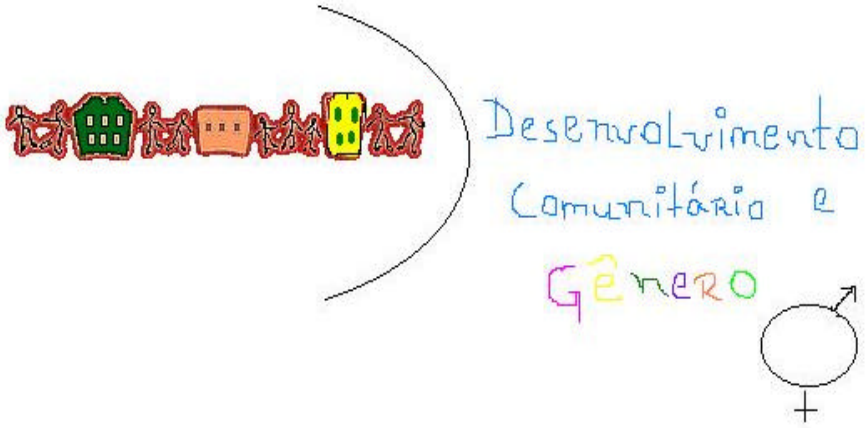
Na prática, é claro, as três abordagens não são tão prontamente distinguíveis. Tão pouco são mutuamente exclusivas. A estratégia de fortalecimento de instituições democráticas locais, por exemplo, pode fornecer as finalidades de todas as três abordagens. Além disso, muitas (se não a maioria) das pessoas considerarão uma economia comunitária completamente desenvolvida aquela que supre as finalidade de todas as três abordagens (ex.: uma que supra as necessidades materiais da comunidade de maneira justa e razoável). Nessa perspectiva, a função do planejador do **DEC** inclui auxiliar a comunidade a encontrar estratégias que congragam os valores em que todos saiam ganhando.

Ainda sim, a maior parte das comunidades necessitará fazer compensações (abrir mão de algo) implicadas por nossa tipologia e todas precisarão estabelecer prioridades. Por exemplo, comunidades tradicionais que, todavia possuem valores do tipo cuidar-e-compartilhar podem querer enfatizar o crescimento. As comunidades que estão cientes de estar à mercê da economia internacional podem trabalhar no sentido da mudança estrutural e estabilidade.

Locais onde alguns líderes se encontram preocupados com a distribuição da riqueza altamente desigual podem vir a colocar ênfase sobre a justiça. O desafio para o planejador do **DEC** não é apenas de orientar a comunidade a ser efetiva na abordagem que escolha, mas também de ajudar a pensar sobre os motivos que a levaram a optar por aquela abordagem e considerar as conseqüências e alternativas. Tendo em mente a tipologia tal como nós a apresentamos auxiliará o planejador na função mais importante do **DEC.**

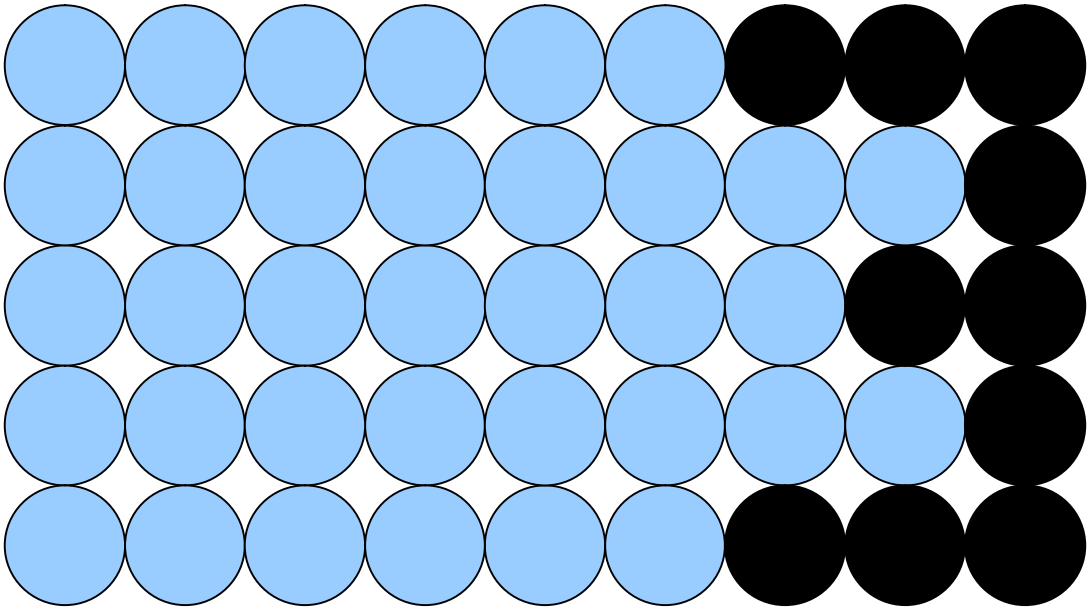
Referências

Artibise 1982	Henderson 1990	Perry 1989	Lotz 1977, 10
Thurow 1989	Malizia 1985	Coady 1939	Melnyk 1985
Bruyn 1987	Swack 1987	Eberle 1987	MacLeod 1986
Fairbairn et al. 1991	Pinkerton 1989	White and Mathei 1987	Gardner and Roseland 1989
Morehouse 1989	Hulchanski 1988	Davis 1989	Davis and Davis 1987
Gershuny 1979	Nicholls and Dyson 1983	Ross and Usher 1986	Friedmann 1981,
Chekki 1979, 10	Melnyk 1985	Zdenek 1987	Wilson 1983
Lasch 1979	Polyani 1944	Boothroyd 1991b	Coady 1939



COMO NÓS NOS PLANEJAMOS:

MULHERES E O PROCESSO DE PLANEJAMENTO COMUNITÁRIO



Capitulo 1: Introdução ao planejamento comunitário

Este manual consiste num roteiro para auxiliar mulheres a se envolverem em planejamento comunitário.

O manual tem como objetivo ajudar as mulheres no entendimento do processo de planejamento comunitário, e auxiliar os planejadores municipais a facilitar o envolvimento das mulheres. Este manual foi desenvolvido a partir da experiência de um projeto de planejamento comunitário que aconteceu no bairro de Forest Grove, na cidade de Burnaby, província de British Columbia.

O manual também trata de maneiras através das quais os planejadores municipais podem envolver as mulheres nas atividade de planejamento.

As pessoas que irão usar esse manual de ferramentas podem partir de diferentes situações. Você pode ser parte de um grupo organizado ou pode estar começando um. O manual dá dicas de como se organizar, caso você ainda esteja durante esse processo. Onde quer que você esteja, existe um grande número de projetos aos quais você poderá aplicar essa abordagem: para atingir o objetivo pela qual você já vem lutando, para iniciar um novo projeto, e/ou para organizar as pessoas em torno de uma visão comunitária compartilhada, ou um assunto de interesse comunitário.

O que é chamado de ferramentas? Usa-se o termo “ferramenta” de uma forma genérica, incluindo uma grande variedade de idéias ou maneiras de fazer determinadas coisas, desde roteiros de atividades em geral, até técnicas específicas.

O manual é sobre como planejar alguma coisa importante com a comunidade

O processo é importante

Enquanto que o planejamento comunitário pode estar focado na obtenção de um determinado objetivo, por exemplo, um cruzamento de pedestres numa determinado via ou a construção de um centro de bairro, o processo – como se chega lá – é igualmente importante.

Os tipos de processo tratados neste manual são:

- Iniciando a comunicação
- Organizando a comunidade
- Definindo a visão das mulheres para sua comunidade e trabalhando para concretizar essa visão
- Respondendo às necessidades da comunidade

♦ Aprendendo as maneiras de como planejar cooperativamente, de forma a atender às necessidades da comunidade.

Focalizando no planejamento

Quando se fala de planejamento, entende-se um processo que envolve:

- ♦ Determinar o que é importante (uma "visão")
- ♦ Definir os objetivos
- ♦ Pensar as maneiras como atingir esses objetivos
- ♦ Iniciar as ações necessárias para obtenção dos objetivos.

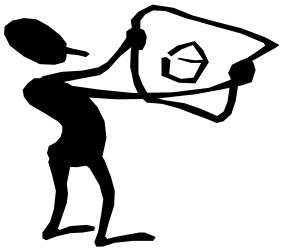
O planejamento pode ser clara e facilmente estabelecido quando as pessoas envolvidas compartilham opiniões e o objetivo não é muito complicado. No outro extremo, quando muitos interesses diferentes estão competindo e o planejamento envolve uma tarefa muito grande (por exemplo: planejar os novos usos de um terreno muito grande), então o planejamento pode se tornar muito complexo. Nessas situações, existem todo o tipo de prioridades a serem levadas em conta, informações a serem coletadas, alternativas a serem avaliadas, opções de troca, e conflitos a serem resolvidos.

O que é Planejamento Comunitário?

Todo mundo participa

Funcionarios de vários níveis de governo são treinados e empregados como "planejadores". Seu trabalho usualmente envolve fazer recomendações ao governo local sobre o planejamento físico das regiões e cidades, de forma a orientar decisões que respondem a questões como: onde irá acontecer um novo loteamento? Quantos andares podem ter os edificios que vão ser construidos ness área? Quais são as faixas de pedetres neesa ruas? Qual a iluminação pública necessária para ess área? Cada vez mais, planejadores estão se envolvendo em recomendações aos governos locais em relaçõa aos serviços sociais da comunidade – quantas unidades de moradia subsidiada essa comunidade necessita? Essa comunidade precisa de um centro comunitário? Conhecer os planejadores envolvidos no planejamneto de sua comunidade pode ajudar a voce e a seu grupo em como se envolver mais nesse tipo de decisões.

Esse manual é para pequenos projetos de um tamanho relativamente pequeno, dirigido a uma necessidade local, mas mesmo assim que afete positivamente e de forma clara a comunidade. Espera-se que esse tipo de projeto ajude a organizar, motivar e educar a comunidade e promover a busca de objetivos mais abrangentes.



O Projeto no Bairro Forest Grove

Esse manual foi desenvolvido baseado nos resultados de um projeto de planejamento realizado no bairro de Forest Grove, na cidade de Burnaby. Durante um período de seis meses, as mulheres do bairro e os planejadores locais trabalharam juntos para elaborar o planejamento comunitário. Eles tiveram grande sucesso na determinação das prioridades da comunidade e completaram dois projetos comunitários – uma fonte de água, uma torneira de água e uma passagem de pedestres.

De certa forma, pode-se dizer que Forest Grave é único: o bairro consiste principalmente de casas geminadas e cooperativas habitacionais, e fica numa área arborizada e distante, num dos lados da montanha onde se situa a Universidade Simon Fraser. Sob certos aspectos é um clássico bairro suburbano, de acordo com o modelo do pós-guerra que tem sido implantado em muitos lugares, por muitos anos, mas tem potencial para serem melhor desenvolvidos e transformados em comunidades mais agradáveis.

A experiência do projeto em Forest Grove foi importante para desenvolver esse manual porque foi durante o projeto que as "ferramentas" foram desenvolvidas e testadas. Em se usando as ferramentas apresentadas aqui, você poderá ter que adapta-las às suas próprias necessidades e circunstâncias.

Porque as mulheres devem participar de planejamento comunitário?

- Porque as mulheres têm uma perspectiva diferente.

As mulheres trazem uma perspectiva única ao planejamento comunitário e de vizinhança. Além de suas experiências na força de trabalho formal, as mulheres trabalham em seus lares e comunidades como voluntárias e ajudando a quem precisa. Todos esses papeis ajudam a formular a perspectiva especial que elas trazem ao planejamento comunitário.

Quando as mulheres são perguntadas sobre o quê é importante para elas nas comunidades, o que transparece mais frequentemente nas respostas é uma visão completa das comunidades que leva em consideração todos os aspectos ambientais, sociais e econômicos das comunidades. A experiência das mulheres em suas comunidades molda suas percepções de forma diferente das percepções dos homens.

Portanto, as mudanças para a comunidade que são interessantes para os homens não necessariamente são adequadas para as mulheres, e eventualmente mudanças que as mulheres propõe não necessariamente ocorrem aos homens.

- Porque as mulheres sabem mais sobre a comunidade

As comunidades e vizinhanças podem ser uma fonte de apoio e ajuda mútua, nas quais as relações são formadas e alimentadas, e onde o espírito comunitário se torna possível. Elas podem ser também lugares tristes e de isolamento. O planejamento pode ser um instrumento importante para transformas as vizinhanças em verdadeiras comunidades.

Dispendendo a maior parte do tempo nas comunidades com crianças e famílias (embora isso já esteja mudando) as mulheres sabem como criar uma comunidade. Elas sabem quais são as mudanças necessárias para tornar a comunidade mais segura e mais conveniente para elas e suas famílias. Elas sabem o quão são importantes às condições de moradia, escolas, comercio, transporte público, as ruas, os programas recreativos, os serviços e os centros comunitários porque elas são os usuários mais freqüentes de todos esses serviços públicos. O que é importante para as mulheres modela basicamente a qualidade de vida da comunidade. Portanto, envolver a mulheres no planejamento comunitário beneficia todo mundo.

- Porque as mulheres são estão ainda suficientemente envolvidas

A despeito de sua experiência em criar comunidades, as mulheres não são sempre consultadas quando há mudanças a serem implementadas nas comunidades. De fato, muitos aspectos dos processos do planejamento municipal, além de não considerar as perspectivas das mulheres, criam inadvertidamente barreiras à sua participação. Essas barreiras incluem:

- Não poder estar presentes nas reuniões na prefeitura quando elas não dispõem de transporte privado;
- O horário das reuniões na prefeitura durante o dia, quando as mulheres estão trabalhando, buscando as crianças na escola, etc.;
- A falta de disponibilidade de supervisão para as crianças durante as reuniões e eventos.

Este manual trata de como superar esses obstáculos. Trata de como as mulheres, os planejadores municipais e outros funcionários da prefeitura, tais como engenheiros e pessoal da Saúde, podem trabalhar juntos para fazer com que as comunidades se tornem lugares bem melhores para todo mundo.

Porque as mulheres têm seu próprio jeito de trabalharem juntas

As mulheres frequentemente têm um jeito de trabalharem juntas diferentes dos homens – um jeito diferente de discutir, interagir, apoiar uma à outra e alcançar consenso. Esse manual ajuda a criar o espaço para que as mulheres possam trabalhem juntas na definição de suas prioridades e preocupações, e fazer com que sejam claramente ouvidas. Sugere também algumas maneiras para que os processos de planejamento municipal possam mudar de forma a refletir um novo jeito de trabalharem juntos. Através do aprendizado de como se envolver, as mulheres ganham também a autoconfiança necessária para estimular as mudanças nas suas comunidades.

- Porque as mulheres constituem um grupo entre outros

A distinção entre mulheres/homens/crianças é mais uma maneira de categorizar os membros do público. Outros jeitos podem ser pela suas histórias (culturas) ou pelo seus interesses. Esse manual está focalizado nas perspectivas das mulheres, mas se reconhece que outros grupos também têm perspectivas e papeis importantes nos processos de planejamento. A coisa mais importante a ser lembrada é que todos os grupos têm diferentes perspectivas e prioridades, e que dentro desses grupos ainda existem grandes diferenças – não somos todo um, único público.

As mulheres têm um papel vital na formação das comunidades. Elas têm diferentes perspectivas e maneiras de comunicar que são valiosas nos processos de planejamento e envolvimento público. Esse manual serve para ajudar as mulheres a serem ouvidas no planejamento comunitário. Ajuda também as mulheres na obtenção do apoio necessário para fazer com que haja mudanças significativas.

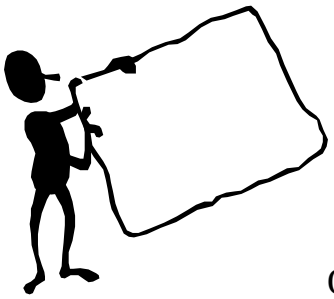
O que ganham os planejadores e o pessoal do governo local?

Os planejadores e o pessoal do governo local podem se beneficiar das experiências das mulheres e das suas perspectivas em relação aos assuntos do planejamento comunitário. Como já foi dito acima, as mulheres trazem uma experiência e uma compreensão únicas do que realmente contribui para o bem-estar da comunidade.

O envolvimento municipal nos processos de participação comunitária e nos projetos pode também constituir-se numa maneira de desenvolver e sustentar um forte apoio da comunidade. Os residentes ficarão muito mais conectados e envolvidos com sua comunidade, e efeitos e impactos positivos

inesperados podem resultar. O sentido de comunidade dos participantes será enriquecido, e um maior entendimento dos processos políticos e governamentais também pode ser esperado. Naturalmente, esse tipo de envolvimento conduzirá, de forma geral, a um melhor planejamento e desenvolvimento das comunidades.

Por essas razões, os vereadores podem se beneficiar através do encorajamento aos planejadores para aumentar a participação e envolvimento das mulheres nos processos de planejamento comunitário. Por exemplo, a Câmara de Vereadores poderia requerer que os Termos de Referência a do processo de desenvolvimento ou um plano de uma área local incorpore regras para assegurar o envolvimento das mulheres.



Quais é o papel dos planejadores**?**

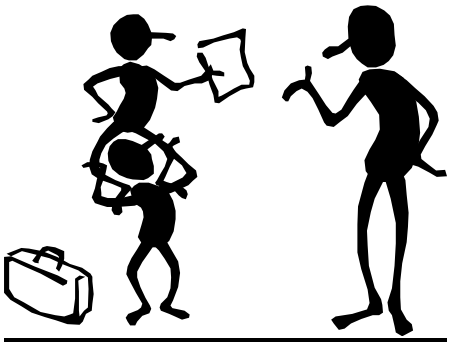
Esse manual está orientado para projetos específicos e factíveis. A abordagem é pro - ativa e orientada para projeto, de forma que os planejadores possam aplicá-lo em iniciativas da comunidade de pequena escala. Com algumas modificações, entretanto, a abordagem poderá ser usada para gerenciar um processo de planejamento mais amplo ou mesmo alguma decisão que envolva um rezoneamento controverso.

Os planejadores podem ter papeis específicos em termos de facilitar o envolvimento das mulheres no planejamento comunitário. Eis alguns dos papeis que eles podem assumir.

Planejadores como educadores e conselheiros

Durante o processo de desenvolver e por em pratica um projeto comunitário, há diversos papeis potenciais para os planejadores ou outras pessoas que trabalham no governo local. Esses papéis incluem:

- Explicar o processo de planejamento municipal, e como a burocracia funciona;
- Participar no desenvolvimento das estratégias para a obtenção das metas do projeto
- Ajudar na determinação dos recursos que são necessários e como melhor obtê-los
- Participar na implementação do projeto e monitorar o progresso;
- Obter informações;
- Obter aprovação e recursos, por exemplo, lugares para as reuniões e financiamento.



Planejadores como facilitadores

Os planejadores podem facilitar a participação das mulheres no planejamento comunitário de várias maneiras. Mas, primeiramente, os planejadores precisam entender as barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar em processo típico de planejamento. Antecipando as dificuldades experenciadas pelas mulheres e jovens famílias farão com que os planejadores estejam cientes em como remover essas barreiras e encorajar a participação das mulheres.

Algumas maneiras através das quais os planejadores podem facilitar a participação das mulheres incluem:

- Fazer as reuniões em locais da comunidade;
- Fazer as reuniões em horários após o jantar;
- Providenciar supervisão para crianças.

Planejadores como organizadores: estendendo a mão às mulheres

Quando os planejadores desejam incluir as perspectivas das mulheres, formal ou informalmente, há uma variedade de grupos e organizações comunitários que podem ser contactados:

- Agencias de serviço social e ONGs normalmente conhecem as líderes comunitárias e as cidadãs mais ativas (inclusive o Clubes de Mães, Casas de Vizinhança, centros comunitários);
- Os diretores das escolas podem sugerir nomes de mães ou membros da diretoria do conselho escolar;
- Os parques e instalações recreativas muitas vezes têm sessões para mulheres;
- Igrejas, sinagogas e outros grupos religiosos podem ter grupos para mulheres;
- Conselhos das cooperativas de moradia podem sugerir mulheres participantes dentre seus membros.

Como posso me envolver em planejamento comunitário?

Primeiro: saiba o que está sendo planejado para sua comunidade

Usualmente há um Plano Comunitário Oficial (PCO) para a sua área, incluindo planos locais que já foram preparados – esta é uma boa maneira de ficar sabendo o que irá acontecer com a sua comunidade nos próximos anos. Um PCO contém mapas e as metas gerais para sua comunidade. Você poderá identificar aviso de re-zoneamento ou desenvolvimento na sua área – telefone para o governo local para saber de detalhes sobre como isso irá afetar seu bairro.

Segundo: procure saber o que está acontecendo em matéria de planejamento na sua comunidade

Pode ser que haja algum processo de planejamento em andamento na sua comunidade que você estaria interessada em acompanhar e participar. Ou você pode procurar os vereadores ou planejadores responsáveis pela sua área para tentar colocar o projeto de seu grupo na agenda. Alguns princípios básicos e fundamentais de planejamento devem ser levados em consideração:

- ***Zoneamento***: controla os tipos de usos do solo e atividades permitidos numa área, por exemplo: casa uni-familiares ou edifícios comerciais. Quase toda área está zoneada para algum uso – em que zona está sua área é importante porque isso irá determinar como a área irá se desenvolver – por exemplo, sua área presentemente pode ser exclusivamente residencial, mas pode estar zoneada para uso comercial e residencial pelo PCO. O zoneamento também regulamenta coisas como o tamanho e a altura dos edifícios.
- ***Audiência pública/ Reunião pública para informações***: quando estão previstas grandes mudanças em planos e/ou zoneamento para a cidade e a região é obrigatório haver audiências pública onde as pessoas podem expressar aprovação ou desaprovação sobre as mudanças propostas. Essas audiências são anunciadas em jornais locais. Você pode ir a essas reuniões e falar à Câmara sobre o assunto – expresse suas preocupações e suas opiniões sobre os assuntos.
- ***Sessões da Câmara***: As sessões da Câmara são regulares – usualmente uma vez por semana – nas segundas à noite na maioria das cidades da British Columbia. A maioria, mas não todos os assuntos da cidade são tratados nessas reuniões, e ela são abertas ao público. Os vereadores podem se reunir também em ocasiões especiais em privado para discutir assuntos específicos. Você pode assistir às sessões regulares e fazer uma apresentação para o seu grupo.
- ***Comitês***: a Câmara muitas vezes cria grupos de conselheiros ou comitês de representantes comunitários e negociantes para informar sobre assuntos específicos. Exemplos incluem: Comitês de Relações Raciais, Terceira Idade e Assuntos referentes a Deficientes. Se você tem um particular interesse você pode aproximar um vereador e solicitar sua nomeação. Você pode também querer que seu grupo faça uma apresentação durante uma das reuniões de Comitês.
- ***Grupos de trabalho/Forças tarefa***: A Câmara muitas vezes cria grupos de trabalho ou forças-tarefa especiais para lidar com políticas – um exemplo é a Força Tarefa para Uma Cidade Mais Segura, de Vancouver. Você pode perguntar sobre como se envolver com um grupo de trabalho. Os grupos de trabalho muitas vezes têm reuniões públicas onde você tem oportunidade de participar. No governo local, você poderá se informar quando a Câmara se reúne e quais os comitês e os gogos de trabalho que existe.

Capítulo 2: Definindo os Fundamentos Básicos

Definir os fundamentos básicos é a preocupação nos estágios iniciais de um projeto. Este capítulo discute como as mulheres podem se juntar para desenvolver sua visão e metas para suas comunidades e tratar dos assuntos e preocupações dessas comunidades. Também considera os aspectos importantes de trabalhar em conjunto, desenvolvendo uma estrutura para o grupo e definindo os papeis e responsabilidades, tomando decisões e lidando com os conflitos que surjam.

O ponto de partida

O ponto de partida para que as mulheres se envolvam nos aspectos relacionados ao planejamento comunitário vão variar de comunidade para comunidade. O ímpeto para se envolver pode surgir de uma conversa com uma vizinha sobre a falta de atenção em relação às perspectivas das mulheres no desenvolvimento de um novo plano comunitário. Pode surgir de uma preocupação do Centro das Mulheres local sobre aspectos de segurança da comunidade. Ou, pode ainda vir de mulheres que identificam uma necessidade específica da comunidade, por exemplo, a falta de um lugar de recreação para as crianças.

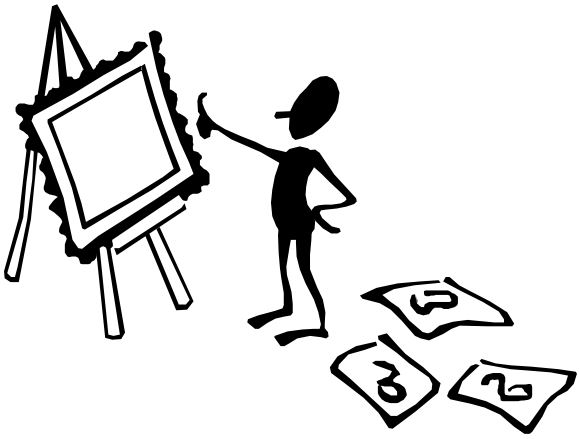
Envolvendo mais mulheres no processo

Não importa se o ponto de partida surge a partir de uma preocupação específica, necessidade especial ou do interesse geral em planejamento comunitário. O que é muito importante como próximo passo é obter o apoio de um maior número de mulheres.

Quem deve estar envolvido? Como podem ser essas pessoas convidadas a participar? Existem muitas questões importantes a serem consideradas quando desenvolvendo uma estratégia para envolver as mulheres da comunidade no processo de planejamento.

Assegurar uma participação diversificada

As mulheres que comungam a preocupação que foi identificada devem ser envolvidas. Da mesma forma, as mulheres que estão interessadas em melhorar o bem estar de suas comunidades devem se envolver. Se o assunto afeta a muitas mulheres na comunidade, é importante que as mulheres que representam diferentes perspectivas, vêm de culturas diversas, diferentes profissões, e diversos perfis de renda devem ser convidados a participar. Isto irá assegurar que o conhecimento e as idéias de tantas mulheres quanto possível sejam incorporadas no processo de planejamento.



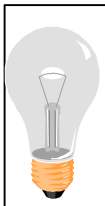
Identificando possíveis barreiras

Um jeito importante de assegurar que todos que possam estar interessados possam participar é identificar as possíveis barreiras para mulheres que tem deficiências, renda baixa, estejam tomando conta de crianças pequenas, ou para aquelas cujo inglês não é a lingua-mãe. Propiciando o cuidado das crianças e pagando as despesas para mulheres de baixa renda irá fazer uma grande diferença. Numa comunidade que inclui mulheres de diversos países ou que não falem inglês, as mulheres se sentirão mais a vontade se o convite para participar for a sua língua materna ou se estiver anunciado no seu jornal comunitário ou se for diretamente feito através de uma casa de vizinhança ou centro comunitário.

Pensando sobre algumas maneiras de identificar participantes potenciais

Então, onde podem ser encontrados participantes potenciais? Algumas sugestões incluem:

- ❖ Ter uma conversa casual com amigos e vizinhos sobre seus interesses e preocupações;
- ❖ Iniciar uma discussão sobre assuntos referentes ao planejamento comunitário em reuniões do Centro das Mulheres ou outras organizações comunitárias;
- ❖ Colocar cartazes ou notas no centro comunitário convidando as mulheres a comparecerem a uma reunião para discutir assuntos relacionados ao planejamento da comunidade;
- ❖ Falar com um repórter do jornal da comunidade sobre a possibilidade de escrever um artigo sobre mulheres e o planejamento comunitário;
- ❖ Pensar a respeito das diversas origens étnicas e culturais das mulheres na comunidade (por exemplo, se houver um número significante de mulheres envolvidas em um determinado grupo étnico, talvez possam ser convidadas através de uma organização local ou jornal).



Quais outras sugestões ***VOCÊ*** gostaria de dar?

Organizando o grupo

Uma vez que o grupo está formado, mesmo se ele for pequeno, os membros podem desenvolver uma estratégia para conseguir o envolvimento de mais mulheres no planejamento comunitário. Não é necessário ter um grupo grande para iniciar o processo. O grupo iniciador pode trabalhar para trazer mais participantes. Algumas vezes a energia e entusiasmo criados pelo trabalho de um pequeno grupo podem se tornar o catalisador para outras pessoas participarem.

A primeira reunião

Uma boa maneira de começar é através de reuniões informais. A primeira reunião de um grupo pode começar em volta de uma mesa de cozinha ou na sala de uma das participantes. Se o grupo é razoavelmente grande, um bom lugar para as reuniões pode ser o centro comunitário, a biblioteca, a escola, ou outra facilidade da comunidade que seja acessível e confortável.

Quando uma reunião é programada, é importante fazer com que todas as pessoas se sintam à vontade, bem vindas e confortáveis. Encorajar as interações informais, propiciar que as mulheres possam discutir os assuntos em pequenos grupos, servir refrescos, e propiciar oportunidades para todo mundo trocar idéias, são atitudes que contribuem para criar uma atmosfera de amizade, convidativa e atraente.

Lista para organizar uma reunião

- Os convites, e cartazes com horário e lugar da reunião amplamente divulgados, distribuidos e escritos nas linguas predominantes da comunidade
- O local da reunião é convidativo e acessivel (a pé ou com acesso fácil por transporte público)
- A arrumação do espaço é confortável e convidativa (as cadeiras colocadas em círculo ou ao redor de pequenas mesas)
- Foram providenciados refrescos, etc
- A facilitadora convida toodo mundo a participar e assegura que ningém ou nenhum grupo irá dominar as discussões.

Começando a partir das experiências das mulheres

Quando se discutem os assuntos, é importante que as mulheres presentes na reunião tenham oportunidade de contar suas experiências e falar como os assuntos as tem influenciado pessoalmente. Uma maneira importante de mostrar respeito é ouvindo e assegurando que todo mundo tenham uma oportunidade igual de falar.

Reservando tempo para discutir os assuntos

As organizadoras podem estar prontas para começar a agir sobre os assuntos do planejamento comunitário. Entretanto, não necessariamente todas as pessoas estão prontas para agir. Algumas podem estar querendo começar mais devagar e discutir os assuntos mais em profundidade. Vale a pena dispender tempo nas primeiras reuniões para explorar a fundo o que as mulheres pensam sobre aspectos e assuntos do planejamento comunitário e como elas se sentem a respeito de seu envolvimento num processo de planejamento. Isto irá servir como uma boa fundação para desenvolver as estratégias e ações.

Dividindo o trabalho

Como o grupo escolhe a divisão de trabalho depende do tamanho do grupo e da complexidade da tarefa. Se o grupo é pequeno, membros podem, individualmente, assumir trabalhos específicos ou dividir responsabilidades numa tarefa com um ou dois outros membros. As decisões podem ser tomadas de uma maneira relativamente informal.

Decidindo papéis e responsabilidades

A estrutura do grupo pode promover a compreensão e a comunicação clara dos papéis e responsabilidades dos membros do grupo. Grupos-tarefa ou comitês podem ser formados de maneira a desenvolver trabalhos específicos ou categorias de responsabilidades (por exemplo: orçamento e finanças, comunicações, levantamento de fundos, etc.).

Deve-se tornar o grupo oficial/formal?

Um grupo pode operar informalmente ou pode escolher se formalizar como uma organização de sociedade civil (ong). A incorporação em uma sociedade formal é uma vantagem para assegurar fundos para projetos porque confere legitimidade e uma base legal para o grupo. Outra maneira que o planejamento comunitário pode acontecer é através da filiação ou parceria com alguma organização comunitária já existente.

Como decidir?

Ë importante para o grupo determinar como se quer tomas decisões. Tomar decisões por

consenso envolve todo mundo no grupo no processo de tomada de decisões. Este método, que pode consumir mais tempo do que o "a maioria decide" assegura que todas as pessoas sejam ouvidas e todas as perspectivas consideradas. Tomada de decisão por consenso requer que todos os membros do grupo participem igualmente na ponderação e decisão sobre os assuntos.

Como se dá a facilitação?

A facilitação adequada é crítica para tornar as reuniões efetivas. Este papel pode ser dividido entre os membros do grupo. Quando todos os membros do grupo tiverem tido uma oportunidade de experimentar esse papel, certamente terão uma maior apreciação das dificuldades e desafios enfrentados para estabelecer uma facilitação efetiva.

Procedimentos para tomada de decisão por consenso

- O assunto é apresentado pelo facilitador ou por um membro do grupo
- Os membros informados sobre o assunto o explicam e começa a discussão
- A concordância pode ser obtida neste ponto e a decisão tomada. Se, entretanto, há pontos de vista divergentes, o consenso não é obtido.
- Uma nova rodad de discussões pode começar.
- Numa rodada, todas as pessoas comentam sobre o assunto.
- Numa rodada, ninguém interrompe.
- Cada membro expressa sua opinião sem que as outras pessoas comentem. As perguntas podem ser feitas apenas para esclarecimentos (se algo não ficou claro ou não foi compreendido)
- O tempo de uma rodada pode ser computado. Cada membro tem tempo igual para expressar sua opinião. Igualdade de tempo ajuda a equalizar a participaçào.
- Quando a rodada termina, a facilitadora sumariza o que foi dito e esclare em que pé está a discussão sobre o asssunto.
- Outra rodada pode ser necessária se o consenso não foi atingido. Entretanto, diferentes opiniões individuais podem ter surgido após se ouvir outros pontos de vista.A facilitadora pode então perguntar se há concordância sobre o asssunto. Se todas no grupo estão de acordo, a decisão é registrada.
- Uma decisão é tomada quando todas estão de acordo.

O papel da facilitadora

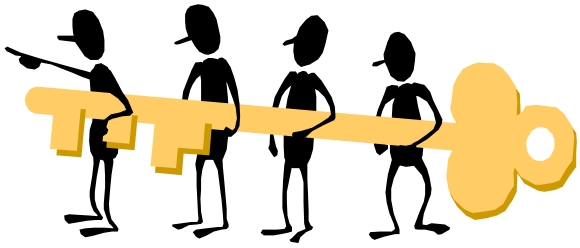
O papel da facilitadora, diferente da presidência do grupo, é controlar o tempo, encorajando um envolvimento balanceado dos membros do grupo nas discussões, e esclarecendo quando o grupo está discutindo informações e quando se está tomando uma decisão. A facilitadora ajuda no processo de tomada de decisões testa o consenso e faz pronunciamentos claros da decisão, verificando o registro dos procedimentos.

O que fazer se o consenso falha

A facilitadora do grupo tests o consesnso, perguntando se todos no grupo podem viver com a decisão. Se a resposta é não, o consenso não foi obtido.

O que fazer? Antes do grupo desistir de usar o sistema de consenso para decisões e assumir a regra-da-maioria, há alguns passos que podem ser considerados:

1. Tentar de novo. Dê tempo às pessoas para que pensem a resppeito. Re-coloque o item na agenda para a próxima reunião. Pergunte àqueles que não concordaram com adecisão para esplicarem melhor as razões de sua hesitação. Pergunte a eles se uma nova solução poderia ser encontrada com a qual todos concordassem.
2. Se ainda assim o consenso não é obtido, o grupo pode delegar a decisão a um grupo menor ou um sub-comitê, para deliberações posteriores. Este grupo pode assumir a tomada de decisão.
3. Se tudo isso falhou, o grupo decide optar pela decisão acatada pela maioria.



Dividindo a responsabilidade da facilitação

A facilitação de um grupo algumas vezes pode ser um papel desafiador e por esta razão, alguns grupos preferem fazer rotação da função entre os membros do grupo. Uma maneira de fazer isso é alfabeticamente, pelo nome dos participantes. Quando no papel de facilitadora, você não deve participar ativamente na discussão, exceto para esclarecer alguma informação ou para encorajar a participação igualitária entre todos os membros do grupo.

Todos os membros dos grupos são responsáveis pela eficiência das reuniões e em ajudar a facilitadora a desempenhar seu papel, de forma a tornar o processo de discussões mais agradável e fácil.

Como resolver conflitos?

O conflito é uma parte natural do processo de tomada de decisões. Um conflito é uma condição envolvendo pelo menos duas partes, com aliança emocional a diferentes pontos de vista. O conflito por si mesmo não é bom ou ruim. É natural que as pessoas tenham diferentes perspectivas sobre situações e diversos pontos de vista sobre determinados assuntos. Entretanto, quando o conflito não é resolvido, pode afetar adversamente como o grupo trabalha em conjunto. Por essa razão, é importante para os grupos aprender a resolver conflitos de maneira efetiva.

Fontes de conflito

O conflito pode aparecer através de diversas fontes. As pessoas têm diferentes valores e princípios. Temos todas diferentes maneiras de ver o mundo, que são modeladas pelas nossas próprias experiências e nossa compreensão da realidade.

Nossa maneira de reagir às coisas reflete essas diferenças. Nossas táticas e estratégias preferidas de como tratar determinados problemas irão diferir umas da outras. Isto, também, pode se tornar uma fonte de conflito.

O conflito pode surgir também das dificuldades na comunicação. Por uma variedade de razões, nós simplesmente podemos não entender o que a outra pessoa está dizendo. Isto pode acontecer devido às nossos próprios preconceitos, nossa maneira de ver as coisas ou pode ser porque há diferenças culturais ou de linguagem.

Processo para resolver conflitos

1. **Definição**

Reconheçimento e definição

- Revisão do meio ambinete atual
- Organização da informação
- Descrição da situaçãoi e revisão dos fatores
- Especificação do objetivo do que necessitaa ser obtido

2. **Procura**

Geração de alternativas

- Ir além das soluções isto/ou aquilo
- Identificar as muitas soluções possíveis
- Definir os critérios para a decisão
- Avaliar as várias vantagens, desvantagens, alternativas e conseqüências

3. **Decisão**

Escolha de uma solução

- Selecionar a soluçào mais apropriada
- Determinar os planos de implementação – quem faz o que quando?
- Monitorar as tarefas designadas

Achando soluções e mantendo um bom relacionamento

Então, como se podem superar essas barreiras e resolver os conflitos de uma forma que é respeitosa a todos? Soluções onde “todos ganham” representam as melhores maneiras de lidar com conflitos e manter um bom relacionamento. Os métodos “todos-ganham” para resolver conflitos são baseados no princípio de respeito mútuo. Eles estão baseados no desejo de trabalhar em conjunto por uma

solução que satisfaça a todas as necessidades e interesses das partes.

Apreciando o trabalho

É muito importante dedicar um tempo para se dizer, umas às outras, que se está fazendo um bom trabalho! Eis algumas formas de fazê-lo:

- Dividindo elogios com as outras pessoas ao final das reuniões. Elogios e apreciações são afirmações positivas reconhecendo as contribuições das participantes
- Afirmações: as afirmações envolvem os membros, individual ou grupalmente, fazendo um pronunciamento que valide a si mesmos de forma positiva, seu trabalho ou algo que eles gostariam que acontecesse.
- Celebrações: é importante dedicar tempo para celebrar o que se conseguiu.

Sumário

Este capítulo identificou alguns importantes aspectos de como iniciar o trabalho – encontrando as mulheres que irão participar, formando o grupo, e aprendendo como trabalharem juntas de forma efetiva. O próximo capítulo lida com a próxima fase de atividades: identificando as necessidades de aprendizado; obtendo apoio político; trabalhando com a mídia e começando com a atividade de planejamento propriamente dita.

Alguns princípios básicos para se trabalhar em conjunto

- encorajar a participação inclusiva
- demonstrar respeito pelos membros do grupo
- desenvolver a estrutura organizacional do grupo de forma não-hierárquica
- valorizar o tempo de todo mundo
- assegurar que todos os pontos de vista sejam ouvidos
- receber e dar informações
- devidir responsabilidades
- escolher projetos factíveis
- divertir-se

Capitulo 3: Partindo para ação

Agora os aspectos básicos estão constituídos – o grupo central está organizado e está começando a ter uma adesão motivada. Antes de se iniciar o trabalho de ação propriamente dita, vale a pena tentar encontrar outras mulheres da comunidade que queiram se envolver e possam ter habilidades úteis para oferecer.

Este é também uma hora adequada para que o grupo aprenda alguns fatos básicos sobre planejamento, como ele pode afetar a comunidade e como as pessoas podem participar. As próximas seções oferecem sugestões sobre tópicos em que você esteja interessada em aprender algo e maneiras de como proceder.

Colhendo informações e fazendo contatos

Se um membro do grupo tem uma boa compreensão de qualquer dos tópicos abaixo descritos, essa pessoa poderá liderar uma sessão de treinamento. Os membros do grupo podem ter um contato externo que possa vir voluntariamente ensiná-los a respeito de um determinado assunto. Ou aconselhamento pode ser procurado na biblioteca local, no centro comunitário ou na casa de vizinhança.

Aprendendo sobre o governo local

Saber sobre as maneiras como o governo local e outras agências afetam as comunidades é essencial para o sucesso do trabalho do grupo.

Manter bons registros das informações obtidas, contatos importantes, pessoas que possam ajudar e documentos que possam ser úteis aos objetivos do grupo é um trabalho essencial. Se os documentos estão bem organizados, será mais fácil para os membros do grupo achar informações que possam precisar no futuro.

Ganhando apoio político

Pode ser uma boa idéia avisar a Câmara com antecedência no inicio do processo sobre a existência do grupo e seu interesse na comunidade. Duas ações específicas que podem ser interessantes para desenvolver e manter apoio político são:

- Contactar quaisquer oficiais eleitos que morem na comunidade e que estejam interessados em apoiar o projeto. Convidá-los para participarem de uma das reuniões. Manifestar apreciação por qualquer interesse ou apoio que eles porventura expressem
- Contactar a Câmara e mantê-la informada do trabalho do grupo através de cartas que possam ser incorporadas ao

arquivo oficial. Este é um registro público, de forma que serve também para manter o público em geral sempre informado da iniciativa do grupo, encorajando seu apoio.

O que procurar ou o que perguntar

Faça muitas perguntas de forma a conseguir que as forças que controlam sua comunidade se desmistifiquem. Uma boa fonte de informações é o pessoal da prefeitura. Algumas perguntas-chave para fazer ao seu governo local são:

- Quem são atualmente os oficiais eleitos, qual é sua afiliação política, e quanto duram seus mandatos?
- Como o governo local está organizado? Se há um organograma do governo local, tente obter uma cópia. Aprenda sobre os vários departamentos municipais ou agencias e suas responsabilidades – especialmente o departamento de planejamento.
- Como poderá o grupo comunicar seus interesses à Câmara ou ao departamento pertinente?
- Como a Câmara toma decisões? Existem conselhos de assessoria, comitês, comissões ou grupos de trabalho que possam ser relevantes ao projeto do grupo? Eles tem representantes dos cidadãos?
- Quais são outras agencias regionais ou locais que são importantes para o projeto? (por exemplo: o Conselho de Educação, Parques e Recreação, Conselho das Bibliotecas, Associações Comunitárias, Departamento de Saúde Pública)
- Quais seriam as politicas públicas que eventualmente poderiam apoiar os objetivos do projeto do grupo? (por exemplo: sobre segurança, cuidado com crianças, reciclagem)
- Quais seriam as agencias federais ou estaduais que poderiam eventualmente afetar a vida na comunidade?

Aprendendo sobre a mídia

Um jornalista local pode estar interessado em comparecer a uma das reuniões do grupo para falar sobre como a mídia funciona e as melhores formas de interagir com pessoal de jornais, rádios ou televisão. Uma jornalista que escreva sobre assuntos municipais ou sobre assuntos referentes à mulher poderia ser uma boa candidata.

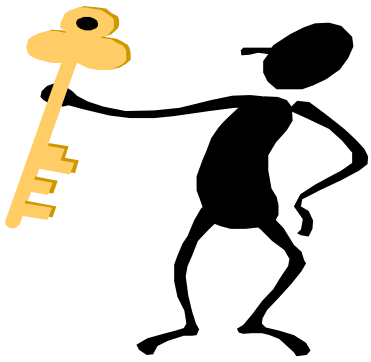
Conseguindo o apoio da mídia

O apoio da mídia é um instrumento-chave para tornar o projeto um sucesso, e para extender a influência do trabalho do grupo. A publicidade via imprensa, radio ou televisão a cabo pode ajudar a:

- ❖ educar uma maior audiência sobre os benefícios do projeto e a importância dos seus objetivos
- ❖ atrair participantes ao projeto que poderiam não ter sido identificados de outras maneiras
- ❖ estimular uma maior participação no projeto na medida que ele evolui
- ❖ criar um meio ambiente positivo e receptivo para levantamento de fundos
- ❖ ganhar reconhecimento entre os participantes e na comunidade em geral
- ❖ fortalecer o potencial para a continuidade

Escolhendo o primeiro projeto

Agora que o grupo já obteve as informações sobre a comunidade e fez os primeiros contatos importantes coma prefeitura, chegou à hora de *escolher e planejar o primeiro projeto*. A seção seguinte define um processo que tem sido bastante útil em todos os processos de planejamento – **as sete etapas de planejamento**. Esse modelo foi desenvolvido por um planejador e professor (Peter Boothroyd) que após trabalhar muitos anos com diferentes comunidades, achou que muita energia era perdida quando os grupos re-inventavam maneiras de planejar em conjunto. Ele achou que, desenvolvendo as **7 etapas**, poderia ajudar os grupos a não desperdiçar um monte de tempo e salvar energia – energia que é necessária para executar o projeto em si. Esperamos que vocês achem esse modelo útil.



As 7 Etapas são:

* 1. Definir a **Tarefa** a planejar
* 2. Identificar as **Metas**
* 3. Relacionar os **Fatos**
* 4. Gerar **Possibilidades** para ações concretas
* 5. Agrupar as possibilidades em **Opções**
* 6. **Avaliação** dos pros e cons de cada opção
* 7. **Decisão** sobre a opção a ser adotada

Adicionalmente, podemos explorar algumas idéias em como o grupo poderá utilizar as 7 etapas. As seguintes descrições simplificadas são sugestões de como o grupo pode trabalhar com as 7 etapas. Adicionou-se a cada etapa uma seção descrevendo exemplos de um grupo de mulheres planejando um projeto comunitário. Para seguir essas etapas, é necessário um local (sala), um bloco de papel para cartaz e canetas, e alguém para atuar como facilitador do grupo (possivelmente uma participante do grupo ou uma pessoa de fora).

COLOCAR SÍMBOLOS PARA CADA ETAPA

1. **Definindo a TAREFA que o grupo irá planejar**

Achou-se que é muito importante decidir *como grupo* a **TAREFA** com a qual o grupo está interessado a trabalhar. Quer se trabalhar em definir um projeto? Quer se organizar um processo de planejamento comunitário? Quer se organizar um grupo comunitário? Todas essas **TAREFAS** são muito diferentes – e é importante que todo mundo tenha uma mesma idéia sobre o quê o grupo está fazendo. O jeito mais fácil de fazer isso é designar alguém como facilitador – ou se há recursos - trazer um facilitador para trabalhar com o grupo. Também é uma boa idéia ter um bloco de papel para escrever as idéias das pessoas e registrar o que o grupo finalmente decide ser a **TAREFA** com a qual se vai trabalhar. Desta forma, todas as vezes que houver alguma confusão ou dúvida ou mesmo quando novas pessoas se juntam ao grupo, os membros podem apontar para a **TAREFA** acordada no papel e focar as pessoas novamente. É claro que a **TAREFA** pode ser revista ou revisitada se for necessário.

> *Em nosso grupo comunitário, nós tivemos uma rodada entre os participantes e a facilitadora perguntou a cada pessoa o que ele achava que o grupo deveria fazer. A maioria das pessoas achou-se pronta a embarcar na fase de planejar um projeto específico. Escrevemos na nossa cartolina que:*
>
> *"Nossa TAREFA foi planejar um projeto para nossa comunidade".*

2. **Identificando as METAS do grupo**

Todas as comunidades têm pessoas diferentes, que tem diferentes **METAS** para si mesmas e para suas comunidades. Isso é especialmente verdadeiro para as comunidades no Canadá, onde muitas pessoas não têm vivido em seus bairros há muito tempo – muitas vezes vindo de países e culturas diferentes. Todos viemos de diferentes lugares e precisamos entender melhor nossas diferentes **METAS** antes de começar a planejar projetos em conjunto. Esta etapa é uma boa maneira de identificar quais são as diferentes necessidades e experiências das pessoas. Dessa forma, os desentendimentos e as diferenças podem ser discutidos no começo do processo. Para ter

certeza de que todo mundo foi ouvido e todas as **METAS** respeitadas, é muito importante nesta altura ter uma pessoa agindo como facilitadora. O ponto é que o grupo não precisa estar de acordo ou ter consenso sobre uma grande meta, mas sim reconhecer que haverá uma **GRANDE VARIEDADE DE METAS** no grupo. Essas metas tornar-se-ão critérios para selecionar o projeto final do grupo (veja etapa 6).

As METAS de todas as pessoas devem ser escritas numa cartolina – METAS semelhantes podem ser agrupadas.

Por exemplo, os membros de nossa comunidade identificaram as seguintes METAS para o projeto:

- *um projeto factível economicamente*
- *um projeto que atenda a diferentes grupos culturais*
- *um projeto que possa ser realizado em três meses*
- *um projeto que crie empregos para a comunidade*
- *um projeto para as crianças…*

3. **Lista dos FATOS relevantes**

Nesta etapa deve-se lidar com todos os fatos que foram coletados sobre a comunidade. Haverá uma grande quantidade de novos **FATOS** dentro do próprio grupo – as informações que já foram publicadas podem estar superadas e necessariamente nunca incluem tudo que as pessoas sabem. Para manter as coisas sob controle, pode-se chegar à conclusão de que é mais simples ter uma facilitadora que conduza o grupo através dos dois estágios de identificação dos **FATOS** –.

as Forças/predicados e as Fraquezas/vulnerabilidades da comunidade, bem como as Oportunidades e as Ameaças externas à comunidade. Esta é a chamada Análise FOFA.

Um exemplo de um exercício de análise FOFA que foi usado em nossa comunidade terminou com quatro folhas de cartolina listando os seguintes FATOS da comunidade:

FORÇAS

Nós (comunidade das mulheres)

Espaço comunitário disponível na escola

Um vereador local que ofereceu apoio

FRAQUEZAS

Pouco dinheiro

Falta de diversidade no grupo

OPORTUNIDADES

Câmara oferecendo apoio

Interesse da mídia local

AMEAÇAS

Redução do orçamento para as escolas comunitárias

Redução do orçamento para moradia social

4. **Gerando muitas POSSIBILIDADES de ação**

Está etapa é divertida e envolve todo mundo pensando, de forma relaxada, sobre

possibilidades de projetos que possam atender às metas da comunidade. A facilitadora deve assegurar que quando uma POSSIBILIDADE é mencionada por alguém no grupo não haja críticas – simplesmente que alguém mencione outra possibilidade imediatamente. Dessa forma, todo mundo se sente confortável e seguro em explorar quaisquer idéias diferentes e o grupo se tornará realmente criativo.

Uma maneira de realizar essa etapa é usar o que se chama Exercício de Visualização:

- *cada pessoa escreve num pedaço de papel algumas palavras ou faz um desenho esquemático sobre como elas gostariam que fosse a comunidade dentro de cinco anos*
- *logo em seguida, cada pessoa completa a seguinte frase com suas próprias palavras: "Eu dôo à minha comunidade um (a)…..…"*
- *então, as pessoas se dividem em grupos menores e conversam sobre suas doações de idéias*
- *em seguida, o grupo volta a se reunir como um todo e lista suas doações ou POSSIBILIDADES para a comunidade*.

Por exemplo, as POSSIBILIDADES que as mulheres na nossa comunidade pensaram foram:
Travessias de pedestre, a comunidade necessita de uma pesquisa, um plano para os próximos cinco anos, um espaço comunitário para reuniões, um programa de re-treinamento para as mulheres do bairro, um centro para atender pessoas em crise, pintar os tanques de petróleo da fábrica no bairro, expandir o Programa de Supervisão de Quarteirão, melhorar as ligações com o transporte público, desenvolver um programa de chaves de trinco, iluminação pública, um centro de reciclagem…

5. **Agrupando as possibilidades como OPÇÕES**

É importante agrupar as OPÇÕES para que o grupo possa lidar com todas as idéias. Isto também assegura que as idéias que tem relação com outras coisas fora das METAS sejam eliminadas – por exemplo, o grupo pode deixar de lado idéias sobre formar um novo grupo quando estiver no processo de começar um projeto.

O grupo examina a lista de POSSIBILIDADES da etapa quatro e as organiza – idéias que não estão de acordo com a TAREFA de planejamento do projeto comunitário são postas de lado.
Nosso grupo comunitário agrupou juntas suas POSSIBILIDADES nas seguintes OPÇÕES:
SEGURANÇA MELHOR
Travessias de pedestres
Iluminação pública

Expansão do Programa de Supervisão de Quarteirão

MAIS ESPAÇOS COMUNITÄRIOS
Um espaço para reuniões da comunidade
Um centro de crises
Um centro de reciclagem
Pintar os tanques de petróleo da fábrica do bairro

MELHOR TRANSPORTE PÜBLICO
Melhoria das ligações de transportes coletivos

MAIS SERVIÇOS SOCIAIS
Desenvolver um programa de chaves de trinco
Um programa de treinamento das mulheres do bairro

O grupo pode também colocar de lado algumas possibilidades para outra TAREFA de planejamento porque elas não representam POSSIBILIDADES de projeto:

`PLANEJAMENTO COMUNITÁRIO CONTÍNUO: uma comunidade necessita pesquisa e novo plano de cinco anos para a comunidade.`

6. **AVALIÇÃO dos prós e cons de cada opção**

Este estágio é onde se traz de volta a etapa dois – METAS – de volta. O grupo, com a ajuda de uma facilitadora, lista os prós e cons de cada grupo de opções. Esses prós e cons são baseados até certo ponto, na lista de METAS que eram importantes para os membros da comunidade.

Uma forma de fazer isto é organizar uma tabela com as OPÇÕES listadas em um lado e as METAS marcadas na linha

superior. Preencher, então, cada quadrado com um número de 1 a 4 (isto é, dando peso aos quatro projetos assinalando 1 ao projeto mais distante da meta e 4 ao projeto mais próximo da META).Veja Modelo nos Anexos

7. **DECISÃO sobre a opção a ser adotada**

A decisão do grupo será baseada no resultado da etapa seis, até certo ponto. Talvez o grupo tenha uma maneira específica de decidir. Pode ser através do método de consenso ou alguma forma de votação. Qualquer que seja a decisão, o grupo deve estar de acordo e satisfeito com a maneira adotada. A facilitadora deverá verificar com cada membro do grupo, assegurando-se de que todo grupo está de acordo.

Organizando o apoio para o projeto

Incorporando os planejadores e pessoal da municipalidade ao grupo

Agora é o momento de o grupo se reunir com o pessoal do governo local – eles podem ser planejadores, engenheiros ou as pessoas que trabalham nas áreas envolvidas. Se o seu projeto é iniciado pelo seu grupo comunitário, é provável que você precise solicitar a participação do pessoal em base de voluntariado, ou buscar apoio político de forma a ter pessoas designadas para trabalhar em seu projeto. Portanto, encontrar os planejadores para serem envolvidos no processo e projeto vai depender de algumas medidas básicas para alcançar os participantes potenciais:

- distribuir material escrito, de forma clara e simples, sobre seus objetivos;
- após a distribuição do material por escrito, estabelecer contato por telefone ou pessoalmente (preferível). Explique seus objetivos, o tempo envolvido, e os benefícios potenciais;
- quando fazendo suas consultas, tentem saber quais seriam os planejadores que seriam mais accessíveis, interessados ou simpatizantes aos seus objetivos;
- utilize-se da rede de conhecidos para obter nomes de outros planejadores que eventualmente estariam dispostos a se envolver no projeto.

Organizando os primeiros contatos

- uma curta apresentação sobre a comunidade pode ser um bom início para as conversações
- as mulheres da comunidade e os planejadores podem formar pares e discutir questões sobre seus trabalhos, onde moram, seu interesse no grupo, etc.
- após conversar com as pessoas em pares, as mulhres do grupo e os planejadores podem introduzir uns aos outros para todo o grupo.

Trabalhando juntos

A primeira vez que as mulheres e planejadores se juntam será necessário dar algum tempo para as pessoas se conhecerem.

Os planejadores podem passar ao grupo informações sobre iniciativas anteriores de planejamento e outras iniciativas ou programas em andamento. Vocês devem perguntar aos planejadores sobre as maneiras através das quais o grupo pode se envolver nessas iniciativas.

Parte da reunião deve ser voltada a discutir as necessidades da comunidade do ponto de vista de vocês. As necessidades listadas nas reuniões anteriores devem ser discutidas nos seguintes termos:

- a praticabilidade das várias idéias – quão fácil ou difícil será conseguir implementá-las;
- as implicações políticas;
- tempo e esforço necessários;
- custo monetário;
- quem deve se envolver com a municipalidade.

O grupo pode considerar em dividir-se em subgrupos para discutir a lista de necessidades se houver um número significativo de assuntos. Cada subgrupo deve incluir um planejador e mulheres da comunidade de tal forma que o conhecimento e as perspectivas possam ser comungadas. Se forem usados sub-grupos, deve haver previsão de tempo para o grupo todo se reunir ao final e conversar sobre os resultados das conversas nos sub-grupos. Os participantes podem querer tomar notas para ajudar a estabelecer prioridades e fazer escolhas sobre em que necessidade(s) se quer focar.

Envolvendo a comunidade

As reuniões iniciais sobre as necessidades da comunidade produzem um bom retrato de que projeto os participantes acham importantes, mas não necessariamente identificam as prioridades dos residentes da comunidade que não foram envolvidos. Também é importante que o projeto tenha uma base sólida de apoio na comunidade para obter apoio político.

As idéias reunidas através de indagações mais gerais devem ser organizadas por categorias de necessidades, mostrando o número de pessoas que as sugeriram, de forma a ter uma idéia das prioridades da comunidade.

Os planejadores e o pessoal da municipalidade também podem discutir com colegas na prefeitura de forma a explorar mais a fundo as questões de praticabilidade, etc.

Mantendo a trajetória

Deste ponto em diante a equipe toda do projeto (ou os sub-grupos que se tiverem formado ao redor de assuntos específicos) deve se encontrar regularmente para:

- verificar como as pessoas estão desenvolvendo suas tarefas;
- trocar informações;
- atualizar a lista de contatos, com telefones, etc.;
- pedir assistência de pessoas no grupo cujas habilidades ou conhecimentos pode se estar necessitando;
- coordenar as comunicações entre as pessoas;
- estar de acordo sobre eventuais mudanças nas ações onde mudanças forem necessárias baseadas em novos fatos ou eventos inesperados;
- mudar abordagens que não estejam dando certo com outras que possam obter melhores resultados;
- manter o nível de energia do grupo e apoiar-se mutuamente.

Como indagar sobre necessidades mais abrangentes da comunidade

- ❖ pergunte a amigos, membros da família e vizinhos sobre suas opiniões sobre a lista de necessidades gerada pelo grupo;
- ❖ contate grupos organizados na comunidade com a questão: "o que você gostaria/necessita na comunidade?"
- ❖ coloque um quiosque num parque, numa ou outros eventos comunitários com membros do grupo (inclusive planejadores) para conversar com a comunidade.

Mesmo que um grande esforço tenha sido colocado no plano inicial, isto não significa que não haverá mudanças ao longo do tempo – muito pelo contrário. O projeto precisa se adaptar tanto às mudanças das circunstâncias externas e novos fatos, como aos novos aprendizados gerados pelos participantes.

Sustentando o espírito comunitário

O valor desses processos para a comunidade e o planejamento comunitário é, ultimamente, estabelecer uma equipe de mulheres dedicadas e habilidosas que monitorem as necessidades da comunidade e sirvam de catalisadoras para ter essas necessidades atendidas. O tempo e energia que vocês investem devem se pagar não só em termos de projetos implementados, mas na construção do espírito comunitário, através da participação no desenvolvimento da comunidade.

O maior resultado para o grupo deve ser o desenvolvimento de uma equipe dedicada de mulheres da comunidade, que disponham do conhecimento necessário para:

- ❖ avaliar as necessidades da comunidade;
- ❖ envolver outras pessoas;
- ❖ se aproximar dos planejadores municipais com confiança;
- ❖ arranjar e estimular apoio na comunidade;
- ❖ planejar realisticamente pela implementação de projetos;
- ❖ identificar os recursos necessários;
- ❖ galvanizar a opinião pública;
- ❖ desenvolver habilidade política para incluir as necessidades na agenda municipal.

Uma vez implementado o primeiro projeto, você deverão ter o apoio necessário para continuar seu envolvimento. Portanto, a conclusão do primeiro projeto é o tempo certo para iniciar outro projeto.

Divertindo-se enquanto se trabalha no projeto

Em reconhecimento do precioso tempo que as mulheres estão dedicando ao grupo, é muito importante que elas também se

divirtam no processo. O que faz o processo divertido é:

- ter um grupo de participantes cheio de energia e cooperativo;
- dispender tempo juntas para se conhecer mutuamente, com algumas atividades sociais, algumas sessões para cozinhar e comer juntamente, e algumas oportunidades estruturadas de trocar e discutir idéias e valores;
- ser visíveis para que outros membros da comunidade se tornem cientes do que o grupo está fazendo;
- ir à comunidade para avaliar as necessidades, trocar informações e ter um retorno. ESTABELER UMA REDE DE CONTATOS PODE SER DIVERTIDO!
- ter chance em cada reunião de trocar informação sobre o que aconteceu no projeto desde a última reunião. Discutir as conquistas e frustrações de forma a criar um espírito de grupo;
- Mas o ato de trazer e dividir alguma comida em cada reunião é muito importante.
- é impossível super-enfatizar o papel da comida. Ela não precisa ser cara ou sofisticada – frutas e chazinhos de ervas podem ser tão satisfatórios quanto tortas sofisticadas e um monte de cafeína. Mas o ato de trazer e dividir alguma comida em cada reunião é muito importante. quanto tortas sofisticadas e um monte de cafeína.

Celebrando o trabalho

Normalmente tendemos a esperar até o final do trabalho para comemorar. Mas as celebrações são importantes a cada estágio do trabalho. Celebramos quando obtemos fundos quando conseguimos publicar um artigo no jornal…quando formamos os sub-grupos de trabalho…quando completamos um plano de ação com voluntários designados para desenvolver as diversas partes do plano…quando obtemos uma resposta favorável da prefeitura . QUALQUER conquista, mesmo que pequena, é uma ocasião para celebrar, para reconhecer, para apreciar, para se ficar encantada, para honrar e demonstrar estima umas às outras e ao trabalho em si.

Pequenas celebrações podem assumir a forma de salva de palmas, brinde de guaraná, refeições em conjunto, troféus de trabalho, camisetas com símbolos e mensagens de apreço, cartas de agradecimento, etc. Grandes celebrações podem ser eventos comunitários, festas, cerimoniais, e inaugurações de projetos especiais.

Aqui está uma receita que tende a ser sempre apreciada por todo mundo:

As bolachinhas secretas de chocolate da Susan

2 xícaras de margarina
1 e ½ xícaras de açucar mascavo
2 ovos
2 colheres de sopa de fermento em pó
2 colheres de sopa de vanila
2 e ¼ de xícaras de farinha de trigo
2 xícaras de pedacinhos de chocolate amargo
]ozes se gostar
Misture os ingredientes na ordem acima, mexendo bem após a adição de cada um. Coloque a massa em bocados numa forma untada ou em papel especial (bolachas pequenas são melhores para reuniões, pois duram mais e as pessoas se sentem mais virtuosas se comem duas bolachinas pequenas do que uma ou duas grandes) e coloque no forno por 9-10 minutos, a 180-200 graus Celsius. Se elas parecerem um pouco macias demais, está bem. Quando esfriam, por fora ficam mais crocantes, e por dentro mais macias. Esta receita deve dar para uma reuniào de até 12 pessoas.

Conclusão

Este manual reúne os passos iniciais, básicos para começar e implementar um projeto cujo planejamento tem as necessidades das mulheres em vista. Esperamos que ele seja o iniciador de uma série de iniciativas de planejamento comunitário pelas e para as mulheres.

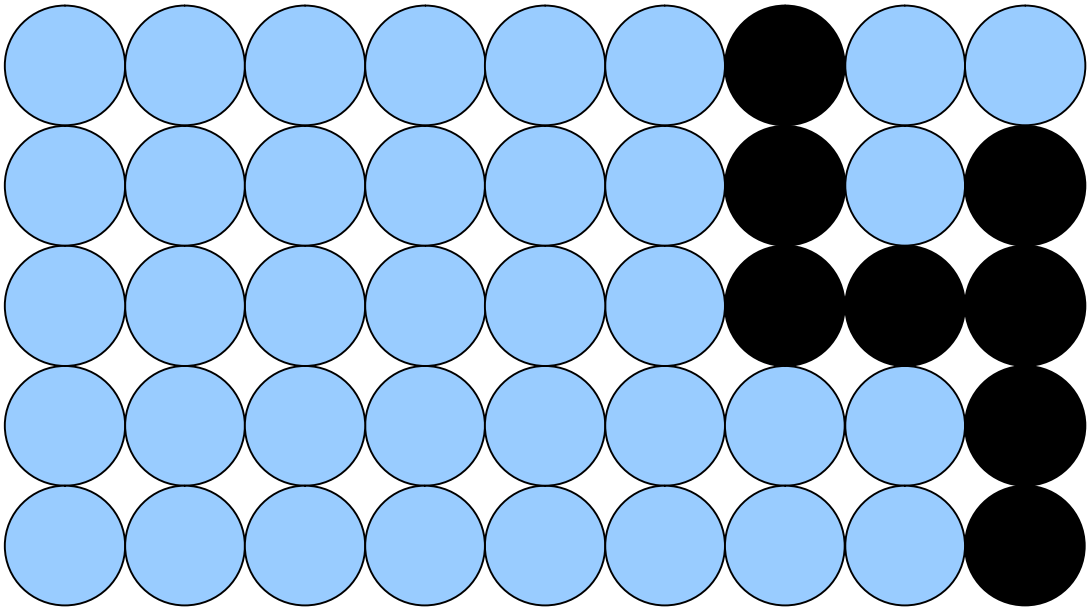
Fonte:

Texto adaptado do Grupo "Planning Ourselves in"
Social Planning and Reasearch Council
(SPARC) of British Columbia
106-2182 West 12th Avenue
Vancouver BC V6K 2N4
Canadá

Desenvolvimento Comunitário e Gênero

Biomapas Comunitários

O Processo de Elaboração Passo-a-Passo



Biomapas Comunitários
O Processo de Elaboração
Passo-a-Passo

O objetivo da oficina de biomapas é introduzir aos participantes das comunidades e aos planejadores locais a técnica de elaboração de mapas comunitários. Os mapas deverão mostrar claramente o conhecimento que a comunidade tem de seu meio ambiente e, ao mesmo tempo, aumentar o empoderamento de seus membros através da inserção do conhecimento local nos processos de planejamento, implementação e monitoramento. Isto deverá melhorar a eficiência e efetividade do planejamento a nível local, possibilitando que sejam desenvolvidas soluções para problemas locais, que sejam implementadas e monitoradas a nível local e, ao mesmo tempo, criar um mecanismo através do qual assuntos de maior abrangência ou escopo possam ser identificados e soluçõe possíveis ou potenciais possam ser vislumbradas. Através do uso dessa técnica, a capacidade local de lidar com os problemas e gerar soluções, será aumentada, assim como a capacidade de identificar as oportunidades para inovações a nível local, etc. Da mesma forma, os canais de comunicação entre a comunidade e os planejadores serão aprofundados, e será mais fácil identificar soluções para os problemas que sejam práticas, fáceis de serem implementadas e que terão o apoio das comunidades locais.

É necessário pelo menos um dia para preparação da oficina, para reunir materiais, convidar os participantes, produzir o mapa-base, estabelecer as datas e horários. O grupo ideal para o mapeamento deverá ser composto por alguns planejadores e as pessoas que trabalham diretamente com a geração de mapas para a comunidade (e que, normalmente, não tem contato direto com as pessoas) e mais ou menos 20 membros da comunidade. A oficina de biomapas poderá acontecer durante dois dias, o primeiro dia sendo utilizado para explicar as técnicas,organizar as informações e iniciar o mapeamento, e o segundo dia sendo sua continuação com detalhes maiores, preparo da cópia final e discussão sobre futuras possibilidades. Após os dois dias da oficina, sugere-se uma reunião geral da comunidade para apresentação dos mapas e discussão das possibilidades futuras geradas pelo resultado dos mapas. Um representante da comunidade e um representande do governo local deverão ser escolhidos para servir como contatos para os membros da comunidade e para serem responsáveis pela atualização mensal dos mapas. Os mapas acabados poderão ser laminados ou protegidos com plástico para melhor manuseio e conservação, e colocados em local onde sejam facilmente visíveis e acessíveis para o uso por membros da comunidade e planejadores (por exemplo, na entrada da prefitura, nas escolas, etc.).

Alguma regras para a organização da oficina deverão ser estabelecidas e devem incluir os seguintes princípios:

- Todo participante deverá ser respeitado, sendo valioso todo conhecimento dos participantes
- *Todos deverão tratar a todos com o mesmo respeito, e a todos os participantes deverá ser dada a chance de falar livremente.*

Para se realizar a oficina, são necessarios os seguintes materiais:

- *Mapa-base da área, mostrando as características básicas disponíveis (topografia, córregos, edificações, etc)*

- *Símbolos para representar os pontos a serem assinalados no mapeamento*
- *Lápis de cor, canetas hidrográficas*
- *Canetas pretas, réguas, papel com linhas para escrever listas*
- *Câmara fotográfica e caderneta para tomar notas sobre cada foto*
- *Durex, cola, tesouras, etc.*
- *Papel para registrar o progresso do processo, reflexões, observações, etc.*

Agenda da oficina

Passo Um

Explicação do que um mapa bioregional é, como deverá ajudar no planejamento, comunicação e aprendizado sobre a comunidade.

Nome	Proce-dência	Experiência Relevante	Expectativas

Passo Dois

Explicação sobre a participação no processo - regras, tempo necessário, possibilidades para futuros projetos, como os mapas serão usados e para quem estarão disponíveis após o processo. Introdução de todos os particiantes. De onde vêm as pessoas, quais as suas experiências, o que elas esperam deste processo. Utilizar a matriz abaixo e registrar a informação sobre cada particiante para ser usada posteriormente no documento que acompanha os mapas.

Passo Três

Discussão geral e revisão

- Qual é a meta ao se fazer este mapeamento?
- Quais são os objetivos?
- Quais são as opções?
- Como essas opções poderão ajudar a alcançar a meta e os objetivos?
- Quais são as decisões?
- Levar o plano adiante.

Passo Quatro – Mapeamento

O mapeamento pode ser elaborado por grupos de 5 a 10 pessoas trabalhando em conjunto com um planejador/facilitador, no mesmo mapa. A primeira coisa a ser feita no mapeamento é registrar todas as informações conhecidas, começando com aquelas mais fáceis e concretas. Passa-se então ao conhecimento perceptivo e à conscientizacão histórica, que poderão variar de participante para participante. Após o desenvolvimento dessa fase, é uma boa hora para se caminhar pela comunidade e conseguir mais informaçãoes, tirar fotos se

possível. Finalmente, mapear os planos futuros, sugestões, etc.

A lista abaixo é uma lista de possíveis temas que poderão ser mapeados em uma dada comunidade

- Características físicas – casa, negócios, ruas, riachos, parques, serviços, etc
- Percepção e conscientização ambiental – áreas que são atraentes, seguras, perigosas, sujas, limpas, quietas, barulhentas, etc
- Documentação histórica – como foram todas as coisa acima descritas no passado? Como elas mudaram?
- Planos futuros – quais são os atuais planos para as coisas que foram mapeadas? Quais as áreas que precisam ser protegidas? Melhoradas? Quais são os possíveis lugares para futuras atividades?

Segue abaixo alguns exemplos para ilustrar o que foi descrito acima, em um mapa, e que tipo de informação seria interesante incluir no mapa:

Casas – colorir de marron as casas e numerá-las. Usar uma lista para mostrar quem mora onde, com respectivos números, quantas pessoas têm a família, por quanto tempo elas moram ali. Se possível incluir também comentários sobre as condições da casa, os materiais utilizados na construção, quando foi construída, tirar uma foto, etc.

Ruas – escrever os nomes das ruas onde possível. Colocar setas fortes para indicar as direções das ruas mais movimentadas, e setas menores onde o trânsito é menor, e assinalr com pontinhos onde há muito pouco trânsito. Que tipo de trânsito é esse? Usar símbolos para carros, motocicletas, bicicletas, pedestres, etc.

Negócios – marcar com lápis laranja todos os locais onde são realizadas transações econômicas e numerá-los. Usar símbolos para mostrar diferentes tipos de negócios. Use uma lista paraindicar o tipo de negócio, quem trabalha ali, de onde vem os fregueses, há quanto tempo o negócio está estabelecido, quando está aberto. Se possível, tirar uma foto. Fazer uma lista de todos os tipos de negócios que não existem na área. Marcar os lugares onde poderia haver potencial para novos negócios com uma cor laranja mais viva e um símbolo do tipo de negócio e numerá-los.

Serviços – Marcar todos os locais onde há serviços com amarelo e numerá-los. Usar uma lista para mostrar que tipo de serviço, horas de funcionamento, a quem atende, quaisquer problemas que se saiba a respeito, etc. Exemplos de símbolos extras que podem ser utilizados – escolas, postos de

saúde, polícia, bombeiros, transporte público, biblioteca, correio, telefone público, lugar de encontros, etc. Esta categoria poderá ser mais específica ainda, para incluir outros itens, tais como serviços de atendimento à mulher etc., se for o caso.

Comunicações – marcar todos os lugares com roxo e numerá-los – usar símbolos para telefones públicos (funcionando e quebrados), lugar onde cartazes e mensagens são afixados, localização de membros de conselhos, lugares de encontros informais. Usar círculo roxo claro para indicar áreas que precisam instalação de comunicação – marcar os pontos interessantes para a localização de novos equipamentos para telephones, cartazes, etc.

Meio Ambiente – colorir todas as áreas naturais com verde, e todos os corpos d'agua com azul. Adicionar os nomes quando conhecidos. Marcar lugares especiais com uma estrela dourada e numerá-los. Usar uma lista para descrever porque esses lugares são especiais, quem os utiliza, etc. Marcar os lugares problemáticos, com uma marca vermelha e numerá-los. Usar uma lista para descrever os problemas, quais são as possivies causas – qual poderia ser uma solução? Mostrar os parques com símbolos específicos, locais que necessitam de um parque podem ser apontados, descritos, e localização potencial marcada com verde claro. Poderá incluir exemplos de animais – para corpos d'água: há peixes ? Que tipos?

Outras características naturais podem ser colocadas no mapa – mostrar onde estão os morros, vales, rios (e sua direção). Usar preto para marcar linhas de altitudes, direção do fluxo das águas de chuva. Marcar áreas onde o esgoto desemboca nas águas de rios com pontos vermelhos, numerá-las e descrever na lista do meio ambiente. Marcar as áreas das estradas que ficam intransitáveis e assinalá-las com vermelho, tirar fotos se possível. Marcar as áreas que têm acúmulo de lixo da mesma forma. Marcar áreas possíveis para latas de lixo. Marcar áreas onde o solo é instável com hachuras.Marcar as áreas onde as pessoas têm hortas em casa com um símbolo verde e numerá-las. Usar uma lista para descrever o que eles plantam, o que fazem com as verdures, etc.

Marcar os pontos onde poderim ser colocados bancos para descansar, observar a paisagem, etc. e pintar um "X" de rosa.

Usar cinza para colorir as áreas que sejam perigosas, marcar com um símbolo e numerá-las. Usar uma lista para mostrar a que horas do dia o lugar é perigoso, porque, etc. Marcar os lugares para onde as pessoas possam ir caso se sintam em perigo ou precisem de ajuda com um símbolo

Usar amarelo para colorir as áreas onde há iluminação pública à noite. Marcar outras áreas onde iluminação seria necessária para que as pessoas se sentissem mais seguras.

- Considere que se é difícil mostrar todas as coisas em um mapa, uma página-mapa separada pode ser utilizada para cada categoria. Por exemplo, uma página-mapa pode ser usada para localizar as casas, os negócios e as áreas naturais. Uma outra poderá ser usada para marcar os serviços, e outra ainda para segurança. Você poderá também decidir fazer um mapa sobre um assunto específico, como por exemplo, assuntos relativos à saúde, probelmas específicos detetados pela comunidade, aspectos especiais e importantes , etc.

> *" Nós abusamos da terra porque a vemos como um recurso que nos pertence. Quando virmos a terra como uma* comunidade *a que pertencemos, talvez comecemos a utiliza-la com amor e respeito. " Aldo Leopold*

MAPEAMENTO BIOREGIONAL

INFORMAÇÃO PARA FACILITADORES

MAPEANDO ÁREAS INDIVIDUAIS

O mapeamento a nivel de bairros envolve experiência direta com uma área onde está localizada uma comunidade (ou várias comunidades) – um levantamento que pode ser feito a partir de medições, observações, experiências). O propósito desse tipo de mapeamento é entender melhor *as interrelações e a natureza dinâmica da área onde vive a comunidade*. A posse desse conhecimento habilitará os residentes dessa comunidade a tomar melhores decisões, não somente a nivel de suas atividades diarias mas tambem a longo prazo, sobre as atividades que se realizam na área. Este tipo de mapeamento e a aquisição de dados a ele associada, poderia ser realizado pelos residentes, a quem podem ser ensinadas tecnicas simples para avaliação e monitoração de diversas atividades ou fenômenos físiográficos, como por exemplo, a coleta de águas pluviais em superficies impermeáveis (telhados e pavimentos) assim como algumas tecnicas básicas para medição de erosão do solo, estabilidade de

encostas, etc. O mapeamento a nivel de bairros poderá tornar um individuo mais consciente das relações com outros bairros e/ou regiões, em um nivel mais amplo de entendimento das interelacões sociais, geográficas, econômicas, etc., que poderá ser conhecida ou denominada como uma ***bioregião***.

MAPEAMENTO BIOREGIONAL

Os mapas criados por cientistas e técnicos são amplamente reconhecidos como documentos "com autoridade"; todavia, eles não são as únicas fontes de informações válidas sobre um determinado lugar. A criação de mapas a nível comunitário é uma prática correntemente utilizada entre comunidades na Inglaterra, Europa, Austrália, Estados Unidos e Canada.

Reconhecer oficialmente o conhecimento de pessoas que vivem em um lugar é uma proposta essencial do mapeamento bioregional. Esse tipo de mapeamento baseia-se no conhecimento existente dos membros da comunidade, assim como permite a eles coletar novas informações e consolidá-las com diversas informações de modo a formar uma imagem mais concisa e completa da comunidade onde vivem.

Esse tipo de mapeamento preocupa-se com a documentação da interrelação existente entre o meio ambiente e as atividades humanas, para criar uma imagem das condições existentes, um registro de um período de tempo extenso, e possivelmente tambem criar uma ferramenta para elaborar uma ou mais visões do futuro da comunidade. Mapas bioregionais podem ser usados como uma linha-base de informação sobre uma área, de modo que quando uma mudança ocorrer, esta poderá ser medida e monitorada com precisão. Devido ao fato que mapas bioregionais são baratos de se produzir e fáceis de serem atualizados, eles são ideais para registrar mudanças durante o tempo em comunidades que não disponham de recursos financeiros para monitoramentos técnicos.

Tecnologia Acessível para o Empoderamento de Comunidades

O mapeamento bioregional está menos relacionado com o com o ensinamento de abilidades para se tornar um cartógrafo experiente do que com o crescimento e desenvolvimento da comunidade. Todos os segmentos da comunidade podem ser envolvidos no processo de mapeamento bioregional: jovens, idosos, mulheres, criancas. Embora sendo um documento acurado, é essencial que as técnicas usadas

para criar os mapas envolvam os membros da comunidade de modo que eles tenham um senso de propriedade dos mapas, ou seja, técnicas fáceis de serem compreendidas e utilizadas por todos.

O uso de métodos efetivos e sistemáticos para a participação da comunidade, e a revisão dos fatos mostrados nos mapas antes do término dos mesmos, assegurará que os mapas sejam bastante acurados e que poderão ser facilmente convertidos para o formato digital, se assim for desejado. A participação contínua e entusiástica dos membros da comunidade contribuirá para o estabelecimento de uma visão de desenvolvimento sustentavel que a comunidade pode e deseja participar ativamente. Oportunidades para a implementação de planos econômicos, ambientais e socialmente justos são facilitados pela adesão e apropriacão pela comunidade dessa ferramenta de desenvolvimento comunitário.

O mapeamento bioregional é relativamente simples, e cria um mecanismo com um grande potencial organizational. Através da consolidação de uma grande quantidade de informacões sobre aspectos biofísicos e culturais em um único formato, tanto a conscientização da comunidade quanto a dos planejadores locais/regionais pode ser estimulada em relação à busca de direções para o futuro. O mapeamento bioregional não está vinculado ao estímulo de expectativas dos membros da comunidade em relação à realização de certas ações, mas sim objetiva o reconhecimento das condições existentes, e chama a atenção para áreas onde mudanças positivas possam ser estimuladas e/ou facilitadas. Isto pode, muitas vezes, incluir áreas onde uma maior participação da comunidade -ao assumir atitudes de responsabilidade - fica realçada como um benefício para a comunidade que pode trazer mudanças positivas. Isto significa também que opções de mudanças e desenvolvimento originadas por membros da comunidade podem ser igualmente estimuladas e valorizadas, ao invés de simplesmente se realçar e valorizar as áreas com problemas, ou que necessitem assistência de planejadores, consultores, etc.

Níveis de Participação Comunitária

Existem diferentes maneiras através das quais o processo de mapeamento bioregional pode ser implementado. A participação dos membros da comunidade pode variar de uma forma de consulta à participação integral na criação dos mapas. As formas abaixo descritas são sugestões para diferentes processos de mapeamentos de envolvimento dos membros da comunidade, em suas diversas capacidades:

1 - Consulta – os mapas são criados por especialistas ou planejadores, de uma forma isolada ou em cooperação com outros especialistas. Os membros da comunidade são envolvidos em consultas com os especialistas de forma a fornecer informações, mas não participando ativamente na criação dos mapas.

2 - Participativo e cooperativo – os mapas são criados por especialistas ou planejadores, em cooperação com membros da comunidade. Ambos, membros da comunidade e especialistas, participam na coleta de dados e na sua representção nos mapas. Este processo é muitas vezes dirigido por um especialista, num papel mais de facilitador.

3 - Participativo e autodirigido – os mapas são criados pelos membros da comunidade, que consultam especialistas e planejadores mas não são dirigidos por eles. Os membros da comunidade estão envolvidos nas decisões sobre quais os aspectos a serem mapeados, e decidirão quais são as informações de maior valor a serem incluídas nos mapas. Este método é o mais representativo dos sentimentos dos membros da comunidade sobre um lugar específico, mas eventualmente podem não fornecer todas as informações desejadas, caso os mapas tenham sido comissionados para um propósito especifico.

O Mapeamento BioRegional em um Contexto Específico

No caso de uma área/comunidade especifica, um primeiro exercício de implementacão dessa técnica, é sugerida uma estratégia de participação entre No. 2 e No. 3. É muito importante que os membros da comunidade sintam que estão ativamente envolvidos na criação do mapas e de um futuro atlas, inclusive participando de decisões sobre o que deverá ser mapeado. Entende-se tambem que os mapas deverão prover informações sobre um tema especifico e portanto, a supervisão de um especialista é considerada de grande valia. Além disso, uma vez que os especialistas possuem uma grande quantidade de informações sobre sobre aspectos especificos da área, eles podem ser de grande valia para o mapeamento, fornecendo informações e conhecimentos para os membros da comunidade. Deste modo, as relações entre especialistas e membros da comunidade podem ser reforçadas, resultando em um processo de decisão mais apoiado pela comunidade.

A participação mediada da comunidade na consolidação de informações sobre a área, envolvendo varios membros da prefeitura, estimula a inclusão de outras atividades que podem contribuir grandemente na

elaboração do atlas, por exemplo, narrativas orais, mapeamento de violência doméstica, falta de infraestrutura, etc., facilitando a coleta e disseminacão da informação. Os mapas deverão trazer informações de todas as atividades existentes da prefeitura, assim como dos membros da comunidade, e documentos de arquivos, relatórios, outros mapas, etc.

Informação para o Facilitador/Treinador: Criando Mapas BioRegionais

1. Criando o mapa básico

Esta etapa envolve a identificação das fronteiras fisicas que são relavantes para as finalidades do mapeamento ou do atlas. Deve-se determinar uma escala apropriada de modo a poder-se elaborar um mapa simplificado mostrando caracteristicas identificáveis do solo (grandes rios, lagos, estradas, cidades, etc). O mapa básico deve incluir o simbolo para o Norte (seta), um pequeno bloco com um símbolo identificável (a ser consistente em todo o atlas) e uma escala. Por exemplo, para uma área/região envolvendo atividades de ecoturismo, sugere-se dois mapas básicos. O primeiro será um mapa em escala 1:8000 para mapear as trilhas, aspectos biofisicos, etc. O segundo será um mapa em escala 1:12000 para mapear os aspectos sociais e culturais dentro da comunidade. É possivel que dois mapas sejam criados para cada área, cada um em uma das duas escalas acima.

2. Identificando as categorias a serem mapeadas

Há uma grande gama de lugares/atividades/recursos/problemas possiveis de serem mapeados, e é importante tentar identificar aqueles que são de maior importância para a comunidade. Um processo participativo poderá ser utilizado para se atingir tal objetivo.

Possiveis tópicos a serem mapeados incluem, mas não são limitados a:

Introducão

Descrição do Projeto e Termos do Mapa de Referência – Esta é a introdução ao atlas e apresenta o índice, assim como o propósito e reconhecimentos.

Série Biofisica:

Chave de Localização – Este mapa dará ao leitor uma idéia de como a área se posiciona no contexto local, regional e nacional. Pode tambem representar população e área.

Geologia – Pode mostrar caracteristicas superficiais e do estrato rochoso, dependendo da importância do local.

Solos – Pode mostrar os tipos, distribuição, potencial agricultural, etc.

Topografia – Demonstra o perfil fisico da área , elevações e formações do solo interessantes.

Hidrologia – Pode demonstrar caracteristicas tais como rios, lagos, rios formados durantes tempestades, áreas de inundação, estações de monitoração de vazão, descargas comuns, precipitação pluviométrica, origem dos nomes de rios / lagos, etc.

Hidrologia/Intervenção Humana – Este item demonstraria como as caracteristicas hidrologicas são modificadas pelas pessoas. Inclue reservatórios, represasa, estações hidroelétricas, poços, contaminação, etc.

Clima – Demostra variações locais, informação sobre variações sazonais, mudanças no clima global, etc.

Flora Terrestre e Aquática – Demonstra espécies principais, espécies sob risco numa extensão historica e presente (se conhecida) espécies ameaçadas e em extinção, etc.

Fauna Terrestre e Aquática – Demonstra espécies principais, espécies sob risco, padrões de migração, habitat e cadeia alimentar numa extensão historica e presente (se conhecida), espécies ameaçadas e em extinção, etc.

Avifauna – Pássaros – Demonstra espécies principais, espécies sob risco, padrões de migração, habitat e cadeia alimentar numa extensão historica e presente (se conhecida), espécies ameaçadas e em extinção, etc.

Insetos - Demonstra espécies principais, espécies sob risco, padrões de migração, habitat e cadeia alimentar numa extensão historica e presente (se conhecida), espécies ameaçadas e em extinção, etc.

Ecosistemas – Demonstra quaisquer variações em ecosistemas dentro da área

Desastres Naturais Potenciais – Mostra diferentes tipos (terremoto, vulcão, inundação, incêndio, etc.) e indica a ocorrencia historica assim como riscos futuros.

Pontos Criticos para Qualidade Ambiental – Demonstra os tipos e localizações de fontes pontuais e não pontuais de poluição. Tambem indica disputas ambientais existentes e degradação de habitats, etc.

Series Sócio-Culturais:

Locais Arqueológicos Conhecidos – Demonstra quaisquer assentamentos nativos conhecidos, áreas onde evidências arqueológicas foram descobertas, etc.

Historia e Cultura – Pode ser uma serie de mapas demonstrando diferentes periodos na historia da area e da cidade. Os mapas poderiam discutir importantes personalidades, papéis historicos, eventos, lugares, deesnvolvimento de atividades economicas, comercio, agricultura, mudanças no tempo, construção de intfraestrutura, etc.

Fronteiras Politicas – Este item poderia delinear as fronteiras politicas existentes inclusive as municipais, estaduais, etc.

Poderia tambem mostrar as tendencias eleitorais, etc.

Demografia (geral) – Poderia mostra a população historica e presente, relação idade/sexo, nivies saláriais, educação e outros itens estatisticos relacionados a população, inclusive saude, emigração, imigração, estatisticas comparativas de outras areas, etc.

Demografia (assuntos de gênero) – Poderia demonstrar as tendencias historicas e presentes em assuntos especificos de gênero, incluindo assuntos importantes para homens e mulheres especificamente. Este tópico poderia se relacionar a salários, horas diárias trabalhadas, serviços existentes, saude, violência doméstica, etc.

Principais Desenvolvimentos Economicos e Culturais – Poderia demonstrar assuntos economicos passados, atuais e futuros. Incluiria a localização de industrias, o estabelecimento de instituições como escolas e centros culturais, festivais, figuras historicas importantes, etc.

Principais Centros de Poder – Este mapa poderia indicar os padrões de posse de propriedades ou empregos, historica e presentemente, jurisdições publicas e privadas, e quaisquer outros assuntos reevantes.

Economia – Poderia ser uma série de mapas especificos mostrando a gama de atividades economicas importantes na area. Pode representar tanto a economia informal como a formal e pode realçar as mudanças com outras areas, influxo de empregados, principais empregadores, etc.

Infraestrutura/Transporte – Este mapa demostraria conexões de transporte existentes, comunicações, tipos de transportes e mercadorias transportadas, etc.

Infraestrutura/Energia – Este mapa poderia demonstrar linhas de transmissão, tipos de energia utilizadas e padrão de consumo (gas, etc) assim como quaisquer assuntos relevantes de conservação.

Infraestrutura/Agua, Liquido e Dejetos Solidos – *Este mapa poderia mostrar estações de tratamento de esgoto e água, fontes e encanamentos de água, depósitos de lixo, centros de reciclagem.*

Infraestrutura/Parques e Areas Protegidas – Este mapa demonstraria a localização de parques e áreas protegidas, tendencias no uso, areas candidatas a futura designação. Poderia tambem mostrar trilhas, uso de trilhas e areas onde trabalhos de restauração sejam necessarios ou estejam sendo executados, etc.

Conclusão – Este mapa poderia prover um breve sumario do conteudo do atlas, uma indicação da opinião dos participantes sobre o processo assim como sugestões para trabalhos futuros ou uso do atlas.

Os tópicos sobre os mapas acima descritos são destinados a servir de guia apenas. Escolha os tópicos que sejam mais

apropriados ao propósito dos mapas. Embora a escolha do tópico dos mapas será de algum modo restringida pela informação disponível, um tópico potencial não deveria ser eliminado com base na falta de recursos. É importante tambem mapear onde as informações estão faltando, com o objetivo de demonstrar a necessidade de documentação ulterior e para fornecer quaisquer informações disponiveis de modo claro.

3. Criando os grupos para cada mapa

Grupos de mapas podem ser criados de vários modos, baseados em interesse, disponibilidade de tempo ou escolha aleatória. Para que os participantes aprendam tanto quanto possivel com o processo, sugere-se que cada grupo tenha pessoas com diferentes idades, gênero e habilidades.

4. Estratégias de Grupo

Ao se criar mapas dentro de um grupo, é importante realizar uma discussão em grupo sobre o propósito de um determinado mapa, quais são os elementos importantes, assim como uma sessão de chuva de idéias, estilos, etc. (o modelo de sete etapas pode ser utilizado aqui). Deve ser enfatizada a igualdade entre todos os participantes do grupo, e deve ser evitada a ‘categorização ‘ dos particiantes de acordo com suas habilidades, assegurnado a todos uma igualdade de chance para contribuir em todos os aspectos relacionados à elaboração dos mapas. Os particiantes podem concordar, entretanto, em assumir papéis e responsabilidades específicos.

5. Coleta de Dados

Os dador podem ser obtidos através de vários meios. Uma grande variedade de informacões deverá estar disponível na sala de recursos do mapeamento bioregional, mas os grupos podem/devem procurar outras informações complementares onde quer que estejam disponíveis. Informações sobre os assuntos podem variar em abrangência, de dados gerais até dados específicos de lugares, sendo ambos muito valiosos. Tanto quanto provenientes de fontes disponíveis, os dados podem ser obtidos através de observação, de pesquisa de dados primários (tais como o uso de GPS para o mapeamento de trilhas, ou mesmo perguntando aos residentes sobre a história do local, etc). Os participantes não devem se preocupar com o fato de que os mesmos dados estejam sendo utilizados para a elaboração de mapas diferentes. A sobreposição é bastante comum, uma vez que todas as coisas estão essencialmente interelacionadas, e tudo que aparece mais do

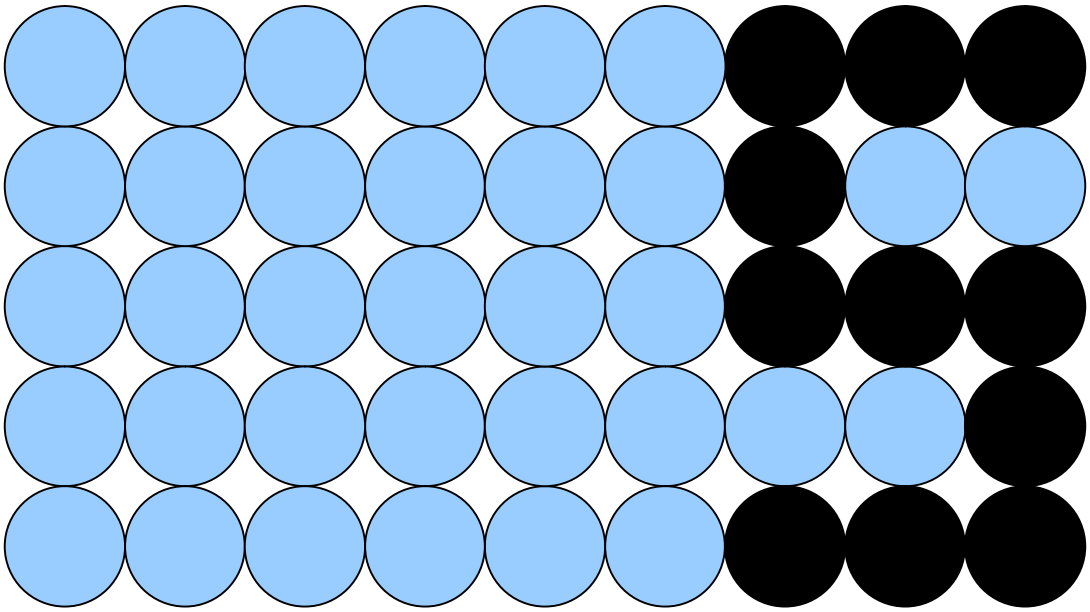
que uma vez no atlas será mais realçado, o que irá beneficiar os mapas. Da mesma forma, essa sobreposição reforca o interelacionamento natural de todas as coisa, e realça como vários fatores afetam uns aos outros.

6. Representação visual

Há muitas maneiras de se representar os dados nos mapas, inclusive em forma de textos, gráficos, tabelas, símbolos, figuras, artes, etc. Muitas técnicas diferentes podem se utilizadas em conjunto em um só mapa, de forma a produzir resultados surpreendentes. Os participantes não precisam ficar preocupados com o nível de "profissionalizacão" dos mapas, mas sim sobre quão bem eles estejam contando a história de um lugar específico ou de um determinado assunto, quão fácilmente eles sejam compreensíveis para que todos os que os vejam, e como estejam contribuindo para aumentar o conhecimento de todos os membros da comunidade sobre os temas e informacões registradas.

Desenvolvimento Comunitário e Gênero

Captação de Recursos



Captação de Recursos

A primeira idéia que vem à mente das pessoas quando se pensa em captação de recursos é a de se trata de captação de dinheiro. Muito embora a questão financeira seja sempre o carro-chefe das tarefas negociativas de qualquer organização, a ciência de buscar recursos envolve, ou pode envolver – simultaneamente ou não, dinheiro, tecnologias, cessão de pessoal qualificado, equipamentos, infra-estrutura, etc.

Várias são as fontes originais de recursos: governo municipal, governo estadual, governo federal, estatais, bancos, empresas privadas, agências de financiamento, fundações e institutos privados, nacionais e internacionais.

No Brasil, a prática da responsabilidade social, está sendo cada vez mais difundida e praticada. Cerca de dez milhões de brasileiros e brasileiras estão realizando serviços voluntários de assistência social. Estudos realizados pelo Ministério do Planejamento, através do IPEA, mostram que mais da metade das empresas brasileiras, participam ou exercem alguma ação social.

Identificar fontes de financiamento, elaborar boas propostas, obter recursos para viabilizar as obras sociais, implantar de forma eficiente os projetos e prestar contas às instituições ou pessoas doadoras. Estas são as etapas a serem percorridas, todas imprescindíveis para quem tem a direção de uma organização não-governamental.

A captação de recursos financeiros, salvo as exceções, ainda está sendo desenvolvida no Brasil de forma amadorística. Na realidade, a preocupação com a formação de recursos humanos especializados na angariação de recursos financeiros ainda é muito recente e somente agora está dando os seus primeiros passos. Basta ver que somente agora começaram a surgir nas Universidades e nas escolas de administração do País oferta de cursos específicos no terceiro setor.

Nos Estados Unidos, por exemplo, para a promoção do desenvolvimento social, existe um vasto universo de profissionais treinados e instituições capacitadas em captação de recursos. As técnicas utilidades para esta atividade, que no idioma inglês denomina-se "fund raising", foram desenvolvidas desde o início do século XX. Já em 1920, os Estados Unidos começaram a ter cursos superiores de administração neste campo.

Anualmente, é realizado neste país um congresso internacional de captadores de recursos, evento que permite a troca de experiências, informações e a difusão de novas tecnologias. Este encontro, que reúne gente de todo o mundo, é organizado pela Association of Fundraising Professionals -

AFP, instituição norte-americana fundada em 1935.

Pesquisa realizada pela Universidade norte-americana John Hopkins e pelo Instituto Superior de Estudos da Religião - ISER, concluiu que o terceiro setor brasileiro, apesar das dificuldades encontradas, já movimenta 20 bilhões de reais, a cada ano, e gera 1,5 milhões de empregos, em um universo de 250.000 organizações não-governamentais.

Custódio Pereira, em seu livro intitulado Captação de Recursos, enfatiza os desafios enfrentados pelas organizações brasileiras sem fins lucrativos para obter dinheiro que lhes permitam desenvolver o trabalho social.

Segundo ele, "tendo em vista que qualquer forma de captação de recursos passa pelo doador, seja ele pessoa física ou jurídica, deve-se ter em mente que para levar o doador a tomar a decisão de contribuir para uma causa ou organização é preciso sensibilizá-lo, convencê-lo da necessidade e da importância de sua contribuição. E para convencê-lo, é preciso conhecer os fatores que podem motivá-lo a doar e influir em sua decisão de contribuir para uma causa".

No Brasil, foi criada a Associação Brasileira de Captadores de Recursos - ABCR (www.abcr.com.br) , que tem como missão promover, desenvolver e regulamentar a atividade de captação de recursos, com o objetivo de apoiar o Terceiro Setor na construção de uma sociedade melhor.

Instituições públicas, bancos, fundações e empresas privadas, no Brasil e no exterior, dispõem-se a financiar projetos sociais. O sucesso na obtenção dos recursos vai depender, fundamentalmente, da qualidade dos projetos e da competência com que é executado o processo de negociação. É imprescindível, obviamente, que as propostas estejam adequadas às prioridades dos financiadores.

Clareza quanto ao foco do público-alvo, metas bem definidas, riqueza dos materiais informativos, imagem positiva, bons contatos, referências anteriores, filosofia altruísta e os bons valores da entidade solicitante serão os grandes aliados para o êxito na captação dos recursos financeiros.

Outro ingrediente essencial para a continuação do sucesso na angariação de doações dependerá da satisfação ao doador, através do envio de relatórios e informações sistemáticas dos resultados da aplicação dos recursos. É necessário explicar e mostrar claramente os efeitos positivos dos projetos em andamento e os já concluídos.

Isto proporciona transparência e responsabilidade da entidade solicitante, fazendo com que aumentem as chances de manutenção e crescimento da obtenção de recursos. Os financiadores e doadores

querem e merecem a devida prestação de contas. Afinal de contas, eles demonstraram acreditar na causa e na lisura da administração da entidade.

A tarefa de buscar financiamentos exige, portanto, competência e técnicas próprias. Quem procura captar recursos para uma organização não governamental, sem fins lucrativos, deve preparar-se de forma profissional. Quem procura recursos não pode apresentar-se como quem busca caridade, e sim como representante de uma entidade que irá utilizar o dinheiro e o apoio recebido de forma eficiente e responsável.

Compensa ler o que dizia o estadista norte-americano Benjamin Franklin, sobre a melhor política para arrecadar fundos. Convém prestar atenção ao seu pensamento, por ser tão atual nos tempos de hoje como foi no ano de 1750.

Dissertando sobre a maneira mais efetiva de obter doações para uma boa causa, Franklin disse: “Meu conselho é que ao solicitar donativos você principie por aqueles que você tem certeza que farão uma doação, por menor que seja. Em seguida, peça àqueles sobre os quais você não tem certeza de que darão alguma coisa, mas apresentando-lhes a lista do que já contribuíram. Finalmente, não descarte aqueles que você tem certeza de que não contribuirão com nada, porque em alguns casos você estará equivocado”.

No mercado brasileiro, algumas empresas e instituições estão se especializando na elaboração de projetos sociais e/ou na negociação dos recursos junto a fontes doadoras, nacionais e internacionais.

Captação de Recursos: um meio para se atingir sua missão

E agora, o que fazer? Esta é a pergunta que várias organizações da sociedade civil se fazem diante do decréscimo das verbas governamentais, dos recursos internacionais provenientes de fundações ou agências e do aumento de demanda por prestação de serviços aos quais estão sendo submetidos.

No sentido de levarem adiante sua missão e conseguirem se destacar pela qualidade de suas realizações, as instituições sem fins lucrativos sabem que precisam conseguir um equilíbrio financeiro que lhes permita manter a confiança da comunidade na execução de seus serviços.

É importante que ao solicitar uma doação tenha-se claro que esta será destinada a uma causa de valor e que se trata de uma oportunidade de investimento com ganhos sociais, sem o menor demérito para o solicitador ou para a instituição. O doador deverá ser envolvido com a instituição e com o sucesso da missão. Dentro dos projetos existentes na instituição, é importante descobrir quais possuem uma maior identidade com as motivações do

doador. Será feito um acordo onde a instituição se compromete a respeitar a destinação da doação conforme a finalidade do doador. Os recursos solicitados para a realização dos projetos deverão ser o meio para levar adiante a missão da instituição.

Captar recursos está diretamente relacionado ao sucesso de bem administrar a organização, inclusive do ponto de vista da boa gestão financeira. As pessoas querem contribuir confiantes que sua doação será bem gerida. Para tanto, orçamentos, objetivos e justificativas do pedido deverão ser bem elaborados e entregues ao potencial doador. Além disso, é importante lembrar aos doadores, que contribuições à instituições sem fins lucrativos de utilidade pública, poderão gerar isenções fiscais (33% de abatimento para empresas não financeiras e 43% para empresas financeiras). Atualmente, muitas organizações estão buscando a profissionalização e a institucionalização da captação de recursos e, nesse caminho, começam a se questionar sobre os princípios que norteiam uma captação de recursos ética. Sugere-se discutir internamente que tipos de fontes de financiamento não conflitam com a missão da instituição. Esta análise deverá ser feita antes do início da campanha para evitar divisões internas e problemas entre os financiadores, os captadores de recursos e a instituição. A ausência desta poderá diminuir a integridade da instituição e, portanto, a confiança da comunidade na execução dos serviços prestados.

Não alterar ou não desviar sua missão, ação, política e programa pelo fato das organizações receberem doação de alguma fonte em especial, consiste num princípio fundamental na captação de recursos. A missão de uma entidade sem fins lucrativos está além dos desejos de um potencial financiador.

O Papel da Comunicação na Captação de Recursos

A captação de recursos (fundraising) é um dos maiores desafios que as organizações do terceiro setor enfrentam na atualidade. Com a crescente escassez de recursos e o aumento da competitividade para obter fundos, as organizações se vêem, cada vez mais, obrigadas a aprimorar e inovar nas formas de captação de recursos. Grande parte do sucesso nas atividades de fundraising depende do relacionamento que se estabelece com os doadores Os potenciais doadores são pessoas ou instituições que geralmente compartilham com a missão, valores e objetivos gerais da organização e podem estar dispostos a contribuir para a realização de atividades ou projetos por ela desenvolvidos.

Independentemente de quais sejam esses potenciais doadores (pessoas físicas, organizações públicas, privadas, do terceiro setor ou agências multilaterais), é certo que uma campanha de captação de recursos exige cuidados com a comunicação que se estabelece com cada um desses públicos, o que pode ser facilitado quando se elabora um plano de comunicação adequado.

Os esforços de comunicação da organização devem ter o propósito de aumentar a consciência dos potenciais doadores sobre a organização, suas atividades e, o que é fundamental, os problemas que a entidade procura solucionar através de suas ações.

Como a maior parte das pessoas ou instituições que apóiam uma organização do terceiro setor tem valores e opiniões comuns sobre causas sociais, econômicas ou ambientais, é fundamental que a entidade desenvolva programas de comunicação que propiciem um clima favorável para doações e, ao mesmo tempo, favoreçam o estabelecimento de relacionamentos duradouros com estes atores sociais.

Uma organização pode utilizar diferentes meios de comunicação para se relacionar com seus públicos (contatos pessoais, cartas, telefonemas, e-mails ou website) e, geralmente, dispõe de materiais institucionais como folhetos, brochuras, folders, boletins ou jornais. O cuidado na elaboração desses materiais é muito importante porque os mesmos transmitem uma imagem da organização para os diferentes públicos que podem vir a ter interesse na organização(stakeholders).

Antes de iniciar uma campanha de captação de recursos é interessante que a organização desenvolva um material institucional que apresente de forma clara os objetivos e a lógica (razão de ser) da organização e as razões pelas quais o possível apoiador poderia oferecer seus recursos. Dispor de um material impresso formal é importante porque transmite confiança ao leitor e ainda confere um ar mais profissional à campanha ou à entidade. Este material, que pode ser um folheto ou uma brochura, precisa comunicar o objetivo da captação de recursos de maneira persuasiva, de tal modo que "toque" tanto o coração quanto a mente do público (doadores, financiadores ou voluntários). O material precisa ilustrar de que modo os recursos captados poderão ser utilizados para que a organização continue e/ou amplie suas atividades com vistas a alcançar sua missão.

Este material pode ser utilizado junto aos potenciais doadores e como meio de divulgação da entidade e seus programas junto a órgãos de imprensa, por exemplo. Ao divulgar suas ações a organização pode

conquistar espaços de publicidade importantes, aumentando ou fortalecendo seus esforços de fundraising.

A elaboração de um simples folheto muitas vezes pode dar mais trabalho do que se poderia pensar à primeira vista, pois pode gerar discussões internas na organização sobre o conteúdo, a melhor linguagem, o formato, o design e o tamanho do documento. É claro que a participação de todos é importante na elaboração do material, mas é bom lembrar que nem sempre é possível obter consenso absoluto sobre todos os aspectos envolvidos. O emprego de um roteiro simples, como o apresentado a seguir, pode ser útil no processo de elaboração do material institucional para uma campanha de doações:

1. Introdução com o propósito de despertar interesse para a organização, seus desafios e os problemas que a mesma procura solucionar

2. Relevância da organização no contexto social e regional

3. Breve histórico da organização destacando sucessos do passado

4. Aspectos de destaque da organização e seus programas/serviços

5. Desafios atuais da entidade demonstrando que os mesmos foram devidamente avaliados

6. Lógica da campanha, demonstrando que a mesma resulta de um processo de planejamento

7. Explicação sobre como os recursos serão empregados e importância dos mesmos para o sucesso da iniciativa

8. Papel que a doação pode ter na solução dos problemas sociais visados

9. Apelo final para que efetue a doação

10. Instruções para realizar a doação

Nove Princípios para a Captação de Recursos

1. Não se deve partir do princípio de que as organizações merecem receber apoio, mas sim de que o apoio deve ser conquistado. Quaisquer que sejam as realizações e projetos que a organização execute, é necessário provar para os que a apoiam e a comunidade o valor e a eficiência de seus esforços.

2. A obtenção exitosa de fundos não ocorre por acaso, mas, ao contrário, deve-se ao esforço árduo por parte de indivíduos devidamente preparados para realizá-la. A captação de recursos requer planejamento, pesquisa e estratégia.

3. A captação de recursos não é apenas obtenção de dinheiro, mas sim estabelecer e gerenciar relacionamentos com pessoas e organizações que podem ter interesse na sua organização.

4. As pessoas não doam recursos sem que haja uma razão. É necessário solicitá-los.

5. Apenas solicitar recursos é insuficiente. Por melhor, valiosa e eficiente que uma entidade seja, as pessoas darão recursos apenas se estiverem convencidas de fazê-lo.

6. Não aguarde um momento "oportuno" para captar recursos. Solicite recursos assim que você apresentar sua organização e seu plano para um possível doador. Caso não consiga, tente descobrir a razão da objeção e tente contorná-la, ou aceite a negativa e siga adiante.

7. Muitas vezes os diretores que têm êxito na obtenção de fundos não os solicitam diretamente, mas convencem outros para que os obtenham.

8. Você não pode decidir captar recursos hoje e recaptá-los amanhã. A recaptação exige tempo e paciência e requer planejamento. Inicie uma campanha de (re)captação de fundos antes que surja a necessidade.

9. Trate os potenciais clientes e doadores como trataria os clientes fieis em um negócio comercial. Nenhum negociante de êxito trata seus clientes como se eles tivessem a obrigação de comprar. É importante demonstrar como os possíveis clientes e doadores são importantes e tratá-los com cortesia e respeito.

Como enfrentar as limitações e aproveitar as alternativas?

Em geral, quanto mais você tem que captar, mais precisará de especialização. Mas, independentemente da escala, as técnicas de captação são variações de três regras simples. Três regras que têm a ver com a atitude de quem captam:

1.Esteja sempre pronto

Pode ser necessária uma despesa de emergência - a compra de um carro, a reforma de uma sala ou a renovação de um contrato - no exato momento em que não existem fundos disponíveis. O dinheiro raramente vem quando é necessário e por isso todo o processo de captação deve ser construído em torno do doador. Financiamentos europeus são aprovados muito perto do início da realização do projeto; algumas empresas começam a fazer seu planejamento em agosto e em novembro já têm toda sua verba do ano seguinte comprometida; existem organizações que disponibilizam verbas em pacotes trimestrais ou semestrais; sobras do orçamento anual das várias instâncias do governo voltam para o tesouro em um determinado período. Além disso, a quantia pode ser definida de forma arbitrária por quemdoa

O captador eficiente conhece bem as necessidades existentes e potenciais da própria organização. Só assim ele poderá detectar interseções entre as suas necessidades e as oportunidades para o financiador. Isso também vai dar segurança ao financiador de que a sua contribuição vai fazer diferença.

2. Seja confiante

Doadores e financiadores gostam de apoiar vencedores porque gostam de ser associados com o sucesso e, principalmente, porque também têm que prestar contas a alguém sobre as verbas que administram. O grande receio do financiador é que sua verba não seja gasta de maneira adequada. Ele tem que confiar em você e ter certeza de que você é capaz de executar bem o projeto para o qual pede financiamento.

Como obter a confiança do financiador? Seja você mesmo confiante (o que não significa ser um pavão). Esteja atento às realizações da sua organização desde que foi fundada, mostre que conhece bem as atividades, a política, os planos e as finanças da sua organização. Uma

dica é pensar que o financiador está investindo em você, não no projeto. Ele aposta na intuição de que você é capaz de realizar o projeto que está propondo. E é fundamental que todos na organização tenham esta postura de "ser confiante".

3. Seja comunicativo

Formulários são sem dúvida uma maneira pobre de comunicar-se com financiadores potenciais. Mas muitas vezes será o modo através do qual nossas propostas serão avaliadas. A solução é criar uma impressão antes de se aproximar. Isso pode ser feito de muitas maneiras diferentes. Você pode, por exemplo, aparecer em conferências onde sabe que seu financiador potencial estará presente; pode arranjar apresentações, colocar artigos em jornal, mandar informações sobre suas atividades e seu relatório anual, pode convidar para seus eventos.

E após receber um financiamento, uma boa política de comunicação é ainda mais importante: um financiador tende a financiar novamente quando sente que seu primeiro investimento foi justificado e apreciado.

Na prática, isto exige planejamento.

Sem dúvida será necessária uma estratégia - um plano com objetivos muito claros - assim como de capacidade técnica - de alto nível, em alguns casos. E isso requer planejamento. Antes de qualquer coisa, é fundamental que haja políticas e objetivos claros. Só depois disso se pode começar a pensar em estratégia de captação de recursos. Caso contrário corremos o risco de ter dificuldade em captar pela falta de confiança na nossa capacidade de seguir um caminho definido; de levantar fundos para uma miscelânea de pequenas atividades, prejudicando nossa área de interesse principal; e de desviar do próprio caminho e promover atividades pelo fato de atraírem financiamento.

Devemos também escolher os mecanismos através dos quais serão captados os recursos. As principais opções são: faça você mesmo, escolha um funcionário, use um comitê ou contrate um consultor. Em geral, quanto maiores são os recursos necessários, menos apropriado o "faça você mesmo". Consultores são particularmente úteis para grandes empreitadas; comitês tendem a gerar um pequeno fluxo contínuo e funcionários produzem ótimos resultados de longo prazo.

Com isto estou querendo dizer que toda organização é capaz de realizar captação de recursos; não é algo que possível somente para as grandes instituições.

Se uma parte importante na captação de recursos é a capacidade institucional para desenvolvê-la, onde buscar referências?

Examine bem o horizonte. Quase todo mundo tem acesso às mesmas informações. O que pode nos diferenciar da maioria é o fato de que somos mais atentos. São inúmeras as fontes de informação: jornais, revistas, conferências, publicações para profissionais, relatórios anuais, contatos pessoais, TV, publicidade. E temos obviamente a internet. A biblioteca essencial do captador é composta por alguns poucos livros chaves e o próprio acervo da Rits dispõe de indicações bibliográficas tanto sobre captação de recursos quanto sobre marketing, comunicação e gestão.

De maneira geral, quanto mais você investe em pesquisa, maiores as suas chances de sucesso. Isso quer dizer que a pesquisa pode tomar até 50% do seu tempo disponível. Invista este tempo. O investimento paga ótimos dividendos.

Mas é importante ser metódico. Procurar possíveis fontes de financiamento, checar as referências encontradas (podem estar desatualizadas) e, se possível, ter um contato pessoal. Pode-se sempre obter alguma informação a mais, ter uma chance de se apresentar e perceber nuances que não transparecem em publicações e telefonemas.Outra boa oportunidade de aprender sobre captação de recursos é a troca de experiências entre as organizações. Boas idéias podem e devem ser copiadas, adaptadas. Pode-se aprender muito com os erros e acertos de quem já testou estratégias diferentes; além disso, são fonte de inspiração para novas iniciativas e podem, inclusive, servir para definir melhor como se comporta a captação de recursos no caso brasileiro.

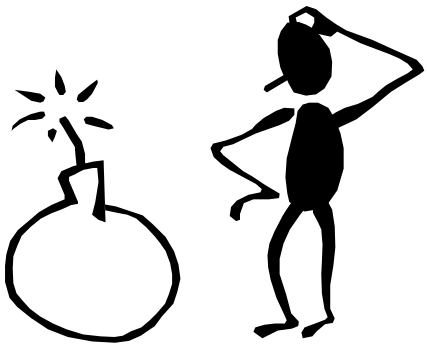
E as ONGS?

As ONGs brasileiras cresceram e se multiplicaram com forte apoio da cooperação internacional. Agências privadas de desenvolvimento, muitas das quais ligadas às igrejas dos países da Europa Ocidental e América do Norte, apoiaram, desde os anos 70, projetos de educação popular, defesa de direitos e melhoria da qualidade de vida comunitária.

Na década de 90 este padrão de financiamento entrou em crise em função de um conjunto de fatores: explosão do número de ONGs brasileiras e ampliação de seus orçamentos, realocação de recursos das agências européias para a Europa do Leste, prioridade crescente atribuída à África, aumento do desemprego e das carências

sociais no interior das sociedades européias, certo desencanto com a persistência da pobreza e da desigualdade no Brasil.

A instabilidade institucional gerada por esta crise nos padrões tradicionais de financiamento de seus projetos obrigou as ONGs a um esforço determinado de diversificação de fontes de financiamento, ampliando o esforço interno de captação de recursos. Esta opção coloca o desafio de um novo relacionamento com o Estado e com o setor privado empresarial. Aos poucos as ONGs foram incluindo em sua pauta de trabalho a preocupação com seu fortalecimento institucional e com a construção das condições de sua sustentabilidade a longo prazo.



O Problema

O acesso de organizações da sociedade civil a recursos públicos esbarra em múltiplos problemas que vão da desconfiança da burocracia governamental à descontinuidade das políticas públicas, passando pela ausência de mecanismos claros e transparentes de contratação pelo Estado de entidades não-governamentais. É fenômeno recente o reconhecimento pelo governo da legitimidade e competência da atuação das ONGs enquanto promotoras do desenvolvimento sustentável e com equidade. Por outro lado, não se pode esperar de órgãos governamentais que financiem o trabalho de ONGs via doações e sim via contratação de serviços, o que levanta exigências novas de transparência e capacidade executiva para ambas as partes.

A captação de recursos junto ao setor privado, por sua vez, é dificultada pela ausência de uma tradição brasileira de investimento social da empresa. Até bem pouco tempo as ONGs ignoravam o mundo empresarial enquanto as empresas sentiam-se desobrigadas de qualquer responsabilidade pela melhoria da vida comunitária. A redução deste distanciamento entre Mercado e Sociedade Civil passa pela superação de preconceitos e pela exploração de formas novas de colaboração no enfrentamento de questões que interessam a todos, como a melhoria da educação e da saúde, combate à violência e à pobreza, promoção da cultura, defesa do meio ambiente, etc.

Mais difícil ainda é para as ONGs explorar uma terceira possibilidade interna de captação de recursos que são as doações feitas por pessoas físicas e jurídicas. Esta captação de recursos junto ao público, junto

à sociedade brasileira, que é feita há décadas pelas organizações filantrópicas e beneficentes, requer uma linguagem que não faz parte da trajetória das organizações da sociedade civil e uma política de fomento via incentivos fiscais à doação de recursos por parte de pessoas físicas e jurídicas.

Novas Tendências

Multiplicam-se em todos os níveis de governo as ações em parceria com ONGs o que implica um crescente reconhecimento pelo Estado de seu acervo de experiências e competências no enfrentamento da pobreza e exclusão social. A expansão destas ações em parceria é facilitada pelo processo em curso de descentralização de poderes e recursos para o âmbito municipal, plano no qual a interação com órgãos da sociedade se dá de modo mais flexível e operacional.

O Programa Nacional de Combate à AIDs do Ministério da Saúde e o Programa de Formação de Jovens do Conselho da Comunidade Solidária são exemplos de formas transparentes de contratação de ONGs para ações focalizadas junto a populações em situação de risco mediante concursos públicos.

A tomada de consciência por parte das empresas de sua responsabilidade social é um fenômeno recente, porém em rápido crescimento no Brasil. Nos últimos tem se ampliado o volume de recursos canalizado para investimentos sociais por parte de Institutos e fundações empresariais. Vale lembrar que recursos não se limitam a dinheiro. O empresário pode também contribuir com doações em espécie e com a disponibilização de sua competência para a melhoria da qualidade dos projetos sociais.

Algumas ONGs têm explorado formas inovadoras de captação de recursos via comercialização de produtos e serviços, associação com administradoras de cartões de crédito para emissão de cartões de afinidade e campanhas de arrecadação de recursos junto ao público em geral. A potencialização destas iniciativas passa, no entanto, por mudanças legais ainda por realizar com vistas a estimular, via incentivos fiscais, a doação de recursos por pessoas físicas e jurídicas.

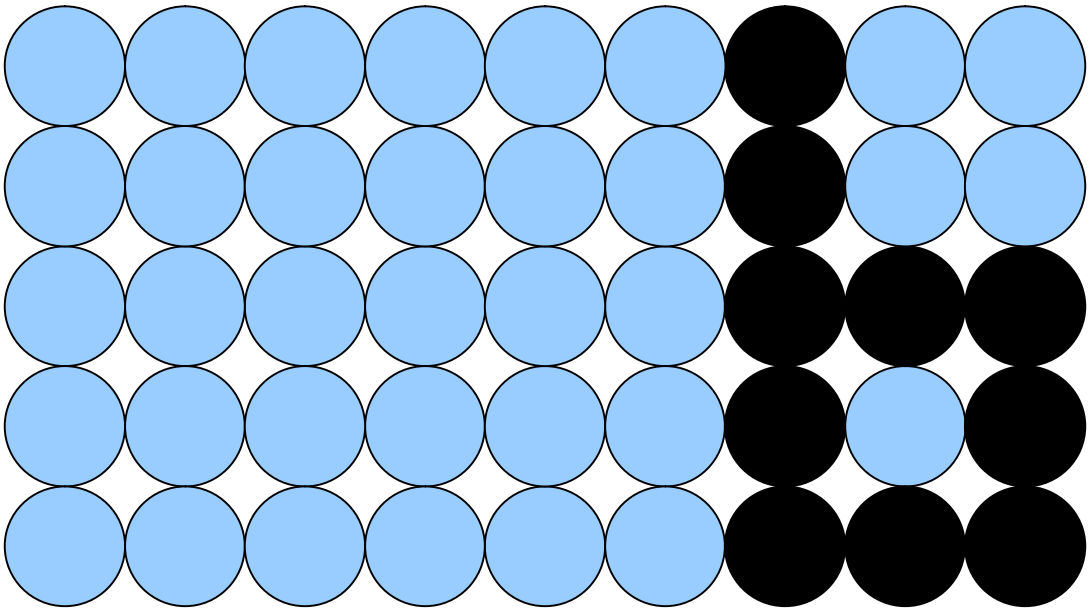
Referências Bibliográficas

Jane C. Geever & Patricia McNeill, “Guide to proposal writing” de The Foundation Center, NY, 1993.

Maria Célia T. Cruz, “Captação de recursos” em http://www.rits.org.br consultado em 10/03/05

Desenvolvimento Comunitário e Gênero

ANEXOS



Veja, a seguir, o endereço de algumas destas instituições: **Recursos e Sustentabilidade**

No Brasil

1. Ministério da Saúde - Oferece informações sobre as principais ações desenvolvidas pelo Ministério, a utilização dos recursos disponíveis e as normas setoriais vigentes. http://www.saude.gov.br/

2. GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas que congrega cerca de 40 instituições que voluntariamente aportam recursos técnicos, humanos e financeiros para projetos no setor social, nas áreas de educação, saúde, meio ambiente, assistência social e cultura. O site contém uma Agenda de eventos e várias listas com discussões sobre o Balanço Social. http://www.gife.org.br/

3. BOLSA DE NEGÓCIOS - SEBRAE - Serviço de promoção de negócios, cujo objetivo é identificar e aproximar compradores e fornecedores de produtos, serviços, resíduos e oportunidades de negócios.
http://www.bolsa.sebrae.com.br/

4. UNICEF - Organismo da Organização das Nações Unidas responsável pela gestão dos programas e campanhas de assistência à infância. Direitos da criança, publicações, catálogos, estatísticas sobre mulhres e crianças, lista de vídeos, pesquisa. Endereço eletrônico para requisitar informações complementares e enviar sugestões. http://www.unicef.org.br/

5. Abrinq - Entidade sem fins lucrativos de Utilidade Pública Federal, que tem por objetivo promover os direitos elementares da cidadania das crianças. O site contém informações genéricas sobre a instituição, uma ficha cadastral, um link para mensagens e um Base de Conhecimento sobre o Trabalho Infantil. Há, ainda, uma bibliografia sobre o Trabalho de Crianças e Adolescentes no Brasil; legislação; séries estatísticas; publicações. http://www.fundabrinq.org.br

6. OAB - ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL - Página da instituição com informações sobre legislação, jurisprudência, direitos humanos. Diversos endereços eletrônicos e páginas de advogados e das regionais. http://www.oab.com.br/

7. Ministério da Cultura - Minc - Apresentação do Ministério; calendário de eventos 1997/1998; concursos; legislação; economia da cultura; banco de dados sobre a produção cultural no país; verbas oficiais. http://www.minc.gov.br/

8. BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - Informações sobre os produtos e serviços do Banco; financiamentos; privatizações; apoio à cultura; editais. http://www.bndes.gov.br/
V. especialmente o site http://www.bndes.gov.br/social

9. Fundação Roberto Marinho - Oferece uma visão panorâmica das ações realizadas pela fundação, especialmente nas áreas de educação, cultura e restauração do patrimônio histórico. http://www.frm.org.br/

10. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal - MMA - Informações sobre a fauna e flora brasileiras, educação ambiental, Agenda 21, consulta ao sistema de protocolo do Ministério, competências e biblioteca

virtual.
http://www.mma.gov.br/

11. PROGER - Programa de Geração de Trabalho e Renda. Programa de governo financiado com recursos do FAT. http://www.bancobrasil.com.br/proger

12. Fundação Banco do Brasil - Informações sobre os programas e as ações promovidas pela Fundação, que tem como público alvo os membros das comunidades carentes do país. Combate ao desemprego; ajuda aos atingidos pela seca, culturais. http://www.fbb.org.br/

13. COMUNIDADE SOLIDÁRIA / VOLUNTÁRIOS - Programa Voluntários: Programa criado pelo Comunidade Solidária, visando a promoção, valorização e qualificação do trabalho voluntário no Brasil.
http://www.uol.com.br/voluntarios/

14. CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - Informações sobre as atividades da entidade, links, campanhas. http://www.cnbb.org.br/

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CAPTADORES DE RECURSOS
Rua Aliados, 970 – Alto da Lapa – SP
Cep: 05082-001
Cidade: São Paulo – SP
Site: www.abcr.com.br
E-mail: captadores@yahoo.com.br

No Exterior

15. Fundação Interamericana - IAF. Instituição que promove diversos tipos de ajuda para pessoas de baixa renda da América Latina e do Caribe. Oferece gratuitamente a assinatura da revista Desenvolvimento de Base que contém estudos e análises sobre estes tipos de experiência.
http://www.iaf.gov

16. Council on Foundations - Instituição com mais de 100 anos de atuação nas áreas de saúde e assistência social, e cujo principal objetivo é promover a filantropia através do apoio aos atuais e futuros filantropos.
http://www.cof.org/index

17. Philanthropic Advisory Service - Organização vinculada ao ao Council of Better Business Bureau. Contém formulários para solicitação de auxílio caritativo, recomendações para doadores e relatórios sobre ações sem fins lucrativos http://www.bbb.org/pas.html

18. Civicus - O objetivo principal desta instituição é promover uma aliança internacional dedicada à fortalecer a cidadania e a sociedade civil no mundo. http://www.civicus.org/

19 . Charity Village (Canada) - Oferece notícias, informações, recursos, discussões e links relacionados à comunidade canadense de filantropos. http://www.charityvillage.com/cvhome.html

20. Charities Aid Foundation (United Kingdom) - Incentiva e apoia ações caritativas no Reino Unido e internacionais. http://www.charitynet.org/

21. German Charities Institute - 28.000 páginas na internet sobre o universo das iniciativas de caridade, filantropia e voluntariado na Alemanha. http://www.dsk.de/

22. Independent Sector - Coalizão de mais de 850 grupos, fundações e organizações voluntárias, cuja missão é criar um fórum nacional para encorajar a doação e a ação voluntária de indivíduos e organizações. http://www.indepsect.org/

23. Guide Star - Contém informações sobre programas e finanças de mais de 600.000 instituições de caridade e organizações sem fins lucrativos dos EUA, notícias sobre filantropia e orientações para doadores e voluntários.
http://www.guidestar.org/

24. European Foundation Centre (EFC) - A EFC foi criada para promover e dar suporte ao trabalho de fundações e instituições européias e associadas dedicadas à filantropia.
http://www.efc.be/about/

25. OXFAM - Com mais de 50 anos de experiência no combate à pobreza e com atuação em cerca de 70 países, a OXFAM é uma organização do Reino Unido e da Irlanda dedicada a incentivar e incrementar as ações de desenvolvimento e de combate à pobreza. O site traz informações sobre as diversas campanhas da organização, publicações, pesquisas, projetos de desenvolvimento, notícias, documentos, etc.
http://oneworld.org/oxfam/

26. Ford Foundation (THE) - Fundada em 1936 a Fundação Ford tem como objetivos gerais fortalecer os valores democráticos, combater a pobreza e a injustiça, promover a cooperação internacional e avançar o progresso humano. Suas principais atividades são o financiamento de projetos de desenvolvimento, bolsas, educação, direitos civis, relações internacionais, financiamento de projetos de combate à pobreza.
http://fordfound.org

27. ICCO - Interkerklijke Coordinatie Commissie Ontwikkelings Projecten - A missão da ICCO se refere ao combate à pobreza e à miséria e à promoção da dignidade humana. Atua através do financiamento de projetos de desenvolvimento, projetos de emergência, e lobby junto a atores políticos.
http://www.antenna.nl/icco/

28. NOVIB (Netherlands Organisation for International Development Cooperation - A NOVIB é partidária do combate estrutural à pobreza e pretende deste modo participar no desenvolvimento sustentável de determinados grupos do hemisfério sul. Entre as suas atividades estão o financiamento de projetos de desenvolvimento, assessorias técnicas, educação para o desenvolvimento, lobby frente a atores políticos e mobilização da opinião pública, http://antenna.nl/novib

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
http://www.presidencia.gov.br/spmulheres

CNDM - Conselho Nacional dos Direitos da Mulher
http://www.presidencia.gov.br/spmulheres/cndm

Afirma Revista Negra Online
www.afirma.inf.br

Articulación Feminista Marcosur
www.mujeresdelsur.org.uy

Articulação de Mulheres do Brasil
www.articulacaodemulheres.org.br

Biblioteca Virtual da Mulher
www.prossiga.br/bvmulher/cedim

Casa de Cultura da Mulher Negra
www.cantinho.com/ccmnegra/index1.htm

Cefemea - Centro de Estudos Feministas e Assessoria
www.cfemea.org.br

Cemina - Comunicação, Educação e informação em Gênero
www.cemina.org.br

Cidem - Centro de Información y Desarrollo de la Mujer en Bolivia
www.cidem.org.bo

Fundo Mundial para as Mulheres
www.globalfundforwomen.org

Mulheres Negras do Umbigo para o mundo
www.mulheresnegras.org

NEPAIDS - Núcleo de Estudos e prevenção da Aids
www.usp.br/nepaids

Pagu - Núcelo de Estudos de Gênero
www.unicamp.br/pagu

Rádio Fala Mulher
www.radiofalamulher.com

Rádio Internacional Feminista
www.fire.or.cr

SOF - Sempre Viva Organização Femista
www.sof.org.br

ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
http://www.abong.org.br/

Abia - Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids
http://www.abiaids.org.br

Amamentação Online
http://www.aleitamento.org.br/

ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância
http://www.andi.org.br/

ANIS - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero
http://www.anis.org.br

Articulación Feminista Marcosur
http://www.mujeresdelsur.org.uy

Biblioteca Virtual Mulher
http://www.prossiga.br/bvmulher/cedim

Campanha 28 de setembro Dia pela Discriminação do Aborto na América Latina e Caribe
http://www.campanha28set.org/

Campanha do Laço Branco
http://www.lacobranco.org

Campanha por uma Convenção Interamericana dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos
http://www.convencion.org.uy/

Câncer de Mama
http://www.aleitamento.org.br/mamaca.htm

Casa de Cultura da Mulher Negra
http://www.cantinho.com/ccmnegra

Católicas pelo Direito de Decidir
http://www.catolicasonline.org.br/

CCR - Comissão de Cidadania e Reprodução
http://www.ccr.org.br/

CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes
http://www.cecria.org.br/

CEPIA - Cidadania, Estudo, Pesquisa, , Informação e Ação
http://www.cepia.org.br/

CLADEM - Comite de America Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de la Mujer
http://www.cladem.org

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
http://www.contag.org.br/

Cotidiano Mujer
http://www.cotidianomujer.org.uy

Criola
http://www.criola.ong.org

CUT - Central Única dos Trabalhadores
http://www.cut.org.br/

ECOS - Comunicação em Sexualidade
http://www.ecos.org.br

Flora Tristán
http://www.flora.org.pe

Geledés - Instituto da Mulher Negra
http://www.geledes.com.br

Gênero, Direitos Humanos e Saúde
http://www.mulheres.org.br

Grupo Arco-íris
http://www.arco-iris.org.br/

Grupo Transas do Corpo
http://www.transasdocorpo.com.br

Instituto Papai
http://www.papai.org.br

Instituto Patrícia Galvão
http://www.patriciagalvao.org.br

Mama - Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia
http://www.mama.org.br

Mulher 500 anos atrás dos panos
http://www.mulher500.org.br

OIT - Organização Internacional do Trabalho
http://www.oit.org/

Parada do Orgulho GLBT de São Paulo
http://www.paradasp.org.br/

Red Feminista Latinoamericana y del Caribe contra la Violencia Doméstica y Sexual
http://www.redfem.cl

Rede Mulher de Educação
http://www.redemulher.org.br

Rede Saúde Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos
http://www.redesaude.org.br/

Redor Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero
http://www.ufba.br/~redor

REF - Revista Estudos Feministas
http://www.cfh.ufsc.br/~ref

Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero
http://www.themis.org.br

SOF - Sempreviva Organização Feminista
http://www.sof.org.br/

SOS Corpo - Gênero e Cidadania
http://www.soscorpo.org.br

UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher
http://www.unifem.undp.org/

WHRNET - Rede de Direitos Humanos das Mulheres
http://www.whrnet.org/

AGENDE – Ações em Gênero Cidadania e Desenvolvimento
Http://www.agende.org.br

Atenção Integral à Saúde da Mulher
http://www.gineco.com.br

Gênero, Direitos Humanos e Saúde
http://www.mulheres.org.br

Redes Humanizadas de Atendimento às Mulheres Agredidas Sexualmente
http://www.rhamas.org.br

Revista Feminista de estudos
http://www.cfh.ufsc.br/~ref

UBM União Brasileira de Mulheres
Http://www.ubmulheres.org.Br

UNIFEM
http://www.unifem.org

Fundação Perseu Abramo
http:///www.fpabramo.org.br/nop/mulheres/culturapolitica

Elas por Elas na política
http://www.elasporelasnapolitica.hpg.og.com.br

Ibase
http://www.ibase.org.br

Assedio Moral no Trabalho
http://www.assediomoral.org.

Site Feminista e anti-racista/Organização de Mulheres

ACMUN- Associação Cultural de Mulheres negras
www.acmun.com.br

ADVOCACI - Advocacia cidadã pelos Direitos Humanos
www.advocaci.org.br

AGENDE - Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento
www.agende.org.br

Articulação de Mulheres Brasileiras
www.articulacaodemulheres.org.br

Articulação de Mulheres Negras Brasileiras
www.mulheresnegras.org.br

Articulação Feminista Marcosur
www.mujeresdelsur.org.uy

Casa de Cultura da Mulher Negra
www.ccmnegra.santos.net

Católicas Pelo Direito de Decidir
www.catolicasonline.org.br

Ceert - Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades
www.ceert.org.br

Cemina - Comunicação, Educação e Informação em Gênero
www.cemina.org.br

CEPIA - Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação
www.cepia.org.br/

Cfemea
www.cfemea.org.br/

CLADEM - Comite de America Latina y el Caribe para la Defensa de los Derechos de la Mujer
www.cladem.org

Fala Preta!
www.falapreta.org.br

Geledés - Instituto da Mulher Negra
www.geledes.org.br

Gênero, Direitos Humanos e Saúde
www.mulheres.org.br

Grupo Transas do Corpo
www.transasdocorpo.com.br/

Mama - Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia
www.mama.org.br

Marcha das Margaridas
http://marchamargaridas.contag.org.br/

Mulheres Negras - Do umbigo para o mundo
www.mulheresnegras.org

REDEH - Rede de Desenvolvimento Humano
www.redeh.org.br

Rede Mulher de Educação
www.redemulher.org.br

Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais
e Direitos Reprodutivos
www.redesaude.org.br

Redes Humanizadas de Atendimento às Mulheres Agredidas Sexualmente
www.rhamas.org.br

Redor - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos
e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero
www.ufba.br/~redor

RHAMAS - Apoio à criação de Redes Humanizadas de Atendimento às Mulheres Agredidas Sexualmente
www.rhamas.org.br

SOF - Sempreviva Organização Feminista
www.sof.org.br/

Themis - Assessoria Jurídica e Estudos de Gênero
www.themis.org.br

Um Mundo. Uma Luta. Aids 2003
www.aids2003.net/

União Brasileira de Mulheres
www.ubm.org.br

WHRNET - Rede de Direitos Humanos das Mulheres
www.whrnet.org/

Sociedade civil organizada

ABIA - Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS
www.abiaids.org.br

ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais
www.abong.org.br/

Ação Educativa
www.acaoeducativa.org

CCR - Comissão de Cidadania e Reprodução
www.ccr.org.br

CECRIA - Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças
e Adolescentes
www.cecria.org.br/

DHNet -Rede Direitos Humanos e Cultura
www.dhnet.org.br/

ECOS - Comunicação em Sexualidade
www.ecos.org.br

FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social
e Educacional
www.fase.org.br/

Fórum Mundial Social
www.forummundialsocial.org.br

Fórum da Sociedade Civil nas Américas
www.forosociedadcivil.org

Fundação Bento Rubião - Centro de Defesa de Direitos Humanos
www.bentorubiao.org

Grupo Arco-íris
www.arco-iris.org.br/

Grupo Pela Vidda
www.pelavidda.org.br/

IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
www.ibase.br/

IDEC - Instituto de Defesa do Consumidor
www.idec.org.br

Movimento Nacional de Direitos Humanos
www.mndh.org.br/

Rits - Rede de Informações para o Terceiro Setor
www.rits.org.br

Ensino e Pesquisa

FLACSO - Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais
www.flacso.org.br

FCC - Fundação Carlos Chagas
www.fcc.org.br

Fundação Getúlio Vargas
www.fgv.br

Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Pública
www.fiocruz.br

IBAM - Instituto Brasileiro de Administração Municipal
www.ibam.org.br

IMS - Instituto de Medicina Social da UERJ
www.ims.uerj.br

NEPO -Núcleo de Estudos de População
www.unicamp.br/nepo

Projeto Gral - programa Gênero, Reprodução, Ação
e Liderança (parceria SOS CORPO e Fundação
Carlos Chagas)
www.fcc.org.br/gral/download/gral.pdf

Bases de Dados

A Condição Feminina nos Países do Mercosul
www.ibam.org.br/condmulher/index.htm

A mulher nos espaços públicos e privados
www.fpabramo.org.br/nop/nop.htm

DATASUS - Departamento de Informática do SUS
www.datasus.gov.br/

DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
www.diap.org.br/

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos
Sócio-Econômicos
www.dieese.org.br/

Fundação Seade - Sistema Estadual de Análise de Dados - São Paulo
www.seade.gov.br

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
www.ibge.gov.br/

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
www.ipeadata.gov.br

Comunicação e Publicação

Afirma - Revista Negra Online
www.afirma.inf.br

Alai - Agencia Latinoamericana de Información
www.alainet.org/mujeres

AMARC - Associação Mundial de Rádios Comunitárias
www.amarc.org/amarc/esp

ANDI- Agência de Notícias dos Direitos da Infância
www.andi.org.br

Biblioteca Virtual Mulher
www.prossiga.br/bvmulher/cedim

Cadernos de Saúde Pública
www.ensp.fiocruz.br/csp

www.radiofalamulher.com

Cadernos do Ceas
www.peacelink.it/zumbi/news/ceas/home.html

Correio da Cidadania
www.correiocidadania.com.br/

Fire - Radio Internacional Feminista
www.fire.or.cr

Guia de Direitos Humanos - Fontes para jornalistas
www.guiadh.org

Rádio Fala Mulher

Governo

Câmara dos Deputados
www.camara.gov.br

CNDST/Aids - Coordenação Nacional de DST/AIDS
www.aids.gov.br

Conanda - Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança
e do Adolescente
www.mj.gov.br/sedh/conanda/index.htm

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
www.datasus.gov.br/conselho/comissoes/etica/conep.htm

CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social
www.mpas.gov.br/14.asp

CNPCP - Conselho Nacional da Política Criminal
e Penitenciária
www.mj.gov.br/cnpcp

Funasa - Fundo Nacional de Saúde
www.funasa.gov.br

MJ - Ministério da Justiça
www.mj.gov.br/

MS - Ministério da Saúde
www.saude.gov.br/

MT - Ministério do Trabalho
www.mtb.gov.br/

Mulher Governo
www.redegoverno.gov.br/mulhergoverno

Portal Oficial do Governo Brasileiro
www.brasil.gov.br

Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres
www.presidencia.gov.br/spmulheres

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
http://www.presidencia.gov.br/seppir

Senado Federal
www.senado.gov.br/

TSE - Tribunal Superior Eleitoral
www.tse.gov.br/

ONU

OIT - Organização Internacional do Trabalho
www.oit.org/

OMS - Organização Mundial da Saúde
www.who.ch/

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
www.undp.org.br

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
www.unicef.org.br/

UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher
www.unifem.undp.org/

Agências de Cooperação

Action Aid Brasil
www.actionaid.org.br

CERIS - Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social
www.ceris.org.br

Comissão Européia
www.europa.eu.int

Coordenadoria Ecumênica de Serviço
www.cese.org.br

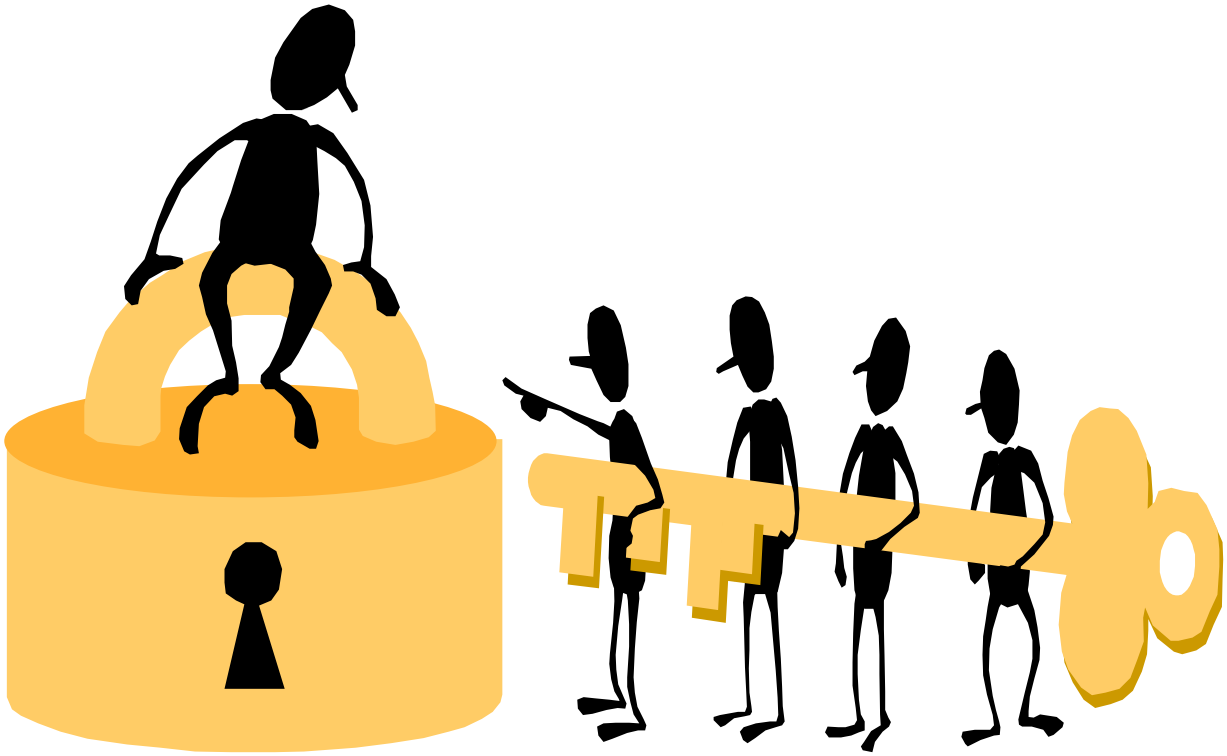
Fundação Heinrich Böll
www.boell.de

FUNDO SAAP
www.fase.org.br/saap

Global Fund for Women
www.globalfundforwomen.org

MAMA-CASH
www.mamacash.nl

FONTE: RITS



FERRAMENTAS

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

OFICINAS DE GÊNERO

Metodologia	*Meta*	***Tempo***	**Material**	*Processo*	**Obs.**
Formação De Redes Sociais	Uma rede é uma aliança entre 2 ou mais grupos de pessoas. Cada grupo permanece autonomo mas coopera com outros grupos em função dos objetivos especificos da rede. As redes sociais são formadas para levar avante o trabalho das organizações ou grupos participantes que, ao se juntarem, aumentam sua força ou expandem seu impacto de alguma forma. Uma rede social pode ser altamente estruturada e formal, ou informal e sem uma estrutura rigida. A estrutura vai depender em parte do objetivo da rede social. Pode have um único objetivo ou pode haver um conjunto de objetivos para uma determinada rede social. Redes foram criadas para divulgar um assunto que preocupasse a todos os membros; para obter recursos para um determinado programa social; para aumentar o apoio politico de um candidato ou para uma determinada política; para aumentar a conscientizacão ou educar o publico sobre assuntos especificos; para dividir trabalho físicos (tomar conta de criancas, limpar quintais, etc); para defender ou protestar contra especificas politicas ou programs que tenahm impacto sobre todos os membros da rede; para discutir assuntos de interesse comum e trocar informações entre os membros da rede.	Uma tarde ou uma manhã	Papel caneta	***Etapa 1***: Identificar o(s) assuntos(s) para os quais se gostaria de criar apoio ou aqueles onde seria interessante expandir os trabalhos. ***Etapa 2***: Identificar os setores da sociedade que tem impacto sobre esses assuntos. Fazer uma lista dos grupos ou instituições que podem, eventualmente compartilhar as perpectivas do grupo ou que tem uma visão complementar sobre o assuntos. Incluir religião, grupos etários, étnicos, ou economicos. ***Etapa 3***: Pedir a todos os membros do seu grupo que pensem sobre uma pessoa que possa juntar-se ao grupo e convidá-la. ***Etapa 4:*** Aumentar o grupo de forma apropriada para estabelecer/formar redes sociais com grupos maiores , em locais diferentes, regionais, nacionais, internacionais . ***Funções das Redes Sociais ou Porquê cria-las***: • Comunicar ideias e informações internamente ao grupo ou externamente; • Desenvolver, a nivel da rede como um todo, uma reflexão analítica, uma visão, e uma estratégia • Levar avante ações em conjunto ou de “advocacy”. • Prover ajuda (social, financeira, física) a grupos locais em situação de crise • Ajudar novas pessoas, comunidades ou grupos em uma area mais ampla (Região, nacional, Internacional) • Tomar decisões sobre objetivos políticos mais abrangentes que devam ser aprovados pelos grupos da rede	Lembrar Quem está envolvido Quais os interesses que estão em jogo? Quem está controlando o processo?

Grupos de Discussão Interesse (Focus)	***Esses grupos são grupos relativamente pequenos (10-15 pessoas) conduzidos por um lider ou facilitador. Eles permitemuma melhor compreensão da comunidade para quem vem de fora, e descrevem melhor o conjunto de perpectivas que existem numa comunidade ou em uma organização local através de discussões em grupo. Grupos de interesse podem ser só de mulheres ou homens ou misturados. Eles podem ser úteis quando são para mulheres ou homens em culturas onde as mulheres não se sentem confortaveis falando para grandes audiências ou na presenca de homens. O mesmo se aplica para problemas relacionados a idade, religião, grupos étinicos , etc, que podes se sentir inibidos ou hesitantes em falr em grupos mistos.*** Os grupos de interesse podem ser usados com vários objetivos: aumentar a conscientização, coletar infromação, analisar, e, em geral, como uma etapa de um processo de desenvolvimento. Podem também ser utilizados para criar linhas do tempo e diretivas gerais junto à comunidade sobre uso de recusrsos naturias, para explorar assuntos realcionados a sexualidade e direitos reprodutivos, e na pesquisa ação para encorajar analise de situações de opressão.. Os grupos de interesse podem ser úteis para mostrar: • Prioridades para ação na comunidade baseadas em gênero, classe, origem étnica e outras marcas de identidade; • O nível e natureza da conscientização em relação aos recusros disponiveis e aos interesses em relação ao meio ambinete tanto de homens quanto de mulheres; • As percepções de mulheres e homens em relação à efetividade institucional Os objetivos de um grupo de interesse são: • Cobrir o maior numero de topicos relevantes; • Prover informacão que é especifica tanto quanto possivel de forma a dirigir a discussão na direção de depoimentos detalhados e concretos dos participantes • Estimular interações que explorem os sentimentos e opiniões dos participantes em certa profundidade • Levar em conta o contexto pessoal a partir do qual os participantes respondem	3 horas	Ter as perguntas que se quer fazer preparadas Tape Video (opcional) Papel caneta	***Etapa 1***: Planejar e escrever as questões antes da oficina. Para uma discussão sem estrutura, 2 tópicos genéricos usualmente deverão aparecer. Para uma discussão estruturada, os facilitadores normalmente trabalham com 4 ou 5 questões com pontos específicos sob cada tópico mais importante. ***Etapa 2***: Em alguns grupos de interesse, cada participante fala uma frase, sem interrupção, no começo da sessão. ***Sugestões para situações com intervenção mínima do facilitador***: • Apresente o tópico inicial seguido por uma discussão sem estrutura • Introduza um segundo tópico, baseado genericamente em pontos levantodso durante a discussão precedente • Permita que a discussão acabe normalmente, somente com um controle sutil de tempo para finalização. *Sugestões para situação com envolvimento maior do facilitador:* • **Seguir uma"receita" durante a discussão; manter a ordem clara e consistentemente** • **Começar com uam discussão estruturada com uma pergunata genérica sem pretensão a uam resposta completa, mas de forma a criar uma agenda de tópicos dentro dos limites da ""receita"** • **Evitar comentários que não se encaixem no estágio específico da discussão, mas reintroduzir-los em determinados pontos, i.e., quando fizerem sentido, pro exemplo: "eu me lembro que voce mencionou algo diferente há algum tempo atrás na discussão, e gostaria de saber como se encaixaria essa sua observação na discussão que estamos tendo agora".** • **Finalizar a sessão com um sumário final com declarações/conclusões dos participantes.** *Exemplo de idéias para questões para grupos de discussão/interesse para pescadores:Tipos de questões organizacionais que podem ser adaptadas para quaiquer grupos;* • Qual é o objetivo da associação dos pescadores? • Que recursos financeiros tema associação? Quem sustenta a associação? • Como se faz o recrutamento e se organizam as pessoas? • Como variam as responsabilidades entre homens e mulheres na organização?Como a organização toma decisões?	LEMBRAR Incluir todas as pessoas nas discussões Divisões sempre existem. Mesmo em grupos do mesmo sexo Evitar questoes fechadas (sim ou não)

				Algumas questões específicas sobre as atividades: • Como o acesso a atividade de pesca mudou nesta area nos ultimos 10 anos?Quanto a pesca é afetada pela erosão? • Como a pescaria se encaixa nas suas outras atividades de geração de renda?Como voce acha que será a atividade da pesca nessa região daqui a 5 anos?	

<table>
<tr>
<td>Mapeamento De Recursos e seu uso por gênero

Continuação</td>
<td>Mapas e as notas tomadas durante esta oficina irão fornecer uma clara linha de itersse para futuras discussões com a comunidade e para ajudar as pessoas que vem de for a a compreender como as mulheres e os homens vêem theri proprios recursos e como isso pode ser diferente das percepcões de alguém de fora ou de resultados de pesquisas formais. Essas informações podem ser peças-chave para o desenvolvimento de uma compreensão mútua durante as discussões entre os diversos interessados em projetos de desenvolvimento, ou seja, membros da comunidade, pesquisadores, fazendeiros, pescadores. A informação colhida deverá ajudar também na discussão sobre o conhecimento e as práticas locais, sobre a escolha de lugares, certas especies de plantas, etc., seja em determinados projetos de desenvolvimento, mudanças de uso do solo, planejamento ambinetal ou no contexto de organizações comunitárias.
O mapeamento de recurosos por genero pode identificar e apresentar as diferencas que exitem entre homens e mulheres em relacão aos uso, acesso e controle dos recuros . Essa metodologia pode ser utilizada in escalas diferentes – a nível domestico (dentro da família), a nivels da comunidade, regional ou mesmo nacional. É uma forma dramática de se trazer à tona assuntos relacionados com as diferencas entre homens e mulheres enquanto responsabilidades, trabalho, uso da terra, o impacto da tecnologia e mostrar as diferencas de distribuição no acesso e controle aos recursos. Essa ferramenta pode ajudar a mudar procedimentos administrativos ou mudar códigos e leis em relação a propriedade e emprestimos, e outros protocolos. Pode também ser útil para informar novas tecnologias, ao planejamento do uso do solo, à codificação do uso de recursos naturais.</td>
<td>3

ou

4 horas</td>
<td>Folhas grandes de papel

Canetas durex</td>
<td>A informação para o desenho dos mapas pode ser obtida a partir das informantes-chave, entrevistas com famílias, ou entervistas com grupos de interesses. Um inventário da paisagem, dos usos da solo e de quem usa certas áreas vai prover a base para o maepamento de recursos por gênero.
Etapa :
Listar os maiores grupos de vegetação, usao do solo e propriedade. Por exemplo, uma pessoa pode selecionar, da lista abaixo, quais são as categorias relevantes de uso do solo e cobertura vegetal para incluir no desenho (nem todas estão descritas):
<table>
<tr><td>Floresta</td><td>Areas de conservação</td></tr>
<tr><td>Mata/vereda</td><td>Areas de coleta de lenha</td></tr>
<tr><td>Campo/capoeira</td><td>pasto</td></tr>
<tr><td>Capinzal</td><td>jardins</td></tr>
<tr><td>Colheitas anuais</td><td>plantações</td></tr>
<tr><td>Colheitas rotativas</td><td>cercas</td></tr>
<tr><td>Solo nu</td><td>Limites de propriedades</td></tr>
<tr><td>Barranca do rio</td><td>Mercados publicos/feiras</td></tr>
<tr><td>lagoas</td><td>pocos</td></tr>
<tr><td>Estradas e caminhos</td><td>Minas de água</td></tr>
</table>
Essas categrorias variam de lugar para lugar, dependendo do tipo de cobertura vegetal e da diversidade do usos da terra. Por exemplo, em alguns casos, poderá haver dois tipos de florestas ou matas, uma densa, protegida e outra aberta, não protegida e em uso. Na mesma área, poderá haver vários tipos de colheita permanenete, por exemplo, bananas, pomareas de laranja e limões hortas, café, etc.
Etapa 2
Quem são as pessoas que usam as terras? Identificar os grupos que usama terra no particular contexto da região/área. Os usuários podem ser simplemente homnes e mulheres, ou uma combinacão de homem/mulher, adultos/idosos, ec. Podem também envolver atividades de sobrevicência, posse e grupos sociais (Tabela anexa 1). Listar e nemar todos os grupos usuários para esse exercício específico.
Etapa 3:
Em uma folha separada, colocar os tipos de cobertura vegetal ou</td>
<td>Lembrar:
É melhor produzir desenhos em uma área que se possa andar ou conhecer a pé.
O que um homem acha ser uma erva daninha, uma mulher pode ver como uma erva para cura; a utilidade está nos olhos de quem vê (proverbio africano)</td>
</tr>
</table>

Mapeamento De Recursos e seu uso por gênero				uso da terra em uma planta da área (assinalar através de manchas). Etapa 4 Na Tabela 2, colocar quem usa e quem controla esses usos assinalados no mapa ***Etapa 5:*** Fazer desenhos detalhados e inventário. Desenhar simbolos para as plantas, água, edificacões, animais, etc. Escrever na Matriz que lugares, plaaantas e produtos são controlados, utilizados e manejados pro diferents grupos (homens, mulheres, fazendeiro,s etc). Quem é responsável por manter o recurso ou para sustentar a família? Usar simbolos para homens e mulheres junto aos tipos de cobertura da terra na lista, assinalando "quem" trabalha (T), quem "controla" (C) e quem tem a responsabilidade de provedor (R). ***Etapa 6:*** Usar os desenhos e tableas para orientar as discussões sobre planejamento com individuos e grupoas comunit;arios, ou com pessoal técnico de forma a incorporar as necessidades, interesses e preocupacões diversas de mulheres e homens no manejo dos recursos. ***Etapa 7***: Rever os desenhos e a Tabela 3 com os participantes e discutir as possibilidades de possiveis arranjos para compartilhamento de uso e ususários dos recursos.	
Mapeamento das redes sociais	Doar, emprestar ou fazer trocas de tarefas, materiais e outros recursos acontecem em muitas comunidades como resultado de uma 'serie complexa de ligacões culturais, economicoas e sociais. O mapeamento dessas "redes" pode ajudar aos facilitadores e pesquisadores a entendê-las e também às necessidades dos membros da comunidade. E além do mais, permite aos facilitadores ver quem, no caso de isso estar acontecendo, está excluido dessas redes. Esta erramenta revela também os itens mais importantes nas trocas. O mapa pode também ser usado para mlehor compreender as ligacões entre grupos (etnicos, etários, religiosos, etc) e entre comunidades adjacentes. É importante usar esta ferramente desde o comeco. Muitas equipes de projetos fazem contato com alguns membros da	Grande folhas de papel Peças de papelão Caneta colorida Durex	Giz colorido quadro negro	Como as redes sociais de homens e mulheres diferem, pode ser adequado fazer 2 mapas separados. AS redes podem também ser diferentes de acordo com a religião, etnicidades, status economico ou outros fatores. ***Etapa 1:*** Solicitar a um representanted e grupo (3 homesn e 3 mulheres) da comunidade para definir o que é família ou grupo familiar dentro do contexto local e regional. Pedir ao mesmo grupo que liste os recursos mais importantes rocados entre familias. Selecionar não mais do que 8 familias para o mapeamento. Escrever o nome da familia ou de seus membros em um cartão para o exervcicio ***Etapa 2;*** Desenhar as fronteiras da comuidade, comunidades vizinhas . Colar os cartoes no papel de acordo com as localizacões real das	LEMBRAR: Usar esta ferramenta com representantes de não mais do que 8 familias. O objetivo desta ferramenta sim visualizar se há familias excluidas dessa rede.

	comunidade assumindo que a comunidade é uma unidade. É também util verificar se há diferentes sistemas de informação para homens e mulheres. De maneira geral, mulheres trocam informação somente entre mulheres dentro do grupo familiar. Diferentemente de homens, as mulheres em algumas áreas, sem o estímulo e encorajamento de pessoas de fora, não participam de encontros e reuniões comunitárias.			familias nas comunidade,mas deixar espaco entre os cartoes. Alguns facilitadores acham que é mais fácil entender as redes se se coloca as casas em um circulo ao inves de sua localizacao exata. Em alguns caso, um diagrama pode ser util, em outros um mapa pode ser mais apropriadao, dependendo da escala. ***Etapa 3:*** Perguntart a cada representante de familia que tipo de relacionamento liga sua familia às outras. Listar os tios de recursos que cada mulher ou homem fazem trocas. Usando lapis/caneta colorida ou com tipos diferentes de linhas, indicar o que cada memebro de cada famlia troca com os outros. Desenhar flechas direcionais mostrnado se a troca é reciproca ou só em uma direcão.	
Análise Do Perfil De gênero	O objetivo é aumentar a conscientização sobre quem é reponsável pro que atividades na comunidade e proquê, através de grupos de interesse/discussão ou discussão em genral na comunidade. Isso pode ajudar a esclarecer as razões que estão por trás da divisão dos trabalhso entre homens e mulheres e o controle sobre os recursos existentes na comunidade.	2 horas	Canetas Papel Tape	***Etapa 1***: Solicitar ao grupo a elaboração de uma lista de atividades comunitárias, voluntárias, tais como: • Manutenção de escola (creche, parquinho, etc, não mantidos pela prefeitura) • Arrecadar dinheiro para atividades ou equipamentos extras para escolas/creches, etc.; • Trabalhos comunitários; • Reuniões da comunidade; • Trabalhos voluntários e de manutenção de clínicas e postos de saúde, campanhas de vacinação; • Envolvimento com projetos que afetam a comunidade (de ONGs, universidades, etc); • Atividades politicas; • Trabalho no preparo das celebrações e festividades comunitárias; • Liderança nas organizações comunitárias; • Participação nas organizações comunitárias; • Liderança nas tomadas de decisões ao nível da comunidade; • Plantio de árvores em lugares públicos (com mudas doadas ou por iniciativa da comunidade) • Reformas da igreja, dos templos • Outras ***Etapa 2:*** Após os participantes terem identificados as atividades, perguntar	

Continuação *Análise* *Do* *Perfil* *De* *gênero*				–lhes quem são os responsáveis pelas atividades: • Meninos/meninas • Mulheres/homens • Idosos/idosas Após identificar-se quem faz o trabalho, perguntar porquê – por razões religionsas, culturias, políticas, de educação, legais, ou outras quaisquer. Algumas questões-chave para discussão são: • Porque um sexo (genero) (ou raça, ou classe) faz tal atividade e não outras? • Quais são as implicações de um genero fazer uma coisa e outro não? • A atividade tem algum tipo de remuneração? • Quanto a comunidade valoriza esse trabalho? • As pessoas que realizam o trabalho, se beneficiam dele? De que forma? • Houve mudança de papéis em relação a quem faz o quê nos últimos anos? Por quê? ***Etapa 3:*** Repetir o mesmo exercício para atividades reprodutivas e produtivas, que incluem: *Reprodutivas*: Gerar e cuidar das crianças Tomar contas das pessoas doentes na familia Tomar conta dos idosos; Buscar água/madeira quando necessário para a casa; Cozinhar Limpar **Produtivas** Trabalho na lavoura ou pesca (auto emprego) Trabalho assalariado, ou pago em espécie: - Indústria - Comércio - Agricultura - Serviços Preparo de alimentos e preparo para vendas Artesanato para uso caseiro e para vender	

Mitos *De* *gênero*	Uma discussão sobe as percepções sobre homesn e mulheres pode ajudar a revelar os mitos que existem em relação aos genero das pessoas. Um mito relacionado a gnereo pode vir de uma lenda que atribuia uma determinada caracterisitca a homens ou a mulheres.Pode ser tambem uma ideia ou uma percepção que tenah sido reforçada em uma determinada cultura. Mitos ou estereotipos muitas vezes reforçam os papéis e responsabilidades atribuídos a um específico gênero e as desigualdades das relações entre homens e mulheres. Além do mais, eles podem prevenir que tanto homens quanto mulheres se envolvam em determinadas atividades, alcancem certas posições de autoridade ou ganhem acesso e controle sobre recursos e informações. Aumentar a conscientização sobre os mitos de genêro e seus impactos sobre ambos, mulheres e homens, contribui para que se desafie e talvez se mude alguns desses estereótipos. Discutir estereótipos de genero com membros de instituições governamentais, ONGs, e agências locais é também bastante útil porque são esses grupos de pessoas que definem e implementam politicas, programas e estratégias que mantêm certos valores culturais.	2 horas para grupos sepadados de homens e mulheres, seguido por uma sessão de 1 h, mais tarde, com homens e mulheres juntos, com pessoal da comunidade e da administração municipal	Papel Cane-tas	***Etapa 1***: Antes das discussões, preparar exemplos de percepções estereotípicas (mitos de gênero) sobre homens e sobre mulheres, no caso do grupo se sentir inseguro sobre o que se está querendo dizer. Alguns exemplos de percepções populares são: • Homens trabalham; mulheres são donas de casa; • Mulheres são emocionais;homens são racionais; • Mulheres são fracas, homens são fortes; • Homens trazem mais dinheiro para casa; • Mulheres são tímidas, não tem muito conhecimento das coisas e são difíceis de conversar; homens são fáceis de conversar e sabem mais sobre o que está acontecendo; • Homens gastam dinheiro e bebem, mulheres tomam conta da casa. ***Etapa 2***: Fazer reuniões separadas com homens e mulheres. Envolver os participantes, variando idade, educação, classe social, grupo étnico de forma a assegurar a maior variedade de percepções possível. Pedir ao grupo que descreva suas percepções culturais sobre homens e mulheres. Uma das formas de fazer com que as idéias comecem a aflorar é perguntando aos participantes provérbios e histórias locais ou cantigas sobre homens e mulheres. Outro método é solicitar aos partipantes que usem figuras ou simbolos para representar suas percepções. Por exemplo, uma ferramenta agrícola pode representar um grande conhecimento sobre lavoura, ou uma estrela pode significar liderança. Símbolos são outra forma	
Mapeamento do corpo	Os conceitos de prazer e dor são universais. Entretanto a expressão de nossos sentimentos diferem dentro e entre culturas, classes e gênero. Uma vez que os papéis de homens e mulheres em muitas culturas estão intimamente ligados aos processos biológicos e às experiências físicas, as idéias sobre o corpo são um componente importante da própria identidade (auto conceito). Ao discutir conceitos relacionados a trabalho, sexo, e reprodução se tem uma oportunidade de explorar como as pessoas se vêem tanto como seres sexuais como também seres sociais com gêneros diferentes (gendered beings). Esta oficina cria um espaço para explorar as percepções das	Um dia	Folhas grandes de Papel Canetas coloridas crayons	Este exercicio precisa ser feito em grupos de separados, de mulheres com facilitaoras mulheres e de homens com facilitadores homens. Grupos de no máximo 10 pessoas são recomendados. ***Etapa 1:*** Fazer um desenho do contorno corpo de uma mulher (ou de um homem) , de frente e de tras. Todas as pessoas se sentam as redor do desenho e pensam em como usam seu proprio corpo. *Etapa 2:* Pergunatr ao grupo: "O que nos dá dor"Onde estão as fontes de dor?"Pedir aos participantes para colorir de vermelho as partes do	Lembrar: Discutindo dor e prazer é uma forma de se discutir tópicos mais dificies como poder, iguladade e direito reprodutivos

Continuação ***Mapeamento do corpo***	pessoas em relação às suas limitações e seu poder. Em "interpretando' suas próprias vidas e compartilhando suas experiências pessoais, elas começam a questionar as normas e valores e os papéis atribuidos a elas por uma sociedade patriarcal. Elas movem de uma posição de aceitação – "isso sempre foi assim" – para uma posição "é preciso achar uma forma de mudar essas desigualdades". Entretanto, essa atividade não é um fim em si mesma. Ela simplesmente provê um mecanismo para discussão. Cria um ambiente para reflexão e introspecção e requer um habilidoso facilitador para conduzir a discussão em direção a uma análise conceitual. Este processo requer tempo, porisso recomenda-se um dia para que o desenvolvimento da oficina ocorra espontâneamente, sem uma agenda rígida. Se, ao final do dia, os particintes tiverem levantado e refletido um numero significativo de questoes, pode-se considerar que é a oficina foi um bom começo.			corpo que são fonte de dor *Etapa 3:* "Como o corpo é afetado pelo cansaço ou pelo estresse do trabalho que você faz? "Pedir para que segue marcado em vermelho onde estão as partes do corpo afetadas pelo trabalho. *Etapa 4:* "O que nos dá prazer? Onde vocês sentem prazer? Quais partes do seu corpo você gosta? Quais zsão as partes do seu corpo que ajudam você a sentir prazer? Pedir que essas partes sejam pintas em verde.	

TABELA 2

Matriz para análise do uso de recursos por genêro

LUGAR	QUEM CONTROLA	QUEM USA	QUEM TRABALHA	QUEM É RESPONSÁVEL PELO MANEJO E/OU PELA PROVISÃO DO RECURSO
Uso da terra/cobertura				
Água				
Plantas				
Animais				
Produtos				
Edificacões				
Outras infraestruturas				
Ferramentas				

TABELA 3

Opções de tecnologia para usuários múltiplos

Tecnologias paralelas (em áreas separadas)

Caso os usos sejam mutuamente exclusivo (exemplo, se coletar lenha significa deixar de produzir frutas)

Caso os usuários não sejam compatíveis (de forma equalitária) (exemplo: se o proprietário nega acesso a lenha produzida pro a'rvores depois de serem colhidos os frutos)

Tecnologias interligadas

Caso usos e usuários são condicionalmente compatíveis (exemplos: - mesmo área ou plantas, com épocas diferentes de acesso; mesma área, plantas diferentes; mesmas plantas, produtos diferents)

Tecnologias totalmente compartilhadas

Compativeis e com feito mutuo neutro

(exemplo: 2 usuários colhem o mesmo produto de uma área comum cercada; grande producão, cerca eficiente, nenhuma competicão/conflito)

Compatíveis e mutualmente benéficas (exemplo: tipos complementaes de trabalho, compartilhamento de colheitas do mesmo produto)

Planejamento de Gênero – Projeto PPA

Exercício

Objetivo: aplicar os conceitos de gênero aos diversos aspectos de programAs e projetos

1. Trabalhando em grupos designados, identificar os seguintes aspectos em relação ao projeto:

a) o impacto potencial do projeto, a nível de domicílio sobre:
   i) homens e mulheres no seu papel produtivo
   ii) mulheres no seu papale reprodutivo

b) o impacto potencial do projeto ao nível da comunidade, em relação a:
   i) as mulheres no seu papael de gerenciamento comunitário
   ii) os homesn no seu papel de fazer as políticas comunitárias

c) necessidades de gênero práticas e estratégicas
   i) identificar quais as necessiades de gênero que o projeto deverá atender

2. Anote os problemas identificados no projeto. Complete sua análise de gênero organizando e refinando estes problemas, e apresentando-os numa hierarquia de causa-e-efeito. Utilize a Tabela no verso desta folha

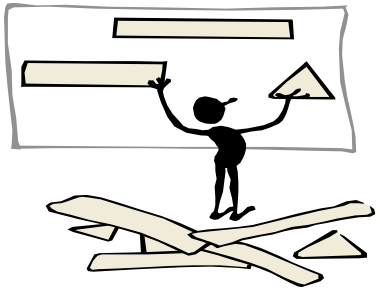
Planejando o processo de planejamento

TA BELA DO PROCESSO COMPLETO

AS ETAPAS	N-1 Planejar o Planejamento do Plano	N Planejar o Plano	N+1 Planejar a implementação do Plano
AS QUESTÕES			
..Definição do problema			
2. Definição da meta			
3. Procurando e organizando as informações			
4. Geração de idéias			
5. Geração de opções			
6. Análise das opções			
7. Definição dos resultados do processo de planejamento			

TABELA 2 : A ETAPA N-1

ETAPA	N-1 Planejar o Planejamento do Plano	
AS QUESTÕES		PARTICIPANTES
1.Definição do problema	Não há clareza de como se irá desenvolver o processo de *planejar* o estabelecimento de um projeto XXXXX. Tarefa: discutir esse postulado e esclarecer quaisquer pontos de discordância	
2. Definição da meta	A meta pode ser estabelecida como: *a definição clara e concisa do Processo de Planejamento a ser seguido para o estabelecimento do PProjeto XXXXX*. A priori pode-se considerar algumas premissas básicas a serem obedecidas: o processo de planejamento deve incluir todos os interessados (ser participativo), não deve desencadear conflitos, deve ser objetivo, e deve resultar em um documento claro e conciso que estabeleça os passos a serem seguidos na etapa seguinte, isto é, o planejamento do plano de zoneamento. Tarefa: discutir essas premissas, propondo mudanças caso não haja concordância	
3. Procurando e organizando as informações	Discutir como as informações necessárias poderão ser complementadas, considerando-se que a esta altura já se dispõe de praticamente todas as informações necessárias para estabelecer um Projeto XXXXX. Estabelecer responsabilidades pela eventual busca de dados complementares, caso isso venha a ser necessário durante a discussão dos dados existentes (próxima etapa). Incluir o que já foi coletado por programas existentes. Também deverá ser discutido o formato com que os dados utilizados devem ser organizados, tendo em vista a disseminação da metoodologia e facilidade de consulta e eventual ajuste do banco de dados.	
4. Geração de idéias	Discussão das diversas maneiras através das quais se poderá envolver um maior número de interessados para a geração de idéias, ou seja atividades e maneiras de se alcançar a meta estabelecida. Uma idéia inicial é a incorporação das idéias geradas pelo programa XXXX. Na discussão de outras maneiras, deve-se levar em conta o curto prazo disponível; assim sendo, sugestões que demandem um longo tempo para a coleta das informações necessárias deverão ser descartadas. Sugestões: oficinas de consulta e brainstorming, elicitando idéias através de técnicas de participação. Visitas de campo seguidas de seminários curtos, etc.	
5. Geração de opções	O desafio aqui é estabelecer uma forma de hierarquizar as idéias geradas de forma a constituirem opções, factíveis de serem analisadas atráves de prós e cons. Uma das sugestões seria definir claramente as implicações políticas de cada idéia e verificar sua possibilidade de implementação; outra seria analisar o nível de independência que o municipio tem de implementar a idéia (i.e., o estado terá que ser envolvido na implementação, etc); outra ainda seria qual a equidade implícita na idéia (i.e., todos serão igualmente ouvidos? Todas as suas necessidades consideradas?); qual o valor educacional para a comunidade que a idéia incorpora? etc., etc.	
6. Análise das opções	A partir do estabelecimento claro das opções possíveis, é necessário definir como essas opções serão analisadas. Uma sugestão é organizar uma matriz cruzando as opões com a meta estabelecida; outra seria definir critérios que claramente indiquem a adequação da opção, por exemplo: é uma opção dentro do poder local? as pessoas estão preparadas para desenvolve-la ?, etc. etc.	
7. Definição dos resultados do processo de planejamento	Aqui o que se busca é a definição do arcabouço que irá orientar a feitura do Projeto XXXXX. Cabe aqui uma descrição do produto final que deve emergir do processo de planejamento: uma série de passos, com respectivas questões e atividades sugeridas que irão parametrar a elaboração do Plano de Zoneamento.	



Lista de COMPONENTES E PRINCÍPIOS RELACIONADOS A GÊNERO EM UM PROJETO DE DESENVOLVIMENTO

1. Identificação do problema

- *A consulta à comunidade e a avaliação das necessidades comunitárias na área de desenvolvimento levou em consideração os problemas específicos enfrentados por mulheres, crianças, idosos, inválidos e grupos étnicos minoritários na comunidade?*
- Foi analisado como os problemas detectados nas comunidades participantes afetam diferentemente homens, mulheres, crianças e outros grupos minoritários?
- As mulheres foram envolvidas nas consultas e na avaliaçãos das necessidades?
- A avaliação das necessidades considerou como a posição das mulheres na comunidade e a sua carga de trabalho irão ser afetadas pela sua participação no projeto?

2. Objetivos do Projeto

- *Os objetivos do projeto refletem as metas e as necessidades identificadas pelas lideranças femininas e por membros da comunidade?*
- O projeto deixa claro que a participação ativa das mulheres e seu papel na tomada de decisões são críticos ao sucesso do projeto?
- As metas e objetivos do projeto deixam claro e explícito que os benefícios deverão igualmente extendidos a mulheres e homens da comunidade?
- As metas e objetivos do projeto deixam claro que mulheres e homens terão igual oportunidade na utilização dos recursos proporcionados pelo projeto bem como oportunidades iguais de aprendizado, i.e., treinamento, capacitação em termos de recursos humanos?
- De que forma o projeto conduz ao empoderamento das mulheres, i.e., o compartilhamento do poder para tomar decisões, melhores oportunidades de geração de renda, melhoria nas condições de trabalho, aprimoramento dos aspectos relacionados à liderança, etc. na comunidade?

- Algum dos objetivos do projeto contesta a divisão do trabalho, distribuição de recursos/tarefas/oportunidades/carga de trabalho e responsabilidades em termos de gênero?

3. Estratégia do projeto

- As mulheres residentes nas comunidades envolvidas foram consultadas em relação as estratégias ou maneiras mais adequadas de se lidar com os problemas e necessidades detectadas, ou mesmo em relação à consecução dos objetivos e metas do projeto?
- As estratégias do projeto levam em consideração a melhor forma de incorporar a contribuição não-material das mulheres, tais como conhecimentoss específicos (inclusive em termos do meio ambiente) e relacionamentos sociais de cooperação, ajuda mútua e confiança existentes?
- As estratégias do projeto estão voltadas unicamente para a provisão de 'benefícios' para as mulheres, ou também envolvem a participação ativa das mulheres e seu empoderamento junto à comunidade?
- As estratégias do projeto consideram como serão envolvidas as mulheres cuja carga de trabalho doméstico (família, crianças) prejudica sua participação em atividades comunitárias?

4. Administração do projeto

- Existe uma posição clara em relação à administração do projeto em relação à participação igualitária de homens e mulheres durante todos os estágios de implementação do projeto?
- Mulheres e homens residentes das comunidades participantes estão igualmente representados nos comitês de implementação/administração do projeto?
- Existe necessidade de treinamento administrativo específico em relação a conscientização de gênero e análise de gênero? Se existe, isso já foi providenciado?
- A administração do projeto tem recebido apoio em relação aos recursos humanos e treinamento para administrar e monitorar os componentes do projeto referentes a gênero e a participação das mulheres?

5. Implementação do projeto

- As mulheres estão incluídas na equipe de implementação do projeto? As mulheres que participam da equipe de implementação estão conscientizadas das ligações/conexões entre gênero, meio ambiente, desenvolvimento e manejo de recursos naturais?
- Mulheres estão incluidas entre os grupos-alvo do projeto?
- Os métodos de implementação utilizados pelo projeto usam adequadamente os relacionamentos sociais e organizações de mulheres já existentes, por exemplo: clube de mães, grupos religiosos, organizações político-partidárias?
- Foram estabelecidos métodos para monitorar o progresso do projeto em relação aos assuntos relacionados às mulheres, por exemplo, aumento da conscientização da conexão entre gênero, meio ambiente, desenvolvimento e recursos naturais; incremento da participação na administração e implementação do projeto; aumento da influência nos processos de tomada de decisão tanto a nível do projeto quanto ao nível da comunidade?

6. Resultados do projeto

- As mulheres estão recebendo igual proporção de benefícios e oportunidades gerados pelo projeto em relação aos obtidos pelos homens? O projeto está revendo eventuais desbalanceamentos na distribuição previamente estabelecida de benefícios e oportunidades?
- O projeto está proporcionando às mulheres um sentido de maior participação em relação aos assuntos referentes ao manejo participativo de recursos naturais? O projeto proporciona às mulheres uma melhor compreensão das conexões entre gênero, meio ambiente, pobreza, urbanização, e desenvolvimento?
- Quais são os efeitos do projeto, a longo prazo, em termos do aumento da habilidade das mulheres em assumir o manejo participativo de recursos naturais, e em melhorar suas vidas e a vida da comunidade através da compreensão da sua situação e da ação coletiva em termos de procurar soluções para seus problemas?

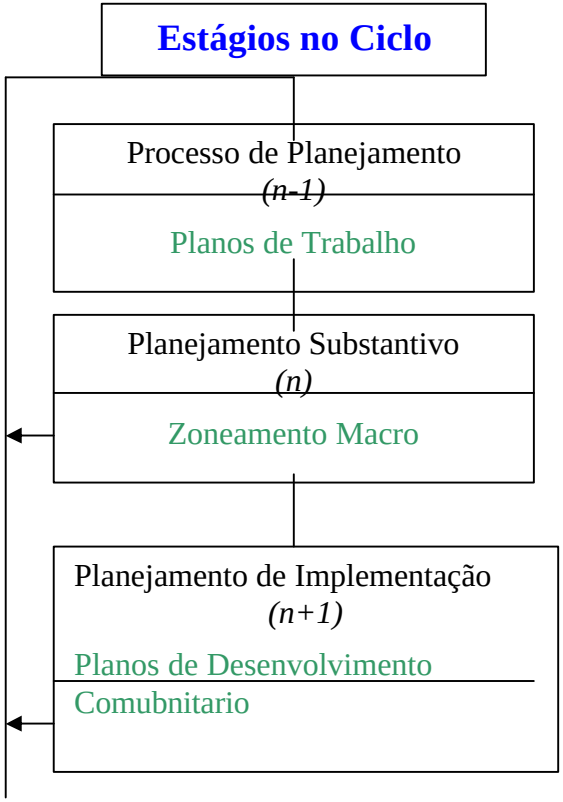
Tabela do Exercício Planejamento de Gênero – Projeto GEPAM Santo André

npactos potenciais ao nível do domicílio			Impactos potenciais ao nível da comunidade		Necessidades potenciais de gênero atendidas	
Produtivo		Reprodutivo	Gerenciamento	Políticas	Práticas	Estratégicas
Homens	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Homens		

BIOMAPAS COMUNITÁRIOS: TABELA DE TAREFAS

PASSOS:	RESPONSÁVEL	OUTR0S PARTICIPANTES	DATA	DURAÇÃO	LUGAR	MATERIAIS
A. Levantamento das informações existentes através de áreas da prefeitura (mapa das ruas e da topografia, e também outra informação técnica relevante como as categorias de proteção)						
B. Criacao da mapa de base para as oficinas						
C. Elaboração das passos especificos das oficinas de Biomapas						
D. Divulgação						
E.Desenvolvimento						
E.1 Planificação com a comunidade						
E.2 Oficina de mapeamento, com uma tema mais geral : -equipes de vários quarteirões (ou outra divisão apropriada); -vistoria da área com documentação de máquinas fotográficas; -discutir e colocar as informacoes, decisões de representacão visual, verificação de mapas; -apresentação aberta a todos para análise critica e para colocar novas informações						
F. Apresentação pública dos mapas						
D. Levantamento das avaliações das experiências dos participantes (planejadores e cidadãos)						
E. Organizacão do material						
F. Criacão do produto final (livro/ atlas sobre o processo de biomapas)						

O CICLO DE PLANEJAMENTO



Passos em Cada Estágio

1 Defina a Tarefa a Planejar

2 Identifique as Metas

3 Avalie os Fatos

4 Gere Idéias

5 Organize Idéias em Opções

6 Avalie as Opções – Pros e Contras

7 Tome uma Decisão

OPÇÕES	**METAS**					
	Factível em termos de custos	**Atende a todas as culturas**	**Três meses**	**Cria empregos**	**Crianças**	**Pontos Final**
Segurança	4	1	4	2	4	15
Espaço Comunitário	1	4	1	3	3	12
Transporte Coletivo	3	2	3	1	1	10
Serviço Social	2	3	2	4	2	13

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES